



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

**Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-
Escolar: A Documentação Pedagógica como Estratégia
de Comunicação com as Famílias**

Inês Pires Fernandes Ferreira

Orientação: Professora Doutora Ana Artur Marques

Mestrado em Educação Pré-escolar

Relatório de Estágio

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar: A Documentação Pedagógica como Estratégia de Comunicação com as Famílias

Inês Pires Fernandes Ferreira

Orientação: Professora Doutora Ana Artur Marques

Mestrado em Educação Pré-escolar

Relatório de Estágio

Évora, 2018

“Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem a serenidade para esvaziar e sensibilidade para aprender”.

(Augusto Cury, 2003)

Agradecimentos

A concretização deste relatório, define o final de uma etapa muito importante da minha vida, pois engloba a concretização de um sonho. Recordo com alguma nostalgia e satisfação toda esta etapa que teve um longo processo de aprendizagem, crescimento pessoal e profissional. Mas a realização deste relatório não seria possível sem o apoio de todos aqueles que, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, contribuíram para que se tornasse uma realidade.

Gostaria de agradecer, em particular, à minha mãe, que se revelou incansável, em todos os sentidos, facultando-me grande apoio emocional, compreensão e incentivo, acreditando sempre no meu potencial, como por todos os grandes valores que me transmitiu. Quero também expressar o meu infinito agradecimento à minha família, por estarem sempre ao meu lado e aceitarem todas as minhas escolhas.

Agradeço também às colegas que viveram comigo ao longo destes 5 anos de Universidade, em que partilharam o dia-a-dia comigo, sempre me transmitiram grande apoio, encorajaram-me em todos os momentos difíceis, pelos longos períodos de conversa, pela boa disposição e pelas amizades que ficaram.

Agradeço às minhas amigas e colegas do curso, pelo caminho que percorremos juntas e pelas boas memórias que me deixaram.

Às crianças e à equipa educativa da instituição Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade, que me fizeram sentir parte da mesma, me acolheram de uma forma calorosa, onde aprendi e cresci muito enquanto pessoa e profissional, muito obrigada.

Outro agradecimento à minha orientadora, professora Ana Artur que sempre se mostrou disponível, compreensiva e por todas as suas palavras de incentivo. A todos os professores que tive oportunidade de ter ao longo da minha vida académica e que me passaram os seus saberes e que foram importantes para a minha formação.

A todos os outros que não especifiquei, mas que partilharam este caminho comigo: o meu obrigada.

Índice

Agradecimentos	IV
Resumo	VII
Abstract.....	VIII
Índice de figuras.....	IX
Índice de tabelas	XII
Introdução.....	13
1 - O Processo Investigativo	17
1.1 A investigação-ação como estratégia de desenvolvimento profissional	17
1.2. Identificação do problema	20
1.3. Identificação dos objetivos	21
1.4. Instrumentos de recolha de dados	21
1.4.1. Caderno de formação	22
1.4.2. Planificações	22
1.4.3. Fotografias	23
1.4.4. Questionários aos pais.....	24
2 - Enquadramento teórico.....	25
2.1. A documentação pedagógica no contexto da educação de infância	25
2.1.1. O que é a documentação pedagógica	25
2.1.2. Para que serve a documentação pedagógica	25
2.1.3. O processo de documentar.....	29
2.1.4. Exemplos de documentação.....	31
2.1.5. A documentação- uma estratégia de interação com a família.....	36
3- Caracterização da instituição	37
4 - A intervenção nos contextos de educação de infância	39
4.1. Conceção da ação educativa em creche	39

4.1.1. Caraterização do grupo.....	39
4.1.2. Fundamentos da ação educativa	45
4.1.3. Caraterização do cenário educativo	47
4.1.4. Caraterização da rotina.....	54
4.2. Conceção da ação educativa em jardim de infância	56
4.2.1. Caraterização do grupo.....	56
4.2.2. Fundamentos da ação educativa	61
4.2.3. Caraterização do cenário educativo	64
4.2.4. Caraterização da rotina.....	71
5 - A documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias	74
5.1. A comunicação com a família em creche	74
5.2. A comunicação com a família em jardim de infância	80
5.3. Perspetivas dos pais em relação à documentação pedagógica	88
5.3.1. Análise dos questionários	88
5.3.1.1. O que as mães disseram sobre a comunicação através da documentação em creche	89
5.3.1.2. O que as mães disseram sobre a comunicação através da documentação em jardim de infância.....	94
6 - Considerações finais	99
7 - Referências Bibliográficas	103
8 - Apêndices.....	106
8.1. Apêndices A: Registos feitos em creche	107
8.2. Apêndices B: Registos feitos em jardim de infância- “O que estive a fazer...”	122
8.3. Apêndices C: Repostas aos questionários feitos em creche.....	148
8.4. Apêndices D: Repostas aos questionários feitos em jardim de infância	153

Resumo

Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar: A Documentação Pedagógica como Estratégia de Comunicação com as Famílias

O presente relatório decorre do trabalho desenvolvido na dimensão investigativa da Prática de Ensino Supervisionada em Creche e Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de infância, do Mestrado em Educação Pré-Escolar. O foco de interesse, análise e intervenção a que se reporta o estudo diz respeito à documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias. Procurou-se potenciar a interação e a comunicação com as famílias e intencionalizar a ação educativa, utilizando diferentes modos de documentar as aprendizagens das crianças. O estudo suportou-se na metodologia de investigação-ação e utilizou como instrumentos de recolha de dados: notas de campo e reflexões; planificações; inquérito por questionário, fotografia e vídeo. A intervenção assim sustentada permitiu concretizar alterações nos contextos de prática que contribuíram para comunicar com as famílias e otimizar a intervenção nos contextos de prática. O processo reflexivo em que nos envolvemos e a documentação produzida foram fundamentais para a aprendizagem profissional.

Palavras chave: Documentação Pedagógica; Educação de Infância; Intencionalidade Educativa; famílias

Abstract

Supervised Teaching Practice in Pre-school Education: Pedagogical documentation as a strategy to communicate with families

This report follows the developed work on the research dimension of the **Supervised Teaching Practice in Pre-School Education**, of the Masters in Pre-School Education. The focus, analysis and intervention reported refer to the pedagogical documentation as a strategy of communication with the families. By using different ways of documenting children's learnings, we aimed to strengthen interaction and communication with the families, targeting the educational action. The study was supported in the action-research methodology and used the following resources for gathering data: field notes and reflections, planning, questionnaires, photography and video. The sustained intervention promoted changes and improvements in the practice contexts that have endorsed the communication with the families. The reflection process and resulting documentation were key to professional learning.

Key words: Pedagogical documentation, Pre-school education; educational targeting, families

Índice de figuras

- **Figura 1:** Mapa de presenças da semana de 25 a 29 de Setembro de 2017.
- **Figura 2:** Zoom do nome de uma das crianças na primeira semana de PES.
- **Figura 3:** Mapa de presenças da semana de 6 a 10 de Novembro de 2017.
- **Figura 4:** Zoom do nome de uma das crianças na 7ª semana de PES.
- **Figura 5:** A L. (0:10) a olhar para a fotografia enquanto estava sentada no colchão.
- **Figura 6:** Como a sala estava antes de retirarmos os quatro berços.
- **Figura 7:** Como a sala ficou depois de retirarmos os quatro berços
- **Figura 8:** Zona onde estavam situados o espelho e a barra de madeira.
- **Figura 9:** Zona onde colocávamos os objetos maiores.
- **Figura 10:** Registo “Animais domésticos”.
- **Figura 11:** A parede onde estavam as fotografias das crianças com as ações que aconteceram na sala.
- **Figura 12:** A L. (0:10) a ver as fotografias da sua família.
- **Figura 13:** Casa de banho/fraldário.
- **Figura 14:** “Cantinho da tenda” onde as crianças se sentavam ou colocavam a cabeça nas almofadas.
- **Figura 15:** A R. (1:5) a tapar o bebé no “cantinho da tenda”.
- **Figura 16:** Convite que coloquei na porta “Venham ver a nossa tenda!!”.
- **Figura 17:** A B. (1:2) a ver o livro que eu introduzi na sala.
- **Figura 18:** O Z. (1:2) a pentear o cabelo.
- **Figura 19:** Atelier Expressão Dramática.
- **Figura 20:** Área da Biblioteca/Reprodução.

- **Figura 21:** Oficina da Escrita e Reprodução.
- **Figura 22:** Objetos devidamente identificados pelas crianças.
- **Figura 23:** Flanelorafo.
- **Figura 24:** Área das Ciências/Laboratório Matemática.
- **Figura 25:** Área Faz-de-Conta.
- **Figura 26:** Atelier de Artes Plásticas.
- **Figura 27:** Jogos.
- **Figura 28:** Área das Construções/Garagem- onde está o fantocheiro.
- **Figura 29:** Área das Construções/Garagem.
- **Figura 30:** Registo sobre a exploração do papel celofane.
- **Figura 31:** C. a olhar-se ao espelho.
- **Figura 32:** C. a brincar com as imagens dos animais.
- **Figura 33:** A R. a observar a sua família.
- **Figura 34:** A R. a apontar para uma das fotografias da sua família.
- **Figura 35:** O registo “O que estive a fazer...”.
- **Figura 36:** As crianças a verem as imagens que eu tinha colocado da semana passada.
- **Figura 37:** O R. a colar no registo o desenho que tinha feito sobre a saída.
- **Figura 38:** As crianças a fazerem o registo sobre o que descobrimos.
- **Figura 39:** Design do projeto.
- **Figura 40:** Registo “Evolução dos esboços”.
- **Figura 41:** Parte da frente do convite.
- **Figura 42:** Parte de trás do convite.
- **Figura 43:** As famílias a verem as obras.

- **Figura 44:** As reações das famílias às obras dos seus filhos.
- **Figura 45:** Respostas à 1ª questão.
- **Figura 46:** Respostas à 2ª questão.
- **Figura 47:** Respostas à 3ª questão.
- **Figura 48:** Respostas à 4ª questão.
- **Figura 49:** Respostas à 5ª questão.
- **Figura 50:** Respostas à 1ª questão.
- **Figura 51:** Respostas à 2ª questão.
- **Figura 52:** Respostas à 3ª questão.
- **Figura 53:** Respostas à 4ª questão.
- **Figura 54:** Respostas à 5ª questão.

Índice de tabelas

- **Tabela 1:** Nomes e idades dos bebés da sala do berçário.
- **Tabela 2:** Nomes e idades das crianças da sala dos 5 anos A.

Introdução

O presente relatório de estágio surge no âmbito das unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Creche e Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar, que integram o plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-escolar.

Relativamente à Prática Supervisionada em Creche teve a duração de quase quatro meses, realizado numa sala de berçário, de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) com bebés dos 10 meses e 1 ano e 6 meses até Maio de 2017. A Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar aconteceu na mesma instituição, mas numa sala de 5 anos, e a PES teve também a duração de quase quatro meses.

A dimensão investigativa da PES que desenvolvi diz respeito à documentação pedagógica. Atualmente com a publicação das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016) a documentação pedagógica assume maior visibilidade como instrumento potenciador do conhecimento das aprendizagens das crianças, mas também como um instrumento de comunicação quando partilhado com as famílias e com a escola, nomeadamente na transição da educação pré-escolar para o 1º ciclo do Ensino Básico. A documentação é ainda um instrumento de comunicação e regulação uma vez que ao envolver as crianças permite que estas tomem consciência das aprendizagens realizadas estabelecendo pontes entre o seu passado recente e a atualidade. Como referem Marques e Almeida (2011) “Documenta-se para as crianças, para as famílias, para os educadores; documenta-se para avaliar e experiênciá-la, para produzir memórias, ou para comunicar” (p.419). Estas várias funções que a documentação pode assumir são, todas elas, fundamentais na educação de infância e ao longo da minha vivência profissional na PES, fui compreendendo cada vez melhor o significado sobre as diferentes finalidades.

É de notar que falar sobre a documentação pedagógica não é uma novidade na educação de infância, pois esta já foi e continua a ser bastante difundida, nomeadamente ao nível internacional, a partir da disseminação da abordagem pedagógica de Reggio Emilia. Também em Portugal já são várias as investigações que nos últimos anos têm enfoque nesta temática. Por exemplo Azevedo (2009); Lemos (2015), que nos falam da importância que a documentação pedagógica tem na educação da infância, pois apoia o desenvolvimento profissional, como a participação e o envolvimento das crianças nos processos de divulgação e mencionam o peso

que as famílias têm se forem envolvidas; - como tal é fundamental percebermos a importância que o mesmo tem na educação infantil e na contínua formação de um educador. A documentação Pedagógica, comumente designada por registo é uma prática também muito assumida e desenvolvida pelos educadores de infância que se inspiram no modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna e que, como tal, tem sido desenvolvida em Portugal há mais de 50 anos. Consideramos que a documentação pedagógica é crucial para o aperfeiçoamento do trabalho do educador uma vez que exige reflexão permanente sobre as ações vividas nos contextos, sobre as aprendizagens das crianças, obrigando à observação deliberada e escuta atenta das crianças. É uma forma de informação para os indivíduos envolvidos no trabalho educativo, famílias e comunidade, dado que possibilita a divulgação do trabalho realizado pelas crianças. A documentação pedagógica é uma memória das relações e elaborações, onde é possível mostrar o que é significativo, que passa por um processo de debate e sentido estético (Sarmiento, 2005).

Documentar implica observar, registar, analisar e refletir, como compartilhar significados para, compreender o passado, agir no presente e projetar o trabalho educativo (Malavasi & Zoccatelli, 2013). Foi assim, nesta perspetiva, que fui regulando a minha intervenção, pois com base na observação que realizava sobre as diversas atividades realizadas pelas crianças, e nos registos que produzi a partir dela, fui analisando as ações passadas e planifiquei novas ações, novas atividades, de modo a criar novas oportunidades de aprendizagem para todos.

Tal como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar uma das formas de comunicar com as famílias é através da documentação pedagógica o que possibilita a partilha de aprendizagens e de acontecimentos que ocorrem nos contextos de educação de infância.

Sabemos hoje da necessidade em estabelecer pontes de comunicação com as famílias das crianças que frequentam as instituições de educação infantil como as valências de creche e jardim de infância, mas também sabemos da dificuldade que por vezes existe nesse contacto, que se deseja frequente (mas nem sempre o é) visto que existe um ritmo de vida cada vez mais stressante e acelerado por causa dos empregos dos pais/família. As famílias nem sempre têm disponibilidade nem oportunidade de estar a par da vida dos seus filhos enquanto estão na creche ou no jardim de infância. Por esse fato escolhi para estudar e aprofundar conhecimentos **a documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias**. Os

educadores para combaterem as dificuldades de comunicação referidas podem recorrer a processos de documentação para criar pontes de comunicação, e desta forma integrar os pais nas experiências dos seus filhos, como também criar momentos e estratégias para que exista uma partilha entre instituição/família (Malavasi & Zoccatelli, 2013).

Apresentamos agora a estrutura organizativa do relatório que se encontra organizado em 5 capítulos. Relativamente ao 1º capítulo- Percurso investigativo -apresento o caminho que percorri no estudo de investigação-ação. Primeiro abordo a pertinência de investigar a minha própria ação, onde falo um pouco sobre a importância do professor-investigador enquanto necessidade de aprendizagem e desenvolvimento profissional. De seguida, encontrar-se-á identificada a problemática em estudo, os objetivos que orientaram a intervenção a metodologia utilizada para responder aos objetivos, identificando os instrumentos e processos de recolha de dados.

No 2º capítulo que se refere ao enquadramento teórico, apresentamos a revisão bibliográfica sobre o que é e para que serve a documentação pedagógica no contexto de educação de infância com particular enfoque na documentação pedagógica como estratégia de interação com as famílias, onde abordarei o quanto é importante e crucial comunicarmos com estes parceiros do processo educativo.

No capítulo 3º apresento a caracterização da instituição onde fiz a minha intervenção educativa referindo aspetos de natureza histórica, estruturais e organizativos.

No capítulo 4º - apresento a intervenção nos contextos de educação de infância- referindo a caracterização do grupo de crianças assim como a conceção da ação educativa que presidiu à minha prática e faço uma breve a caracterização do cenário educativo e a caracterização da rotina de ambos os contextos.

No 5º capítulo- apresento a análise A documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias- apresento a minha intervenção educativa nos dois contextos, relacionada com a temática do meu relatório de estágio. Falo do que fiz ao longo das duas PES, ou seja, o que implementei para criar pontes de comunicação com as famílias. Explico como recolhi os dados e de seguida apresento a análise dos mesmos, onde apresento também, o feedback dos familiares perante a minha intervenção.

Nas considerações finais encontrar-se-ão algumas reflexões que a investigação-ação permitiu alcançar em estreita ligação com os objetivos inicialmente delineados e ainda refiro as minhas aprendizagens e dificuldades ao longo de todo o percurso que possibilitaram a concretização deste relatório final.

1- O Processo Investigativo

Neste capítulo apresento o modo como desenvolvi a dimensão investigativa da minha PES, ou seja, qual a metodologia utilizada, que neste caso foi a investigação-ação; quais os benefícios dessa metodologia para investigar a própria ação; qual o problema que está relacionado com o tema; quais os objetivos que estipulei atingir. Por fim, identifico quais os instrumentos de recolha de dados que utilizei e como os utilizei.

1.1 A investigação-ação como estratégia de desenvolvimento profissional

Segundo Marilyn Cochram-Smith e Susan Lytle a investigação da própria prática gera questões e os professores manifestam os seus desejos para darem sentido às suas experiências e vivências. E desta forma adotam uma atitude de aprendizagem. Estas duas autoras defendem que se existir associação entre a investigação e a prática, é possível contribuir para aumentar o conhecimento sobre o ensino (Alarcão, 2001).

Mas para que essa investigação seja de qualidade é necessário que o trabalho envolva rigor, ou seja, seja organizada para, desta forma, ser possível reproduzir (Ponte, 2002).

Ponte (2002) refere que a investigação sobre a própria ação tem dois objetivos, isto é, para o educador mudar/alterar algum aspeto relacionado com a prática quando tem essa necessidade e para compreender a origem desses problemas que acabam por afetar a própria prática.

A investigação-ação é uma metodologia ligada à educação e segundo McNif e Jack Whitehead (2003, p.77, citado por Máximo-Esteves, 2008) o foco está na pesquisa da singularidade máxima, ou seja, implica uma investigação reflexiva sobre si próprio- como melhorar a própria prática? Por isso, vários autores referem que esta investigação permite ao professor/investigador perceber melhor os acontecimentos da sua ação educativa e deste modo encontrar respostas para possíveis problemas, ou seja, possibilita organizar as suas práticas futuras (Coutinho et. al., 2009).

Ao longo das duas PES (creche e jardim de infância) foram-me surgindo algumas inseguranças e incertezas em relação à minha postura enquanto futura educadora. Mesmo assim

tentei fazer o meu melhor e esforcei-me para evoluir a cada dia que passava. Cada dia era uma aprendizagem para mim. Através da investigação sobre a própria prática fui melhorando a minha ação, pois fui refletindo sobre a minha postura e através disso tentei, sempre, encontrar respostas para aprender a ser melhor profissional. Para me apropriar, cada vez mais, da investigação da minha própria prática, ou seja, ir melhorando a minha ação, recorri a algumas das teorias que suportam o modelo curricular que as educadoras cooperantes utilizavam, e o que é referido nos documentos oficiais portugueses como as Orientações Curriculares para a Educação pré-escolar. Fui adquirindo alguns conhecimentos e competências através da metodologia de investigação-ação ao longo dos dois estágios, cuja intenção era promover a comunicação com as famílias através da documentação pedagógica.

Não é muito preocupante que exista uma novidade na investigação dos professores, pois os casos da prática profissional, normalmente, são únicos e não se repetem. É sim, necessário encontrar uma harmonia entre os métodos informais que caracterizam a cultura profissional dos professores e os métodos formais próprios da investigação académicas. A divulgação e discussão sobre as investigações dos professores é possível serem feitas através de encontros e revistas de caráter profissional, nas escolas e nos encontros e revistas de educação (Ponte, 2002).

É importante pensarmos, também na divulgação da investigação, pois deste modo pode ser apreciada e avaliada. Através da comunicação da mesma é possível ser introduzida nos recursos do grupo de referência, ou mesmo na comunidade em geral (Ponte, 2002).

Segundo Máximo-Esteves (2008) a investigação-ação é um processo dinâmico, interativo e pode ser reajustado. Mas existe um conjunto de procedimentos a cumprir para executar a investigação-ação: como planear com flexibilidade (exige uma reflexão sobre a sua experiência e a experiência dos outros); agir (através de uma pesquisa no campo, ou seja, das observações, ou através das notas de campo); refletir (envolve uma análise crítica das observações, onde são utilizados diversos instrumentos para registar e analisar dados, como por exemplo, o diálogo e a partilha com colegas ajuda a encontrar sentido para a análise); avaliar (apresenta a avaliação das decisões tomadas); dialogar (partilha de diversos pontos de vista e de interpretações com colegas ou amigos críticos) (Fischer, citado por Máximo-Esteves, p. 82, 2008).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar referem que a educação de infância é estimulante e permite que se realizem aprendizagens importantes às crianças, quando o educador tem atenção em planear e avaliar o processo educativo através das suas observações, registos e do que documenta sobre o grupo ou de cada criança. Quando recorre à avaliação reflexiva capta informações importantes que servem para adaptar o que pretende planear para a evolução do grupo. Existem cinco etapas que estão interligadas, isto é, o observar, o registar, o documentar, o planear e o avaliar. Ao longo destes cinco ciclos existe a intervenção e participação de diferentes intervenientes, como as crianças, os outros profissionais e as famílias. Também é importante realçar a etapa do planear, agir e avaliar, dado que através da mesma o educador tem a possibilidade de antecipar o que é crucial ser desenvolvido, como agir, mas através do que foi programado/planeado, aceitando sempre as oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem que podem surgir no momento. E relativamente à avaliação considera-se sendo uma forma de conhecimento, mas tendo sempre direcionada à ação. Através de uma recolha, o educador escolhe uma forma de registar o que observou das crianças ou dos resultados da interação com as famílias e outros elementos pedagógicos da própria instituição, para desta forma possuir uma diversidade de componentes que lhe possibilitam rever, analisar e refletir em relação à sua ação enquanto profissional (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

O facto de ao longo da minha PES ter tipo uma postura de investigador, também me ajudou bastante, pois tal como Isabel Alarcão (2001, Alarcão, cit. por Ponte, 2002) refere, todos os bons professores têm de ser também investigadores, porque desta forma desenvolvem uma investigação totalmente relacionada com a sua função de professor. E desta forma os professores investigadores investigam sobre a sua prática e constroem o conhecimento da sua própria prática (Ponte, 2002).

Mas ao longo da investigação nem tudo acontece como é previsto, pois não é a ação que deve seguir um plano prescrito, mas sim o plano é que deve ser reajustado sempre que a ação não acontece como era planeado (Máximo-Esteves, 2008). Ou seja, a ação pode ser alterada a qualquer momento, porque nem sempre o plano está adequado para aquela determinada situação.

Tendo como base estas perspectivas, e com o objetivo de orientar/melhorar a minha própria prática, executei um projeto de investigação-ação, com dados recolhidos nos dois contextos, isto é, em Creche e Jardim de Infância, no Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade.

1.2. Identificação do problema

A minha dimensão investigativa está totalmente relacionada com a documentação pedagógica e com as famílias, ou seja, é importante percebermos a influência que estes dois componentes têm na educação infantil e na constante formação de um educador. Tal como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE): “Documenta-se para as crianças, para as famílias, para os educadores; documenta-se para avaliar a experiência, para produzir memórias, ou para comunicar” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.419).

Segundo o Sousa e Batista (2011) a identificação do problema é elaborada, de uma maneira clara e explícita, de modo a dar resposta à dificuldade com que nos deparamos no quotidiano.

Ao longo da minha vida académica fui tendo oportunidade de observar diversos contextos educativos onde pude verificar que as famílias das crianças, hoje em dia, têm uma carga horária muito excessiva nos seus empregos, e por consequência a comunicação e o contacto entre as instituições e as famílias não é a que se deseja. Com o intuito de estabelecer pontes de comunicação com as famílias das crianças, tanto da valência de creche e de jardim de infância, escolhi aprofundar a temática da **documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias**.

Com base na observação o educador tem a possibilidade de planear e de avaliar o processo educativo, bem como de registar e documentar sobre cada criança, o grupo e o contexto familiar e social. Deste modo a educação de infância possibilita estimular as aprendizagens significativas e variadas (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). A documentação permite a comunicação e através dela é possível descobrir e conhecer, pois proporciona o questionamento sobre a filosofia educativa quanto ao papel da criança, à postura do educador, à relação entre educadores, às características do contexto e favorece uma reflexão sobre a sua intencionalidade educativa. Promove a comunicação e a relação com as famílias, fornecendo informações que

lhes possibilitam conhecer as vivências das suas crianças (Benzoni, citado. por Marques & Almeida, 2011, p.420). Mas para tal tem de existir um processo de análise e construção conjunta, ou seja, com as crianças, outros profissionais e as famílias. E cabe ao educador encontrar estratégias de comunicação e formas que promovam esse envolvimento (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). A documentação pedagógica permite conservar memórias das experiências e a construção de sentido da criança. Desta forma, não são apenas os educadores que produzem documentação, mas também as crianças, pois constroem memórias das suas experiências e apropriam-se do seu próprio processo de aprendizagem (Benzoni (2001), cit. por Marques & Almeida, 2011).

1.3. Identificação dos objetivos

A minha investigação foi muito importante para a perceção das problemáticas e dúvidas encontradas, como a recolha de respostas para as questões colocadas. Assim delineei cinco objetivos que orientaram o percurso investigativo. São eles

- Aprender a produzir documentação pedagógica diferenciada e com diferentes finalidades;
- Potenciar a interação e a comunicação com as famílias através da documentação pedagógica;
- Utilizar a documentação pedagógica para intencionalizar a ação educativa;
- Perceber a importância de interpretar e refletir sobre a documentação produzida (através das minhas planificações, notas de campo e reflexões);
- Compreender e atribuir significado aos registos e documentos recolhidos.

1.4. Instrumentos de recolha de dados

Ao longo do processo de investigação-ação optei por diversos instrumentos de recolha de dados, relacionados com a minha ação educativa, tais como: o caderno de formação, as planificações semanais e diárias, as fotografias e os questionários aos pais.

1.4.1. Caderno de formação

O caderno de formação foi fundamental para a minha recolha de dados, pois o mesmo dispõe de notas de campo diárias, reflexões de momentos que achei relevante refletir e fotografias para realçar determinadas situações. O caderno de formação é um documento de descrição, reflexão e consulta, onde é possível encontrar todos os registos dos momentos significativos, de uma forma detalhada e descritiva, relativos à temática da investigação. Mas para existirem notas de campo e reflexões teve de existir uma observação atenta e cuidada. Pois através da observação é possível termos “conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Máximo-Esteves, 2008, p.87). Ou seja, as observações feitas pelos educadores são registadas nos instrumentos metodológicos- notas de campo e diários (Máximo-Esteves, 2008).

Segundo Máximo-Esteves as notas de campo incluem registos detalhados, descritivos e focalizados de determinados momentos, das pessoas, de ações e interações. Através das notas de campo é possível ter material reflexivo, isto é, notas interpretativas, interrogações, sentimentos, ideias e impressões que possam vir a acontecer ao longo ou após a observação (Máximo-Esteves, 2008).

Através da construção do caderno de formação fui percebendo os interesses das crianças, permiti-me caracterizar o grupo e a instituição, perceber como era a metodologia de trabalho de ambas as educadoras, pude compreender como foi a minha intervenção e o envolvimento das crianças e das famílias na partilha de informação. Como também através dos comentários descritivos da minha orientadora e ambas as educadoras, em algumas reflexões, foram cruciais para que evoluísse enquanto futura educadora.

1.4.2. Planificações

Através das planificações, tanto semanais como diárias, pude compreender a regularidade com que se sucedem as propostas de elaboração de registos e fui conhecendo cada vez melhor os interesses de cada criança. Também consegui preparar detalhadamente a forma como iria suceder as propostas de elaboração de registos e as restantes.

Tal como afirmam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, planear implica que o educador faça uma reflexão sobre a sua ação e adequa-la ao grupo, de modo a prever situações e experiências de aprendizagem e organizá-las de forma a que estejam

presentes os recursos necessários à sua realização. A realização de planificações permite aos educadores anteciparem o que é importante realizar para aumentar as aprendizagens das crianças, como agir nessas situações, tendo sempre em atenção o que foi planeado, mas aceitando as oportunidades de aprendizagens que não estavam previstas acontecer e tirar partido das mesmas (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Trata-se de um processo de reflexão que antecipa a ação.

Nas planificações delineei como seria a minha ação perante as famílias, para desta forma conseguir conquistar a confiança dos mesmos e mais tarde construir uma ponte de comunicação e confiança com todas em cada sala onde estagiei. Enquanto futura educadora - investigadora procurei intencionalmente planificar momentos com interesse para o meu estudo, mas tendo sempre em atenção os interesses e necessidades das crianças.

1.4.3. Fotografias

Ao longo das minhas duas PES recorri bastante ao recurso da fotografia e do vídeo para registar determinados momentos e posteriormente poder expor para os familiares, funcionários e a comunidade. Este género de registo permitiu ilustrar, demonstrar e exhibir (Máximo-Esteves, 2008) o que acontecia dentro e fora da sala.

Com as fotografias que fui tirando, fiz registos sobre o que as crianças diziam, expressavam, faziam e enviei todas as semanas por correio eletrónico a cada família da sala de creche. Relativamente ao contexto de jardim de infância elaborei um registo para cada criança e coloquei no placard para as famílias e comunidade institucional terem acesso ao que se ia fazendo. Coloquei ainda um tablet à porta da sala com todas as fotografias que tinha tirado na semana anterior, para desta forma a comunidade, a família, a instituição e as crianças poderem ver o que tinham feito na sala e fora da mesma. Inclusive foi possível verificar diversas vezes as crianças a explicarem aos pais ou aos colegas o que tinham feito quando olhavam para as fotografias. Estas atividades de documentação constituíram a memória do grupo e permitiram criar uma maior interação com as famílias. No capítulo 5, apresento alguns exemplos de diálogos entre as crianças ou mesmo os funcionários relativamente ao suporte tecnológico e os registos de ambos os contextos.

1.4.4. Questionários aos pais

Os questionários aos pais permitiram-me perceber qual o foi o impacto que tiveram os diferentes registos que elaborei em cada sala. Tal como afirma Gil (1999) os questionários são uma técnica de investigação com o objetivo de conhecer as “opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expetativas, situações vivenciadas, etc” (Gil, 1999 cit. por Chaer, Diniz & Ribeiro, 2011, p.260).

Segundo Marconi e Lakatos os questionários exigem que exista uma nota ou uma carta a explicar a natureza da pesquisa, a necessidade de resposta, a sua importância, para desta forma, provocar o interesse do entrevistado (Marconi & Lakatos, 1999 cit. por Chaer, Diniz & Ribeiro, 2011). Por esse motivo, escrevi uma breve explicação, para deste modo as famílias perceberem para que servia este instrumento de recolha de dados. É possível verificar este instrumento nos Apêndices C e D.

Como pretendia que as famílias não se sentissem influenciadas com as perguntas criei questões abertas, pois as mesmas permitem liberdade ilimitada de respostas. E desta forma o respondente pode utilizar uma linguagem própria e serão respostas onde escreverá aquilo que pensa (Chaer, Diniz & Ribeiro, 2011).

2 - Enquadramento teórico

2.1. A documentação pedagógica no contexto da educação de infância

Antes de falar sobre a documentação pedagógica considero relevante significar a origem da palavra- documentar enquanto atividade. Documentar tem a sua origem na palavra latina *documentum* e significa inicialmente “*ensinar*” tendo sido posteriormente ressignificada como “*prova*” (Cardoso, 2014). Podemos assim perceber a dimensão histórica que a palavra traz consigo e que ainda hoje faz sentido, associada a processos de ensino e, portanto, de intencionalização da ação do educador, mas também como prova, uma evidência da realidade, de um acontecimento de uma atividade.

2.1.1. O que é a documentação pedagógica

Malavazi e Zoccatelli evidenciam que a documentação pedagógica é uma forma de o educador poder relatar um momento ou uma experiência de uma criança ou do grupo em geral. Este pequeno espaço de vida é observado num determinado tempo, e por uma ou mais pessoas, mas através da utilização de diversos instrumentos (Malavazi & Zoccatelli, 2013).

Segundo Marques e Almeida (2011) e as OCEPE (2016) a importância da documentação pedagógica está inteiramente ligada aos processos de reflexão sobre a própria prática do educador, o planeamento, a avaliação das aprendizagens, comunicação e à socialização (Marques & Almeida, 2011; Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Marques e Almeida reforçam que além disso proporciona observar os percursos de aprendizagem da criança e do educador, avaliar as práticas, desenvolver memórias sobre as experiências e posteriormente comunica-las às famílias, outros educadores da instituição e à comunidade envolvente (Marques & Almeida, 2011).

“A documentação mostra a especificidade do pensamento infantil, sua singularidade e sua expressividade; aprender a observar e interpretar gestos e falas de modo a fazer do trabalho cotidiano um constante exercício de pesquisa torna-se característica profissional do educador” (Marques & Almeida, 2011, p.110).

2.1.2. Para que serve a documentação pedagógica

A documentação pedagógica, além de ser um instrumento de comunicação com as famílias, também possibilita conservar algumas das memórias. E deste modo as próprias crianças e

o professor/educador podem voltar a observar e reviver esses momentos (Kinney e Wharton, 2009 cit. por Horn & Fabris, 2018).

Tal como refere Marques e Almeida (2011) o facto de existir possibilidade de conservar memórias através dos registos, faz com que possamos comunicar e divulgar o trabalho pedagógico em que reconhece a criança como um ser pensante e produtor da sua ação (Marques & Almeida, 2011).

Segundo Edwards, Gandini e Forman (1999) a produção de documentação pedagógica tem várias funções, tais como: Tornar visível aos pais o que é feito no colégio; Possibilita às crianças reconstruírem e reinterpretarem as suas aprendizagens e vivências; As crianças têm a oportunidade de observar as suas ações de um ponto de vista exterior e desta forma têm perceção das suas ações e quanto são importantes; Permite aos educadores evoluírem, pois acompanham e intervêm nas aprendizagens dos seus alunos; É importante que exista uma seleção dos instrumentos utilizados, pois é essencial que essa partilha seja com qualidade para mostrar a aprendizagem e o desenvolvimento que a criança foi alcançando (Edwards, Gandini & Forman, 1999, cit. por Mendonça, 2009).

O autor Benzoni também reforça qual é a intenção e a motivação da documentação com a apresentação de cinco categorias: documentar para descobrir e conhecer; documentar para analisar e reconstruir/reprojetar; documentar para “manter memória”; documentar para “estar em relação” com as crianças; documentar para informar e comunicar (Benzoni, 2001 cit. por Marques, 2010).

Mas para que as crianças possam participar nesse processo, não chega oferecer atividades e momentos que vão ao encontro dos interesses das crianças. É preciso criar condições para que as crianças possam-se expressar, como também que os adultos possam escutar o que as mesmas têm a dizer (Tomás, 2007 cit. por Lemos, 2015). Ou seja, tal como referem as OCEPE, a partir das observações, da escuta das propostas das crianças e possibilita ao educador perceber os interesses e necessidades das crianças, para desta forma garantir a participação das mesmas nas decisões relacionadas com o seu processo educativo (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

É importante lembrarmo-nos do artigo 12º da Convenção dos Direitos das Crianças que refere que a criança deve poder expressar livremente as suas opiniões em todas as questões

que lhe disseram respeito (UNICEF, 1989). Desta forma, é importante assegurarmos que as crianças tenham a sua participação ao longo de todo o processo educativo, como por exemplo, ao longo da minha PES em jardim de infância tive a oportunidade de aprender a organizar e a realizar reuniões de conselho no contexto do Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna, durante as quais se realizava reflexão/ avaliação conjunta sobre alguns acontecimentos que tinham ocorrido ao longo da semana e tínhamos a possibilidade de programar a semana seguinte juntamente com as crianças, pois elas partilhavam o que gostariam de fazer. Escutava e registava para avaliar e planificar.

Dahlberg, Moss e Pence referem que a documentação pedagógica também possibilita registar o que as crianças dizem e fazem, é o trabalho das crianças e a maneira como o educador se relaciona com as mesmas e a sua própria ação. Este material pode ser produzido de diversas maneiras, por exemplo, descritivos do que foi observado, registos em áudio e vídeo, fotografias, gráficos de computador e o próprio trabalho da criança (Dahlberg, Moss & Pence, 2003).

Exemplo disso foram os registos que elaborei em ambas as PES, relacionados com algumas ações ou diálogos das crianças, pois através da minha observação e de registos fotográficos pude elaborar documentos pedagógicos que transmitiam momentos e vivências das crianças. Como também através de suportes tecnológicos (tablet) passei informação sobre o que era feito dentro e fora da sala. Todos os registos e suportes que refiro estão referidos, de forma detalhada, no capítulo 5.

Tal como afirmam Artur e Magalhães:

(...) ensinar às crianças a organizar o seu trabalho, documentar sua experiência, avaliar seu próprio processo, é também parte importante do trabalho educativo. Cabe ao educador, ensinar a criança a documentar, a registar suas vivências, a deixar suas marcas de aprendizagem ao longo do caminho e, por meio desses registos o professor terá condições de reorganizar o seu próprio trabalho, verificar o que precisa ser alterado, em que aspetos suas ações precisam avançar para promover ao máximo o desenvolvimento das crianças. E as crianças terão condições de compreender as suas produções, diferentes tentativas, o que faziam e fazem agora (Artur & Magalhães, 2017, p. 231).

Ao longo da minha intervenção mantive a minha postura de observador participante, pois tal como afirmam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar ser um educador observador é considerada uma excelente estratégia para recolher informação (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). E para que conseguisse captar vivências e momentos importantes da vida das crianças para planear a minha ação; planear consoante os interesses das crianças; e para realizar registos, era necessário que a minha observação estivesse presente.

A prática pedagógica reflexiva está aliada a uma postura do educador que afirma que o saber da experiência está associado ao conhecimento teórico. Dewey defende que existe uma diferença entre o ato reflexivo e o ato rotineiro. Ou seja, o ato rotineiro está associado ao impulso, à tradição e à autoridade. Relativamente à ação reflexiva é necessário ter uma consideração ativa, perseverante e cuidada (Dewey, 1959, cit. Cardoso, 2014). Desde modo, o ato reflexivo está aliado a um espírito aberto, onde o educador tem disposição para ouvir. Na minha opinião, depois de ter observado diversos contextos educativos e o trabalho desenvolvido pelas educadoras, considero que um educador com uma postura de ouvinte consegue ir de encontro com os interesses e necessidades de cada criança ou do grupo.

De acordo com Zeichner os professores devem ter uma postura participativa na sua própria formação e a ação reflexiva é uma boa estratégia (Cardoso, 2014).

A partir do momento em que o educador tem como hábito a utilização dos registos é uma oportunidade de reflexão docente e de comunicação entre todas as pessoas que estão envolvidas nas relações com as e crianças em questão. Mas esta atitude reflexiva vai sendo construída com a própria prática de documentação e se a comunidade, docentes, coordenadores, crianças e famílias estiverem presentes ganhará mais força, dado que deve existir cooperação entre todos estes elementos (Gontijo, 2011).

E ao observarmos as crianças é possível registarmos as suas ações e falas, para desta forma conseguirmos comunicar os processos de aprendizagem e reconstruir o pensamento das mesmas. Para o educador, também é necessário que exista uma aprendizagem constante, pois é preciso aprender a observar e interpretar os gestos e falas das crianças (Marques e Almeida, 2011).

2.1.3. O processo de documentar

Para Mendonça (2009) o processo de documentar requer três etapas fundamentais: a observação; o registo e a reflexão sobre os registos.

Relativamente à **observação** esta pede que o educador defina as suas intenções, clareza nos seus objetivos, direcione o seu olhar, organize e selecione as vivências relevantes das crianças para serem acompanhados e registados. A observação poder ser tanto ocasional como natural, mas necessita de ser sistemática e intencional (Mendonça, 2009). Ao longo da minha intervenção o meu olhar foi bastante atento, pois percebi que através da minha observação conseguia captar as necessidades, interesses e aprendizagens das crianças, como também registar para depois poder partilhar com as famílias. Tal como afirma Mendonça (2009) o recolher de informação importante é só possível através da observação, como também a descrição dos mesmos e a intervenção em tempo real.

Segundo Marques e Almeida “Observar as crianças e registrar suas falas e as suas ações representa a tentativa de tornar visíveis os processos, reconstruir o pensamento da criança, aproximar-se da lógica de seu projeto” (Marques & Almeida, 2011, p.110).

Em relação ao **registo** para mim foi um excelente meio para ajudar a minha memória, pois ao registar no meu bloco de notas e posteriormente no meu relatório diário, permitia que registasse momentos importantes. É um apoio muito importante para a memória, pois desta forma proporciona reviver as manifestações significativas de cada criança (Mendonça, 2009).

Para além do autor Mendonça, Gandini e Goldhaber (2002) consideram que o registo favorece a memória, mas também ajuda para uma reflexão relacionada com a intencionalidade da ação educativa (Gandini & Goldhaber (2002) cit. por Mendonça, 2009).

O processo de elaboração dos registos pode ser feito de várias formas, tais como escritos, fotografos e filmados, mas só se tornam instrumentos que compreendem os processos (Mendonça, 2009) quando o educador opta pela utilização de diversas formas e meios de observação e registo (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

O registo pode-se dizer que é uma das consequências da observação. Quando o mesmo descreve as ações das crianças e faculta elementos para o educador fazer uma reflexão da sua

própria prática, assume um papel fundamental no contexto da documentação pedagógica (Mendonça, 2009).

Ao longo da minha intervenção em berçário pude implementar um registo de algumas vivências de cada bebé e que posteriormente era enviado por correio eletrónico para os pais (todos os fins de semana). Estes registos eram recolhidos através da minha observação e das minhas notas de campo, por meio destas duas ferramentas selecionava uma ou duas vivências para partilhar com as famílias. Estes registos eram sempre acompanhados por uma ou duas fotografias e a descrição desses momentos. Mais à frente, no ponto sobre a Documentação Pedagógica como Estratégia de Comunicação com as Famílias explicarei mais claramente como decorreu este procedimento.

No que diz respeito à **reflexão sobre os registos** está automaticamente ligado à observação e ao registo, pois através deles é possível que exista uma reflexão. Pois tal como refere Mendonça (2009) apesar de a observação ser distinta da reflexão, a observação existe para complementar a reflexão. Mas ambos necessitam de atenção, pois a observação precisa de um olhar preciso para situações e diálogos das crianças. E o registo é preciso ser feito com cuidado, ter em atenção a variedade de portadores que existem (papel, câmara, filmagens, etc.) e que transmita as informações relacionadas com o conteúdo e a forma de aprendizagem (Mendonça, 2009).

O educador ao documentar, porque observou, registou e refletiu vai desenvolvendo significados para o que realiza, para o que ensina e para o que as crianças aprendem. Deste modo o ato de documentar ultrapassa a ideia da produção de um arquivo (que não é utilizado, não é revisto) com relatos escritos, os ditos “trabalhos” das crianças que são apresentados às famílias e as fotografias dos bons momentos. Pois permite a reflexão sobre o que foi efetuado, portanto aprende com a sua própria prática quando a revê e a analisa em função da teoria.

Quando falamos em registos, também podemos falar na partilha de conhecimentos, dúvidas, realizações ou mesmo de dificuldades. O facto de trabalharmos com a documentação pedagógica proporciona que haja uma ligação entre salas, ou seja, aproxima os educadores, de modo, ampliar a partilha e aproxima compreensões (Mendonça, 2009).

2.1.4. Exemplos de documentação

Relativamente à documentação pedagógica que o educador regista sobre o que as crianças produzem e os registos das próprias crianças são muito ricos para serem colocados nas paredes, para os placares, para as mesas, ou seja, num espaço onde passam a contar uma história sobre as suas experiências vividas (Lemos, 2015). E desta forma, podem partilhar com as famílias, com a comunidade, com os outros elementos educativos e mesmo com as crianças das outras salas.

Mas para além da utilização de registos é crucial que exista uma procura e interesse em recorrer a uma variedade de meios e técnicas de comunicação, a comunicação torna-se mais diversificada e não monótona. Por exemplo, o facto de recorrermos às fotografias, aos vídeos, aos power-points, áudios, etc, torna a comunicação mais dinâmica (Lemos, 2015). Pude perceber ao longo da minha intervenção em jardim de infância que o suporte tecnológico suscitou bastante curiosidade e interesse por parte das famílias, é possível verificar isso nas respostas aos questionários que distribuí no final do meu estágio (a análise dos questionários está apresentada no capítulo 5- A documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias. Onde as famílias referem que o suporte tecnológico foi uma maior valia, porque podiam estar a par do contexto de sala, como possibilitou uma interação pais-filho, pois através das fotografias as crianças explicavam o que tinham feito.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar apresentam três grupos de registos (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016):

- Os registos de apoio à organização do grupo e os documentos produzidos com as crianças com as falas das mesmas.
- As produções individuais e coletivas das crianças;
- Os registos audiovisuais que possibilitam documentar o quotidiano das crianças.

É possível encontrar uma diversidade de possibilidades de documentação, como: Portefólios; Paredes da sala; Fotografias; Livro da vida; registos de apoio à organização do grupo (mapa de presenças e diário do grupo, por exemplo).

Relativamente aos **portefólios** são normalmente pastas com muitos trabalhos da criança (Magalhães & Artur, 2017). O portefólio proporciona que exista uma metodologia de avaliação

das aprendizagens, ou seja, a criança ganha voz para intervir na sua aprendizagem e na avaliação do seu próprio desenvolvimento (Silva & Craveiro, 2014). O suporte dos portefólios é uma ferramenta, juntamente com toda a informação recolhida e analisada, e que oferece a possibilidade de reviver experiências e proporciona que exista discussões sobre as aprendizagens (Silva & Craveiro, 2014). No contexto de jardim de infância onde realizei a minha PES, cada criança tinha o seu portefólio e cada vez que terminam um trabalho ou depois de terem exposto no placard, colocavam no seu portefólio. Estes estavam divididos por áreas de conteúdo.

Em relação às **paredes da sala**, quando estas têm produções expostas possibilita a comunicação, pois transmitem o desenrolar do trabalho, o desenvolvimento das aprendizagens das crianças e é uma memória das vivências das crianças. Segundo Bruner (2000) através destas produções as crianças criam diálogos entre elas sobre o passado e o presente (Bruner, 2000 cit. por Artur & Magalhães, 2017). Um bom exemplo disso é o conjunto de textos de cada criança que é possível construir ao longo do tempo, pois desta forma o educador tem a oportunidade de documentar a evolução da linguagem da criança e aproveitar esses registos, que estão assinados pela própria criança, para dialogar com a mesma sobre a evolução da escrita do nome (Artur & Magalhães, 2017). Em seguida apresento duas fotografias (Figura 1: mapa de presenças da semana de 25 a 29 de Setembro de 2017; Figura 2: Zoom do nome de uma das crianças na primeira semana de PES) da primeira semana do meu estágio com a escrita de cada criança no mapa de presenças e nas outras duas fotografias (Figura 3: mapa de presenças da semana de 6 a 10 de Novembro de 2017 ; Figura 4: Zoom do nome de uma das crianças na 7ª semana de PES) apresento o mesmo, mas da minha sétima semana de intervenção, onde é possível observar uma grande evolução na escrita relativamente àquela criança referida nas imagens. A parede onde estava o mapa de presenças estava ao acesso das famílias, pois entravam na sala para ajudar o seu filho a marcar a presença e acabavam por poder ver a escrita do mesmo.

Figura 1: Mapa de presenças da semana de 25 a 29 de Setembro de 2017



Figura 2: Zoom do nome de uma das crianças na primeira semana de PES

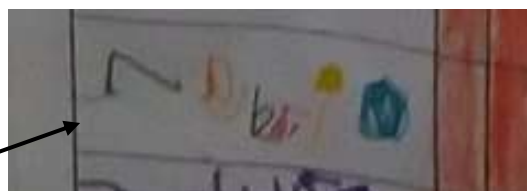


Figura 3: Mapa de presenças da semana de 6 a 10 de Novembro de 2017

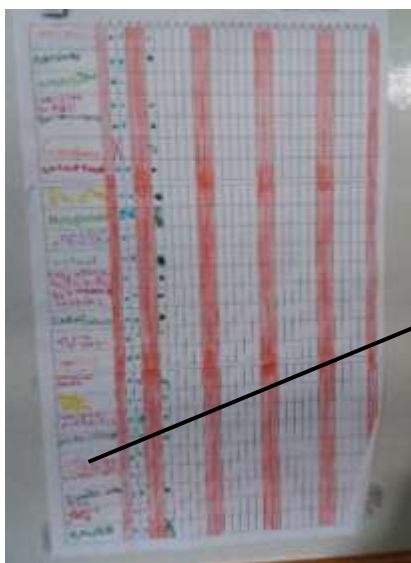
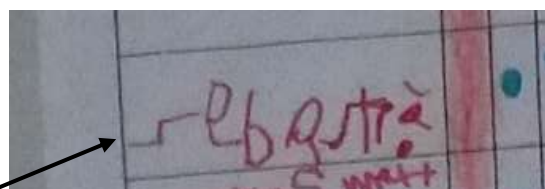


Figura 4: Zoom do nome de uma das crianças na 7ª semana de PES



Sobre a **fotografia** é um recurso que oferece aos educadores a possibilidade de testemunharem e contarem alguns dos acontecimentos incríveis que acontecem, aos colegas, às famílias, como às crianças. Este tipo de registo deve ser bem pensado, pois o intuito é registar a forma como as crianças se apropriam do que é novo, como adquirem os seus conhecimentos

e sentimentos, como organizam a sua curiosidade e como transmitem os seus pontos de vista (Azevedo, 2009).

Ao longo das duas intervenções, fiz registos sobre algumas vivências, momentos ou atividades que eram feitos fora ou dentro da sala. Estes registos eram colocados à porta para que existisse possibilidade de visualizarem por parte de todas as famílias, como dos restantes funcionários e crianças. Por outro lado, na PES em berçário implementei um registo semanal, que era enviado por correio eletrónico a cada família com a reação dos seus filhos a determinados momentos ou a partilhar aprendizagens e evoluções dos seus filhos. Em que por vezes, as famílias respondiam, ou seja, existia partilha de informação das duas partes. Além destes registos, também realizei na minha prática pedagógica em jardim de infância um registo que tinha como nome “O que estive a fazer...”, tal como o nome nos indica, estes registos tinham como principal objetivo partilhar o que cada criança tinha feito. Estes mesmo registos eram produzidos com uma ou duas fotografias, com a descrição do mesmo, com as reações das crianças e as falas que poderiam existir. Na PES em jardim de infância pus em prática uma nova ferramenta de comunicação, ou seja, coloquei um tablet à porta da sala com todas as fotografias que tinha registado na semana passada. Este registo fomentou a comunicação entre colégio/família, entre as crianças, como também com as restantes funcionárias da instituição. Como é possível constatar ao longo das minhas duas intervenções recorri muito à ferramenta da fotografia para elaborar os meus registos. Mais à frente, no capítulo 5 abordo melhor essa ferramenta.

A sensibilidade do documentador deve permitir-lhe captar, através da câmara fotográfica, para além das imagens, o rosto das crianças, os seus olhos, a sua boca, a sua postura corporal, os seus gestos e os seus sinais porque são essas imagens que nos revelam os esforços, as tensões, os sentimentos, os desejos e as expectativas das crianças (Azevedo, 2009, p.24).

Outro recurso que é bastante usado, principalmente na creche, é o **Livro da Vida**, onde são registadas ao longo do ano, as emoções, sentimentos, pensamentos, ações e aprendizagens que as crianças vão manifestando e adquirindo (Gontijo, 2011). Na minha PES em berçário observei que a educadora cooperante tinha implementado esse modo de registar, ou seja, ia colocando os trabalhos feitos nesse dossiê, como todas as fotografias que ia registando ou que

eram partilhadas pela família. Ou seja, existia o hábito, por algumas famílias, de partilharem momentos e vivências do bebé em casa.

No que toca aos **registos de apoio à organização do grupo** fazem parte alguns instrumentos de registo usados no modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna, tais como o mapa de presenças e o diário do grupo que eram utilizados na minha PES em jardim de infância (Folque, 2014).

O **mapa de presenças** é um quadro mensal de duas entradas, em que é possível encontrar os dias da semana/mês na linha superior e na coluna da esquerda estão os nomes das crianças. Todos os dias de manhã, enquanto as crianças iam chegando à sala, marcavam a sua presença no mapa (Folque, 2014). Este instrumento, construído com as crianças, possibilita recolher informação (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Deste modo as crianças podem contar as faltas, quantas crianças estão presentes, quantos dias faltam para um determinado dia, fazer comparações entre os mapas de cada mês, entre outros.

Relativamente ao **diário do grupo**, também é um instrumento utilizado no MEM. É um registo semanal de situações, conflitos, interesses ou ocorrências que alguma criança queira partilhar. Este diário tem quatro colunas, ou seja, a coluna do “Não gostamos”, “Gostamos”, “Fizemos” e “Queremos fazer”. Tanto as crianças, como os adultos da sala podem escrever/ilustrar no registo. Na sexta-feira onde acontece a Reunião de Conselho é analisado e discutido o diário do grupo (Folque, 2014). Neste momento as crianças têm a possibilidade de explicar o que está registado e refletir em conjunto com o grupo. O diário do grupo é visto como:

“Construtor de sentido social dos atos de aprender e de organizar o trabalho intelectual e o espaço social que se partilha e se transforma (...) enquanto espaço cultural e social de iniciativa democrática” (NIZA, 1991, p.28 cit. por Artur & Magalhães, 2017, p.241).

O diário de grupo ajudou-me muito a planificar a minha ação e a ir de encontro com as necessidade e interesses da criança. Por exemplo, através de uma reunião de conselho, onde é utilizado o instrumento do diário de grupo, pude captar que as crianças tinham interesse em saber mais sobre o pintor Van Gogh e decidimos em conjunto que queríamos desenvolver um projeto.

2.1.5. A documentação- uma estratégia de interação com a família

A documentação como estratégia de interação com as famílias segundo as OCEPE é uma forma de as envolver no processo de planeamento e um modo de recolher informações e sugestões importantes (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016)

Como já referi a documentação possibilita a comunicação e como tal é importante relatar que essa comunicação é criada através do pensamento das realidades vividas conforme o uso de diversos símbolos linguísticos. O facto de haver relações com os outros, ao ouvir ou falar, participar, estabelece-se saberes e diferentes linguagens de cada um. Mas para que haja uma relação de comunicação é preciso construir relações de partilha com os diferentes intervenientes- famílias, equipa, crianças e comunidade (Lemos, 2015).

Tal como afirmam os três autores, Marques (2010) e Marques e Almeida (2011) para que exista uma troca ou partilha com as famílias e os restantes intervenientes, os educadores têm de pensar na forma como vão passar as informações, ou seja, têm de se fazer entender e ter em atenção todos os interlocutores (Marques, 2010; Marques & Almeida, 2011).

É importante frisar que a documentação pedagógica além de ser um recurso comunicativo, também proporciona estabelecer relações. Esta relação é crucial, pois deste modo é possível criar novos olhares (Malavasi & Zoccateli (2012) cit. por Cardoso, 2014).

A instituições educativas desempenham um papel fundamental na educação das crianças e como tal é crucial que todas as pessoas que fazem parte delas tenham uma participação na educação das crianças. Por isso existe partilha das duas partes e as instituições tornam-se diferentes e únicas, porque é necessário ter em atenção a diversidade de culturas que as famílias podem ter (Marques, 2010). Como tal é evidente que o simples facto de se disponibilizar informação às famílias não é o suficiente, uma vez que é essencial fornecer meios para a participação efetiva na creche e no jardim de infância (Marques, 2010). Mas como refere Vasconcelos (2009) para que exista partilha é necessário que o educador tenha um sentido de escuta e de acolhimento bem definidos, que não haja preconceitos, que tenha vontade de aprender também com as famílias e deste modo fazê-los sentirem-se parte da vida na instituição (Lemos, 2011).

3- Caraterização da instituição

A instituição onde desenvolvi a PES em Creche e JI é uma instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e que se situa no centro histórico da cidade de Évora. De um modo geral, a instituição abrange sobretudo a população situada nas zonas periféricas da cidade de Évora, como por exemplo, filhos dos trabalhadores da câmara municipal, hospital, de professores da Universidade e de lojistas, essencialmente devido à sua localização.

Quando a instituição foi criada tinha como objetivo garantir a sobrevivência e um futuro digno e autónomo às crianças carenciadas, oferecendo formação na área dos labores e de práticas domésticas, na saúde e na orientação religiosa. Mantinham-se na instituição até atingirem a maioridade. A instituição, tinha também como objetivo receber crianças órfãs e abandonadas do sexo feminino (Projeto Educativo 2017/2018).

A instituição abre às 7h45 e tem como hora de fecho às 18h45, o que acaba por ajudar os familiares porque dá mais flexibilidade horária aos mesmos.

Em relação à organização dos grupos e pessoal da instituição, as crianças estão distribuídas pelas 10 salas da instituição: uma sala de berçário, uma sala de 1 ano, duas salas de 2 anos, duas salas de 3 anos, duas salas de 4 anos e duas salas de 5 anos. De modo geral, trabalham 15 auxiliares e 10 educadoras, respeitando o facto de que em cada sala de creche está uma educadora e duas auxiliares e em cada sala de jardim de infância tem uma educadora e uma auxiliar.

Considero importante referir que nesta instituição, normalmente, a educadora inicia com um grupo no berçário e acompanha o mesmo até à sala dos cinco anos. Desta forma a educadora acompanha todas as evoluções de cada criança e cria laços fortes com as crianças e com as famílias. Exemplo disso é a sala onde estive a estagiar em jardim de infância, isto é, a educadora acompanhou a maioria das crianças do grupo da sala dos 5 anos desde o berçário.

Esta instituição está muito bem situada a nível geográfico porque está dentro do centro histórico, e mais importante, tem o jardim-público mesmo à frente o que possibilita bastante as saídas da instituição. Desta forma, as crianças podem contactar com um espaço verde e amplo e com a comunidade ao redor. São comuns os passeios e saídas na comunidade envolvente.

Com a valência de Jardim de Infância tive a oportunidade de fazer diversas saídas perto do colégio, tais como, ao Jardim Público, à Praça do Giraldo, à Biblioteca Pública de Évora, à Igreja de São Francisco, à Fundação Eugénio de Almeida e entre outras, mas essas tivemos de nos deslocar de autocarro.

Uma das grandes características desta instituição é o facto de darem muita importância à comunicação com as famílias, pois além de atualizarem constantemente o site também existe um portal onde cada familiar tem uma password e pode entrar nesse mesmo portal e ter acesso a fotografias e a descrição das mesmas, desta forma podem acompanhar todas as atividades, eventos e festas do colégio dos seus educandos. A entrada da instituição também é um espaço bastante movimentado e para aproveitarem esse fator são colocadas todas as semanas trabalhos desenvolvidos pelas crianças e registos de determinada sala em rotatividade. Os registos expostos na entrada chamam a atenção das famílias e fazem uma ponte de comunicação entre o colégio e as várias famílias.

Algumas educadoras desta instituição inspiram a sua prática no modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM), mas não existe uma imposição para tal, ou seja, cada educador escolhe o modelo pedagógico com que mais se identifica.

4 - A intervenção nos contextos de educação de infância

4.1. Conceção da ação educativa em creche

4.1.1. Caraterização do grupo

O grupo era composto por oito bebés, com idades compreendidas entre os 10 meses e 1 ano e 6 meses até Maio de 2017 como está indicado na tabela 1, onde dois dos bebés eram meninos e as restantes seis eram meninas, ou seja, em termos de desenvolvimento era uma sala heterogénea. Esta sala era orientada pela educadora e apoiada por duas auxiliares. Como era uma sala de berçário todos os bebés eram novos naquela instituição e como tal a equipa educativa desta sala acompanha-os desde de Setembro de 2016.

Tabela 1: Nomes e idades dos bebés da sala do berçário.

Nomes	Idades
C.	(1:2)
G.	(1:4)
J. M.	(1:4)
L.	(0:10)
B.	(1:2)
L. P.	(1:3)
L. M.	(1:3)
R.	(1:6)

Todas as crianças nasceram em 2016, exceto a R. (1:6) que nasceu em 2015. Iniciaram o ano letivo com 6 crianças, uma com 9 meses, duas com 7 meses, uma com 6 meses, as restantes duas crianças entraram em Outubro e Dezembro.

Todos os bebés já tinham passado pela fase de adaptação, isto é, como já era Fevereiro quando comecei a minha prática todas as crianças já estavam habituadas às rotinas, pessoas e

espaços da instituição. Sendo que alguns dos bebés na parte da manhã quando os familiares os traziam tinham alguma dificuldade na separação, principalmente quando era segunda feira ou depois de alguns dias em casa porque estavam doentes, refiro-me essencialmente ao J. M. (1:4) e o G. (1:4).

De uma forma geral, o grupo era bastante interessado, explorador e participativo, pois todos os momentos que lhes pude proporcionar a maioria dos bebés mostrou-se bastante curioso. As atividades que considero que consegui captar a atenção e a participação da maioria foram as saídas para o jardim-público, o movimento no salão e a exploração de algumas caixas. Como percebi que gostaram muito de fazermos saídas, sempre que podíamos íamos ao jardim, pois estava perto e era mais fácil para nós. A atividade em que fizemos movimento no salão foi dos momentos mais ricos que assisti porque todos os bebés estavam em movimento, a explorar algum material ou simplesmente andavam pelo salão, posteriormente em conversa com a educadora chegámos à conclusão que devíamos fazer de novo, o que acabou por acontecer duas semanas depois (Nota de campo-semana de 22 a 26 de Maio). Em relação à exploração das caixas surgiu de uma proposta emergente, ou seja, eu levei no dia 4 de Maio uma caixa que fazia de túnel para explorarem, como observei que tinham gostado imenso planifiquei levar na semana a seguir (10 de Maio) caixas de diversos tamanhos para poderem brincar/explorar sempre que quisessem. Consegui captar o interesse dos bebés através das suas expressões, movimentos e olhares.

Pude observar um grande progresso e evolução dos bebés desta sala, nomeadamente nas rotinas, porque inicialmente almoçavam na sala e sempre que traziam a sopa algumas das crianças apontavam para a comida, depois começamos a ir almoçar para a sala polivalente e sempre que íamos a caminho para a outra sala já sabiam que tinham que entrar na sala polivalente, mais tarde também começaram-se a sentar sozinhos nas cadeiras e ainda pude observar o G. (1:4) a fazer jogo simbólico com um copo, tal como refiro na reflexão de 22 a 26 de Maio- Notas de campo de 22 de Maio de 2017 “O facto de existir alguns desses objetos na sala polivalente e na nossa sala também faz com que as crianças da nossa sala os procurem, por vezes, e vão adquirindo a função de cada um, isto é, para que servem, ou então inventam outras funções.”

Outro aspeto bastante relevante neste grupo era as interações entre pares, estavam cada vez mais presentes, são muito pequeninos, mas mesmo assim já vão mostrando algumas interações, como por exemplo, “Dentro das 10:45h a L. (0:9) estava a palrear a olhar-se para o

espelho e a R. (1:5) foi ter com ela e disse “tá-tá-tá” (Nota de campo- semana de 26 a 28 de Abril de 2017). As duas ainda ficaram alguns segundos a interagir uma com a outra, onde olhavam uma para a outra enquanto comunicavam” e na mesma semana na nota de campo de 27 de Abril de 2017 “Inclusivamente pude observar interação entre pares ao longo da atividade, em que a R. (1:5) e o G. (1:3) estavam a comunicar um com o outro através de lalação e abanavam os papéis juntamente (...)”.

Ao longo da minha prática também observei uma grande evolução ao nível da autonomia, pois a R. (1:6) e o G. (1:4) começaram a comer sozinhos (apoiávamos sempre que precisavam), a L. M. (1:3), a L. P. (1:3) e a B. (1:2) também tinham vindo a mostrar bastante interesse em querer manusear a colher. No Projeto Curricular de Sala 2016/17 está referido que um dos objetivos é “Promover o desenvolvimento da autonomia” e foi possível observar isso ao longo do meu estágio, porque toda a equipa educativa desta sala deixava as crianças explorarem à vontade as suas capacidades enquanto tentavam buscar a comida com a colher e posteriormente coloca-la na boca, estes momentos eram apenas apoiados sempre que necessário.

Como é normal, todas as crianças tinham interesses diferentes e como tal pude observar e acabei por retratar isso em todas as minhas notas de campo ao longo da minha prática. A sala como era berçário não tinha áreas propriamente ditas mas estava construída para poder estimular as crianças e eu acabei por enriquecer também ao longo do meu estágio introduzindo novos materiais, como caixas de cartão, maracas recicláveis, registos das famílias nas paredes, registos de animais com velcro para poderem colocar e retirar, o registo das refeições com velcro também, cubos de cartão, fotografias plastificadas das crianças em ação, almofadas e um lençol a fazer de tenda para criar um “canto” onde possam ver os livros, descansar ou simplesmente ficarem ali a olhar para as cores da tenda, entre outros objetos.

A R. (1:6) era das crianças mais velhas e desde o início mostrou bastante interesse em livros, ou seja, gostava de ver as imagens dos livros, das sessões da Bru e quando nós contávamos algumas histórias pequenas e lengalengas. Muitas vezes que eu ou a educadora estávamos a contar uma história a alguma das crianças a R. (1:6) ia sempre ter connosco para poder ouvir também. (Exemplo: Nota de campo- Semana de 1 a 3 de Março de 2017). Como verifiquei isso, na minha última semana deixei dois livros com imagens reais para poderem explorá-los. A R. (1:6) já tinha a marcha adquirida quando cheguei à sala do berçário, aliás ela e mais o G.

(1:4) e a L. M. (1:3). Ao longo da minha prática observei que a R. (1:6) era uma criança muito curiosa, mas no início ficou um pouco reticente a algumas das minhas atividades, porque ainda não sentia confiança em mim, ela é uma criança que não gosta muito de pessoas estranhas. Nas fotografias que foram colocadas na sala, muitas das vezes ela identificava-se, ou seja, apontava para a imagem e olhava para um dos adultos. Já foi possível ver diversas vezes o jogo simbólico nas brincadeiras da R. (1:6), ela gosta bastante de brincar com o bebé que temos na sala, deitava-o e depois tapava com um lenço ou simplesmente andava com ele ao colo.

Em relação à L. M. (1:3) era uma bebé bastante simpática, interessada e gosta de ser ver ao espelho. Tudo o que fazia barulho fascinava-a, um dos exemplos foi quando levei as caixas de cartão na semana de 8 a 11 de Maio- Nota de campo “Pude observar a L. M. (1:3) sentada dentro de uma das caixas em frente ao espelho a bater com bastante força na caixa enquanto se olhava ao espelho, por vezes estava com uma cara muito concentrada no que estava a fazer mas noutras soltava alguns sorrisos e fechava e abria os olhos enquanto batia, ainda ficou muito tempo a repetir o que estava a fazer”. Ia diversas vezes para perto do registo com as fotografias da sua família e apontava para alguns dos membros da sua família, inclusive quando um dos adultos perguntava onde estava a mãe ou o pai, por exemplo. Os pais da L. M. (1:3) eram bastante participativas, isto é, davam à educadora registos de momentos em casa para colocarmos no Livro de Vida (no segundo capítulo explico o que é este instrumento). Esses mesmos registos também eram colocados na parede, antes de serem colocados no dossiê do Livro da Vida. Outro aspeto bastante característico da L. M. (1:3) era ser muito animada, pois quando colocávamos música ou cantávamos na sala ela começava logo a mexer o corpo, sorria e batia palmas.

Relativamente à L. P. (1:3) era uma bebé muito curiosa, com o seu lado de “malandrecas” e gostava muito de ter lenços ou adereços no cabelo ou no corpo para se ver ao espelho. Quando comecei a minha prática a L. P. (1:3) ainda não tinha adquirido a marcha, mas na semana de 1 a 3 de Março- Nota de campo do dia 2 de Março de 2017 deu os seus primeiros passos sozinha e desde aí ficou muito mais autónoma em relação ao desenvolvimento motor “Hoje a L. P. (1:0) deu os seus primeiros passos sozinha enquanto ia ter com a auxiliar e a educadora, inclusive quando chegava a uma delas ela é que se virava para o outro lado para ir ter com a outra pessoa que estivesse nessa direção”. A L. P. (1:3) sempre teve uma postura

participativa, pois todas as atividades que desenvolvi na sala do berçário, ela mostrou-se bastante curiosa e envolvida.

A B. (1:2) quando eu terminei a minha prática ainda não andava sozinha, andava por vezes apoiada, mas ainda com os passos muito descontraídos. Numa das visitas que fiz depois do meu estágio ter acabado já andava sozinha. A B. (1:2) era uma bebé que gostava muito de ouvir histórias, ficava sempre bastante concentrada e envolvida nesses momentos, nada a fazia dispersar. Também gostava muito de brincar ao esconde-esconde com os lenços que tínhamos na sala, inclusive retirava o lenço da nossa cabeça quando perguntávamos, por exemplo, “onde está a Inês?”. Gostava muito de objetos que faziam muito barulho e, como é habitual nesta idade, colocava muita coisa na boca. A B. (1:2) também ia várias vezes para perto do seu registo com fotografias da família, enquanto olha para as fotografias apontava para os membros da família e depois olhava para o adulto que estava próximo.

No que se refere à L. (0:10) era a bebé mais nova da sala e a nível motor evoluiu muito, pois no início da minha prática necessitava de uma almofada atrás das costas e no final da minha PES já gatinhava, conseguia aguentar sentada sem apoio, ia sozinha a gatinhar ou a rastejar para alcançar o que queria, esticava-se para alcançar a barra de madeira que tínhamos embutida no espelho, entre diversos outros movimentos que ela conseguiu adquirir ao longo do tempo. Era uma bebé muito bem-disposta e ao longo da minha prática nunca teve dificuldades na separação de manhã. Gostava muito de ficar sentada ou apoiada na barra a ver-se ao espelho, muitas das vezes sorria e palreava ao mesmo tempo. Mostrava muito interesse em objetos que faziam muito barulho e estava sempre pronta a explorar novas texturas, por exemplo, na reflexão da semana de 6 a 10 de Março-Nota de campo do dia 6 de Março de 2017 “(...) a L. (0:8) explorou o esfregão com grande satisfação, pois começou por tocar no material e depois esticou-o, ao mesmo tempo a educadora interagia com ela ao dizer “É áspero, não é L.?””.

Sobre o J. M. (1:4) era uma criança que gostava muito de carros, motas, inclusive sabia produzir os sons dos mesmos. Adquiriu a marcha ao longo da minha prática supervisionada. Sabia a função de alguns objetos, como por exemplo, a escova sabia que era para pentear o cabelo, que os carros andam no chão, entre outros. Gostava muito de colocar objetos dentro de uma caixa ou boião e depois retirava-os, isto vezes consecutivas. Além de saber os sons de

alguns meios de transporte, também sabia produzir o som da vaca e associa a imagem da vaca ao som que ela reproduz, por exemplo, na reflexão da semana de 13 a 17 de Fevereiro- Nota de campo do dia 14 de Fevereiro de 2017 “Estava sentada ao lado do J. M. (1:1) e ele pegou na vaca e estendeu-a para eu poder vê-la e disse “Muuu” (...)”. O J. M. (1:4) era das crianças que tinha mais dificuldade na separação de manhã, havia dias que conseguíamos recebe-lo com calma e ele não chorava, mas outros mesmo com calma e afeto ele chorava. Também ficava muito entusiasmado quando existia música na sala, pois abanava a anca e sorria para os adultos. Todas as saídas que fizemos até ao jardim-público foram muito bem aceites pelo J. M. (1:4), aliás ele delirava quando estava perto dos patos.

Quanto ao G. (1:4) era um bebé bastante expressivo, curioso e explorador. Tudo o que envolvia bolas sempre o fascinou, gostava muito de chutar as bolas, manda-las, entre outros movimentos com as bolas. Sempre que queria uma coisa agarrava a minha mão e puxava-me até ao que queria. Gostava muito de colocar objetos dentro de caixas e depois virava a caixa ao contrário para deixar cair tudo, após isto costumava festejar batendo palmas, dizendo ao mesmo tempo “uh-uh”. Foi uma criança que se mostrou sempre muito participativo em todas as atividades que planifiquei, inclusivamente em momentos que englobavam novas texturas como a digitinta com gelatina ele mostrou-se bastante envolvido, na reflexão da semana de 3 a 7 de Abril- Nota de campo do dia 6 de Abril de 2017 “ (...) o G. (1:3) depois de eu colocar a mão dele em cima da digitinta ele quis fazer sozinho, eu só fui virando o espelho porque ele fez quase tudo sozinho”. O G. (1:4) foi aprendendo a manusear cada vez melhor a colher e inclusive preferia comer sozinho, algumas das vezes recusava a ajuda. Ele também gostava bastante do jogo do cu-cu, por vezes escondia-se por baixo ou atrás dos berços.

A respeito da C. (1:2) observei que era uma bebé mais individual que as outras, pois não mostrava muito interesse nas atividades que planifiquei, tentei diversas vezes interagir com ela, tentar chamar a atenção da mesma para as atividades, mas não tive muito sucesso, mas mais tarde acabei por perceber que ela gostava mais de outras coisas sem ser as atividades. O que lhe suscitava mais interesse eram as sessões da Bru, as histórias e lengalengas que contávamos e adorava andar pela sala agarrada pelas paredes, isto porque ainda não tinha adquirido a marcha. Batia palmas sempre quando fazíamos uma “festa” por alguma conquista de um dos bebés ou quando existia música na sala. Começou a dar os seus primeiros passos sozinha na minha penúltima semana (15 a 19 de Maio), nessa mesma semana também mostrou grande

curiosidade na textura da terra quando fomos até ao jardim-público. A C. (1:2) gostava muito de ver as fotografias da família e ia muitas das vezes, por vontade própria, para perto delas. O registo dos animais domésticos também era muito utilizado por ela, pois o que gostava bastante era retirar as imagens do velcro.

Ao nível do domínio da linguagem e comunicação a maioria das crianças estava na fase da lalação, apenas a L. (0:10) é que estava na fase do palreio. Ao longo da minha prática fui sempre, juntamente com o resto da equipa educativa, estimulando as crianças ao nível da linguagem, pois dizia os nomes das coisas, os sons e cheguei a observar a R. (1:6) a repetir os meus movimentos dos lábios, ou seja, estava a tentar repetir a palavra, é possível ver isso na reflexão da semana de 18 a 21 de Abril- Nota de campo de dia 20 de Abril de 2017 “(...) Eu: É a água. Água. Ao mesmo tempo ela olhou para a minha boca e imitou os movimentos da minha boca, mas sem fazer som”.

Ainda hoje vou fazendo algumas visitas à sala para ver os “meus bebés”, pois é inevitável não criar laços de afetividade com cada um deles. Mesmo depois de ter acabado a minha prática todos me reconhecem quando vou lá, pulam, sorriem e vão ter comigo. Inclusive, pude observar que a educadora continuou a manter os registos e os materiais que fui colocando ao longo da minha PES. Quero ainda referir que o facto de ter desenvolvido competências para documentar as aprendizagens dos bebés permitiu fazer a caracterização individual que apresentei.

4.1.2. Fundamentos da ação educativa

Ao longo da minha formação académica que engloba a licenciatura e o mestrado tenho formado a minha opinião e delineado a minha postura e ação como futura profissional da educação. Portanto, considero que a observação é essencial para poder corresponder às necessidades e interesses de cada criança, tal como refere Richter & Barbosa (2010), os adultos devem estar atentos e presentes de forma a procurar e dar sentido às linguagens das crianças e responder às mesmas.

Relativamente à minha conceção da ação educativa fui-me baseando em diversos documentos tais como as Orientações Curriculares do Pré-escolar, no COR para planificar em creche, na Carta de Princípios para a Ética Profissional, no Perfil Geral de Desempenho Profissional

do Educador de Infância e do Professor do 1º ciclo do Ensino Básico e em artigos fornecidos ao longo do semestre pela minha orientadora Ana Artur. Sempre mantive uma postura honesta e humilde, pois estava naquela sala para aprender e como tal também pude evoluir através de diversas conversas, observações e críticas construtivas da educadora, sem esquecer as auxiliares, que ao longo da minha prática também me transmitiram imensos conhecimentos. Através dos registos que fui enviando aos pais também pude conhecer melhor cada criança e aprender como lidar com as famílias, e mais importante aprendi com cada criança, uma vez que com eles podemos aprender muito a cada dia que passa.

Nesta sala a educadora estava a tentar implementar o Modelo Pedagógico do MEM para creche, com o intuito que a creche funcionasse como um espaço onde existia cooperação e sintonia entre a equipa educativa, família e comunidade para desta forma ajudar a criar uma verdadeira comunidade de aprendizagem. Portanto tinham como objetivo assumir uma atitude de partilha em que todos iriam apoiar para uma boa integração e adaptação dos bebés. Nesta sala dávamos bastante valor à comunicação e à partilha com as famílias, porque além das conversas, do portal onde a educadora partilhava fotografias e a descrição das mesmas eu também enviava todas as semanas um ou dois registos para cada pai/mãe por correio eletrónico. Pois desta forma as famílias ajudavam-nos a conhecer melhor “os nossos bebés”, os seus interesses e as suas necessidades. Implicar os pais na adaptação do bebé é de grande importância, pois permite-nos a todos sentir mais confiantes. E além da adaptação das crianças, também é importante realçar que as famílias precisam do seu período de adaptação e por isso é essencial que tenhamos, enquanto profissionais de educação, disponibilidade, pois poderá ser um processo lento. Mas para ultrapassar as possíveis inseguranças por parte das famílias, deverá existir uma comunicação contínua, e alimentada e estimulada de diversas formas utilizando diferentes instrumentos e atividades (Folque & Bettencourt, 2018).

Tal como referem Folque e Bettencourt (2018), a comunicação com as famílias e as conexões entre as vivências de casa e as vivências da creche são cruciais para fomentar as aprendizagens das crianças. Através deste trabalho é possível que exista uma participação no planeamento e na avaliação por parte das famílias.

Também é muito importante que exista comunicação entre nós educadores e as crianças, quando referi comunicação abranjo a linguagem verbal, como também através da emocional,

sensorial e social, pois um olhar, um toque, um pequeno gesto é para o bebê e para nós um momento cheio de significado. Respeitando sempre individualmente cada criança, a sua religião, etnia e costumes.

4.1.3. Caracterização do cenário educativo

Na creche, estas áreas físicas da sala não surgem necessariamente como áreas estanques. Como noutros níveis de educação, privilegiamos os materiais autênticos, instrumentos de cultura e do mundo natural, bem como materiais pertencentes ao universo cultural das crianças e das famílias (Folque & Bettencourt, 2018, p.126).

A sala do berçário estava situada no rés-do-chão da instituição e continha dois espaços contíguos: sala de atividades que também funcionava como dormitório e a casa de banho/fraldário. Era um espaço adequado aos bebês, estando preparado para os acolher e proporcionar-lhes as refeições (mais tarde começaram a ser realizadas na sala polivalente), as sextas, a higiene e as atividades. Existiam três janelas com muita luz natural, existindo uma delas para a função de saída de emergência. A sala tinha, inicialmente, oito berços, mas mais tarde ficaram só quatro berços e quatro catres, onde cada um estava devidamente identificado com uma fotografia e o nome da criança. Na sala existia um colchão, almofadas, brinquedos ao alcance das crianças que estimulavam o seu desenvolvimento físico e intelectual. Numa das paredes existia um espelho com uma barra de madeira ao nível das crianças.

A sala não tinha áreas propriamente ditas, porque se tratava de uma sala de berçário, mas mesmo assim era possível distinguir espaços, que passo a apresentar.

Como é possível verificar na figura 5, este espaço é onde estava localizado o colchão. Este possibilitava que as crianças brincassem lá, aconteceu diversas vezes deslocarem-se para se sentarem no mesmo para verem um livro, uma fotografia, ou mesmo abanarem alguns objetos para ouvirem o barulho enquanto se viam no espelho. O colchão era deslocado, muitas das vezes. Por exemplo, na figura 5 estava uma criança a ver uma das fotografias que tinha levado para a sala. “Reparei que a L. (0:8) estava a olhar para o que estava a fazer e dei-lhe uma fotografia onde quem estava lá era ela a mexer no saco zip. Eu: Toma L.! Olham quem está aqui, é a L. a mexer no saco com uns cubos lá dentro. Ela enquanto ouvia o que estava a dizer ficou a olhar para a fotografia” (Nota de campo- Semana de 27 a 31 de Março de 2017).

Figura 5: A L. (0:10) a olhar para a fotografia enquanto estava sentada no colchão.



Na mesma área, onde estava situado o colchão, eram colocados os catres antes da sesta, ou seja, o colchão era deslocado para perto do espelho. Quatro das crianças já dormiam nos catres e as restantes quatro faziam a sesta nos berços que estão perto das duas janelas. Esta mudança foi muito bem aceite pelas crianças e pelos pais. No início as crianças estranharam, mas com o tempo foram-se habituando. Inclusive, antes de fazermos as higiènes muitos deles já se deitam nos catres. “No primeiro momento retrato a mudança que aconteceu na nossa sala, ou seja, deixámos de ter quatro berços e ficámos com uma sala muito maior, com paredes brancas que podem ser preenchidas com cor, com trabalhos, fotografias, registos, entre outros.” (Nota de campo/reflexão- Semana de 3 a 7 de Abril de 2017). Por termos os berços, não era possível colocar muita coisa nas paredes, mas a partir desta mudança comecei a colocar os registos com as fotografais das famílias, que acabou por ser também uma grande surpresa, porque todas as crianças adoraram o facto de terem ali algumas das suas referências de casa e também podiam ver a dos colegas.

Figura 6: Como a sala estava antes de retirarmos quatro berços.



Figura 7: Como a sala ficou depois de retirarmos os quatro berços.



Como já referi anteriormente, na sala existia um espelho com uma barra de madeira. Era bastante grande e como tinha a dita barra possibilitava as crianças que ainda não andavam pudessem estar apoiadas e, desta forma, se podem ver ao espelho. Este espaço era muito usado pelas crianças, para se verem ao espelho ao mesmo tempo que estavam a fazer alguma coisa, para colocarem a boca, para experimentarem diversas expressões, para fazerem o jogo do “cu-cu” ou mesmo para se verem com um adereço no cabelo ou no corpo. Por exemplo na semana de 2 a 5 de Maio de 2017- Nota de campo, “A L. M. (1:2) estava em frente ao espelho a brincar com duas bolas, isto é, estava com uma bola em cada mão e batia uma na outra. Enquanto isso estava bastante concentrada, mas ao mesmo tempo soltava alguns sorrisos, nem reparou na minha presença”.

Figura 8: Zona onde estavam situados o espelho e a barra de madeira.



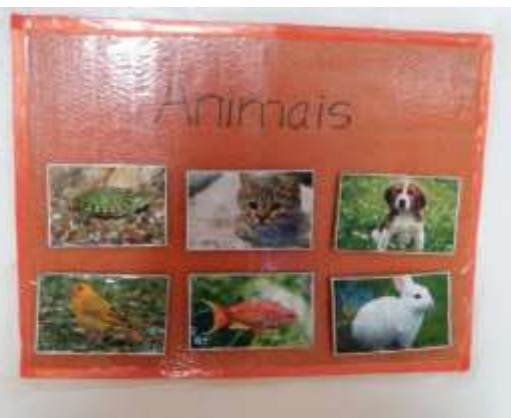
Na figura 9 apresento o espaço onde costumávamos colocar materiais maiores, neste caso colocámos uma caixa que levei para a sala que acabou por durar só uma semana, mas a mesma foi muito usada por parte de todas as crianças, porque podiam espreitar lá para dentro, deitavam-se e sentavam-se lá dentro, entre outras coisas que acabavam por surgir por eles próprios. Mais tarde acabei por trazer mais caixas sem estarem decoradas para as crianças poderem explorar livremente. Neste mesmo espaço, também coloquei um registo com animais domésticos (figura 10). Foi um dos registos que coloquei ao longo da minha PES e que foi muito bem aceite pelos bebés, pois iam diversas vezes para perto do registo retirar as fotografias, depois colocavam ou andavam com as imagens na mão para mostrar a um dos adultos. “A Leonor (0:10) foi até ao registo dos animais a rastejar e quando lá chegou retirou uma das imagens

(tartaruga), reparei que enquanto fazia força para tirar a imagem palreava” (Nota de campo- Semana de 8 a 11 de Maio de 2017).

Figura 9: Zona onde colocávamos objetos maiores.



Figura 10: Registo “Animais domésticos”.



As nossas paredes, depois de retirarmos alguns dos berços, tornaram-se “paredes comunicativas”, pois através delas as crianças podiam ver as suas fotografias em ação na nossa sala (figura 11) ou em casa (ambiente familiar) (figura 12), inclusive criei uns registos com fotografias que as famílias me disponibilizaram, onde os bebés podiam ver a sua família. Estes registos foram sempre muito requisitados por todas as crianças, não houve nenhuma que não fosse espreitar as suas fotografias e a dos colegas. Foi uma medida muito bem pensada, porque através deles comuniquei com as famílias e de alguma forma os mesmos participaram na implementação destes novos registos. Um dos exemplos da reação de uma das crianças aos registos com as fotografias das famílias foi: “Por volta das 9:30h a L. (0:10) foi a gatinhar até ao registo da sua família e quando lá chegou sentou-se e ficou alguns segundo a olhar para as fotografias e depois inclinou-se para chegar mais perto das fotografias, quando conseguiu colocou as mãos nas fotografias e batia” (Nota de campo- Semana de 15 a 19 de Maio de 2017).

Figura 11: A parede onde estavam as fotografias das crianças com as ações que aconteceram na sala.



Figura 12: A L. (0:10) a ver as fotografias da sua família.



Como ilustra a figura 13 aqui era feita a higiene das crianças, onde a bancada era usada para mudar as fraldas e para fazer a higiene dos bebês. Existia um espaço identificado onde estavam os produtos de higiene de cada bebê, era possível encontrar uma banheira, um depósito de fraldas usadas e prateleiras fora do alcance das crianças para arrumação de medicamentos e outros materiais. No sítio da porta do fraldário existia uma cancela para impedir que as crianças se magoassem ou abrissem as gavetas com alguns utensílios perigosos para eles. Era um espaço muito utilizado, mas sempre com o apoio de um adulto, pois era uma sala de berçário. Aconteciam diversas comunicações nesta divisão, brincadeiras, aprendizagens e por vezes cantávamos. Por exemplo na semana de 15 a 19 de Maio de 2017- Nota de campo “Na hora da higiene fui fazer à B. (1:2) a mesma e comecei por sentá-la com calma na bancada onde mudamos as fraldas e disse: -Eu: Bibi vou-te limpar a cara, vamos tirar a toalhita. Ajudas-me? Fui buscar a caixa das toalhitas e abri para ela retirar. Começou por puxar a toalhita e depois deu-ma. -Eu: Então vamos lá limpar a cara da Bibi”. Esta nota de campo está relacionada com uma criança que tinha dificuldade em aceitar a hora da higiene, mas com algum diálogo e tolerância foi possível conseguir criar estratégias para que a mesma conseguisse ultrapassar esse receio/medo.

Figura 13: Casa de banho/fraldário.



Na minha última semana pude introduzir um novo espaço na sala, onde coloquei um lençol a fazer de tenda (pintado por mim) e umas almofadas pintadas pelas crianças, de modo, a criar um canto onde pudessem ver os livros, se pudessem deitar ou sentar nas almofadas ou mesmo ficarem a olhar para as cores que a tenda tinha. Como é possível verificar na figura 14 e 15 as crianças estavam com a cabeça deitada nas almofadas, sentadas nas mesmas e havia quem deitasse o bebé neste espaço para o tapar para o mesmo dormir. Para chamar a atenção, também dos funcionários, crianças e famílias, em relação à nossa nova aquisição coloquei um convite na porta como é legível na figura 16. “Hoje coloquei um convite na nossa porta, para irem ver a tenda que tínhamos colocado na nossa sala. Fomos visitados por diversas pessoas, desde funcionários que iam lá e diziam “Venho só ver a tenda. Uau, está muito gira!”, a mãe do J. M. (1:4) também veio só para ver a tenda e para avisar que ele não vinha hoje, as educadoras e as auxiliares da creche iam à sala e elogiaram bastante o nosso novo “cantinho”. E todas as mães que trouxeram os seus filhos à nossa sala diziam “Vi o convite na porta, quero ver a vossa tenda” (Nota de campo- Semana de 22 a 26 de Maio de 2017).

O “cantinho da tenda” ainda hoje existe e é usado pelas crianças, pois as mesmas mudaram para a sala de 1 ano, mas a educadora levou consigo este material.

Figura 14: “Cantinho da tenda” onde as crianças se sentavam ou colocavam a cabeça nas almofadas.



Figura 15: A R. (1:5) a tapar o bebé no “cantinho da tenda”.



Figura 16: Convite que coloquei na porta “Venham ver a nossa tenda!!”



O espaço da sala de berçário foi pensado para fomentar e desenvolver diversas capacidades das crianças, mas ao longo da minha prática também fui enriquecendo a sala e os materiais, porque inicialmente existiam muitos brinquedos estereotipados.

Os brinquedos costumavam estar colocados dentro de vários recipientes ou caixas. Existiam várias bolas de diversos tamanhos, brinquedos que faziam barulho, objetos para poderem colocar na boca e que lhes dava satisfação, fantoches, carros, peluches de animais, livros com imagens reais (fui eu que os introduzi na sala- figura 17), bonecos, entre outros tantos. Ao longo da minha PES eu e a educadora fomos introduzindo mais materiais do quotidiano, tais como: instrumentos musicais, chapéus, lenços, cubos de cartão, fitas para o cabelo, escovas do cabelo (figura 18- O Z. (1:2) a pentear o cabelo), esfregões, esponja do banho, caixas de cartão, mais livros com imagens reais, registas, papel celofane, etc.

De um modo geral estes materiais estavam ao alcance das crianças, inclusive os registos também foram todos colocados ao nível das crianças para desta forma poderem observar, apontar e suscitar interações entre pares e criança/adulto.

Figura 17: A B. (1:2) a ver o livro que eu introduzi na sala.



Figura 18: O Z. (1:2) a pentear o cabelo.



O espaço da sala de berçário estava adaptável às idades e necessidade dos bebés desta sala, mas foi alterada ao longo da minha PES, pois foram retirados os berços e a mesa onde eram feitas as refeições das crianças, dado que as mesmas começaram a almoçar e a lanchar

na sala polivalente juntamente com as restantes duas salas de crianças. E sofreu as alterações e implementações referidas anteriormente.

4.1.4. Caracterização da rotina

Relativamente às rotinas, considero que seja um ponto bastante importante para as crianças, pois através delas as mesmas vão entendendo a sequência diária de acontecimentos e desta forma sentem-se mais seguras.

É essencial que o educador pense nas rotinas respeitando as necessidades das crianças, tal como afirmam os autores Post, Hohmann, Bahia e Figueira (2011, p.15) “Em conjunto, as pessoas que tomam conta das crianças concebem horários e rotinas centradas nas necessidades e interesses das crianças, proporcionando-lhes um sentimento de controlo e de pertença.”

Existia uma rotina fixa, mas ao mesmo moldável às circunstâncias, pois nem sempre as crianças estavam dispostas a participar nas atividades planificadas ou o tempo não estava a favor, logo por vezes a rotina era alterada consoante as necessidades e interesses das crianças.

O dia das crianças da sala do berçário estava organizado em diversos momentos, mas sobretudo em momentos individuais, pois nestas idades é difícil criarmos momentos em grande grupo, pequeno grupo ou de pares porque é complicado mantê-los concentrados e interessados em simultâneo. Os momentos de grande grupo eram sobretudo nas sessões da Bru Junça, quando a educadora ou eu liamos alguma história ou lengalenga e noutros momentos de animação (momentos de movimento, quando cantávamos canções as crianças movimentavam o corpo, exploração de objetos, etc). A educadora e eu tínhamos um papel de mediadoras, de modo a incentivá-los a participarem e a ficarem interessados.

Como já referi mais atrás existem alguns momentos entre pares, essencialmente entre as crianças mais velhas, mas também já assisti a interações entre a R.(1:6) e a L. (0:10), ou seja, entre a criança mais velha com a mais nova (No ponto da caracterização do grupo coloquei exemplos de notas de campo que retratam esses momentos).

Em relação à organização do tempo estava construída da seguinte forma:

Acolhimento- 7h45 até às 10h, este momento ocorria inicialmente na sala polivalente com as restantes salas de creche, mas por volta das 9h/9h30 deslocávamo-nos para a nossa sala. No acolhimento apoiava todas as explorações dos bebés, por vezes prestava mais atenção a

determinadas crianças e pais, porque observava que tinham alguma dificuldade na separação. Quando era implementado algo de novo na nossa sala, também tentava chamar a atenção das famílias ou tentava perceber o feedback dos mesmos.

Atividades- 10h, neste momento ocorriam as atividades planeadas por mim, por exemplo, leitura de histórias/lengalengas, saídas ao exterior, exploração de novos materiais, novas texturas, entre outros. Enquanto estagiária e com a restante equipa educativa tentámos sempre apoiar as crianças neste momento, de modo a incentivá-los a participarem.

Almoço- 11h, na hora da refeição deslocávamo-nos para a sala polivalente, quem conseguia andar ia sozinha, as restantes iam apoiadas por um adulto ou iam ao colo.

Higiene- 10h45, normalmente a esta hora a equipa educativa da sala do berçário fazia a higiene a cada criança para posteriormente colocar a criança no seu berço/catre.

Sesta- 12h

Atividades de exploração ativa livre e/ou estruturada. Sessão cultural entre famílias ou expressão e comunicação- 14h, neste momento as crianças brincavam livremente, eu e a educadora intervimos sempre que achávamos benéfico para a criança.

Lanche- 14h30

Higiene- 15h

Atividades de exploração - 15h30, a partir desta hora os pais começavam a chegar para virem buscar os seus filhos.

Existiam rotinas semanais, isto é, às terças-feiras de manhã a sala do berçário podia ir para o salão e as saídas ao exterior eram concretizadas à quinta-feira.

4.2. Conceção da ação educativa em jardim de infância

4.2.1. Caracterização do grupo

O grupo era composto por 25 crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos até Janeiro de 2018 como está indicado na tabela 2, onde treze das crianças eram meninos e doze eram meninas. Esta sala era orientada por uma educadora e apoiada por uma auxiliar e era designada por sala dos 5 anos A.

Tabela 2: Nomes e idades das crianças da sala dos 5 anos A.

Nomes	Idades
A. R.	(5:4)
A. B.	(6:1)
B. J.	(5:5)
C. D.	(5:2)
F. F.	(5:5)
G. R.	(5:10)
G. C.	(6:1)
L. S.	(5:9)
M. P.	(5:6)
M. D.	(5:11)
M. M.	(5:5)
M. C. R.	(5:8)
M. do C. C.	(5:6)
M. do C. Couti.	(5:6)
M. V.	(5:8)
M. L. S.	(5:5)

M. B.	(5:4)
M. Duar.	(5:11)
M. Pi.	(5:4)
R. C.	(5:11)
S. N.	(5:8)
T. F.	(5:11)
T. M.	(6:1)
V. Z.	(5:2)
X. C.	(5:7)

A equipa educativa acompanhava o grupo desde o berçário, e para além das 8 iniciais, outras crianças foram integrando o grupo ao longo dos anos até à data perfazendo um total de 25 crianças.

De um modo geral, as crianças da sala dos 5 anos não tinham dificuldades na separação, mas quando ficavam muitos dias em casa, por vezes, demoravam algum tempo a se despedirem dos pais. Mas a janela que existia entre a sala e o corredor, ajudava na despedida, pois alguns pais deixavam as suas crianças na sala e depois iam à janela fazer adeus, tal como aconteceu na semana de 25 e 29 de Setembro de 2017- Nota de campo de dia 27 de Setembro “Depois do António (5:10) chegar à sala e se sentar na roda, os pais e a irmã do mesmo estavam a passar no corredor e aproximaram-se da janela para dizerem adeus, após isso o António (5:10) foi para perto da janela para retribuir o adeus e as restantes crianças fizeram o mesmo (...)”.

Nesta sala existia uma criança (L. S. (5:9)) que estava a ser acompanhada por um dos membros da equipa da intervenção precoce, pois era uma criança que nasceu prematura e tinha alguns problemas na anca. No colégio era acompanhado, uma vez por semana, por uma psicomotricista e fora do colégio frequenta na natação, de modo, a evoluir aos poucos as suas

dificuldades. A M. D. (5:11), também era uma criança que estava a ser acompanhada, mas pela terapia da fala e estava num processo de análise.

Durante a minha prática pedagógica pude conhecer mais profundamente o grupo e em particular cada uma das crianças individualmente, e desta forma, ir percebendo a personalidade de cada um. Esta relação que fui criando foi importante para adaptar a minha ação a cada uma das crianças, sempre com a preocupação de diversificar nas atividades e a responder aos interesses e as necessidades de cada um e do grupo.

Relativamente à área de formação pessoal e social, este grupo dominava bastante bem a parte da autonomia e espírito de interajuda, por exemplo, na semana de 2 a 4 de Outubro de 2017- Nota de campo e reflexão do dia 4 de Outubro “Outro exemplo disso é às segundas-feiras quando têm que vestir o bibe ajudam-se uns aos outros, ou seja, fazem um comboio e abotoam os botões uns dos outros (...)”. De um modo geral, todas as crianças eram muito autónomas, mas existiam algumas que precisavam de ajuda, tal como o L. S., mas o grupo já o ajudava sem ser preciso dizer nada. No momento do almoço, algumas crianças, necessitavam de apoio e incentivo para utilizarem os dois talheres, por exemplo, o S. N., o B. J., a C. D., o L. S. e a M. D..

No domínio da matemática, tal como refere o Projeto Pedagógico da sala dos 5 anos A “(...) podemos aprofundar noções espaciais, numéricas, de quantidade que algumas crianças ainda não dominam”. Mas relativamente à ordem crescente e decrescente já sabiam identificar, colocavam questões e sabiam formar conjuntos, por exemplo, na semana de 9 a 13 de Outubro de 2017- nota de campo do dia 10 de Outubro “Enquanto eu estava com o T. F. (5:8) e o A. B. (5:11), também estava a ver o que o X. C. (5:4) e o B. J. (5:3) estavam a fazer e reparei que estavam a fazer uma fila do maior para o menor”. Também sabiam escrever os números, eram curiosos relativamente aos mapas e sabiam algumas formas geométricas (li uma história sobre as formas geométricas no dia 10 de Outubro de 2017 e reparei que ficaram muito interessados em querer saber mais sobre este tema).

No que diz respeito ao mundo tecnológico e utilização das tecnologias, as crianças estavam muito habituadas e eram autónomas na sua utilização. O computador da sala ainda não estava a funcionar, mas muitas das vezes que a educadora trouxe o seu computador para o colégio para usarem, verifiquei que manipulavam muito bem. Através da implementação do tablet à

porta da sala pude observar, muitas vezes, as crianças a mexerem e a explorarem (deslizarem com o dedo para passarem a fotografia ou a comentarem o que estavam a fazer em determinada fotografia).

No que se refere ao nível do conhecimento do mundo o grupo possuía as competências ideais, tais como, serem curiosos e questionarem muito tudo o que lhes suscitava interesse.

Pude observar muitas dessas características, por exemplo, na semana de 6 a 10 de Novembro de 2017 (Nota de campo do dia 7 de Novembro), estivemos a observar o que tinha acontecido à experiência da comida de cão e gato, ou seja, semeamos comida de cão e de gato, porque pediram numa reunião de conselho. Acabamos por descobrir que tinha formado bolor e através daí algumas crianças deram alguns exemplos “(...) a M. do C. Couti. (5:4) que disse “O meu pai uma vez tirou o queijo do frigorífico e tinha bolor” e a C. D. disse “E eu já tive um figo com bolor em casa”. Demonstraram bastante curiosidade em quererem experimentar, de observarem e refletirem sobre o mesmo. Foi possível observar isto, por exemplo, no decorrer do Projeto sobre o Van Gogh, onde quiseram pesquisar características do pintor, a sua vida, algumas obras e inclusive pintá-las. O gosto pelas ciências é bastante evidente por todo o grupo, pois as crianças tinham interesse em ir observar e fazerem registos na área das ciências, onde conversavam sobre os acontecimentos e sempre que eram feitas experiências, levantavam hipóteses sobre o que poderia ocorrer e, posteriormente, verificavam se o que realmente acontecia era semelhante ao que especularam, utilizando sempre uma linguagem científica.

A respeito do domínio da linguagem oral, dez destas crianças apresentaram um nível elevado de domínio da linguagem, bem como de vocabulário adequado e assertivo, mas 4/5 crianças apresentavam algumas dificuldades em alguns fonemas e em articular alguns sons que eram mais retraídos (Projeto pedagógico Sala 5 anos A-2017/18). Mas para promover uma maior evolução neste domínio, pude observar que a educadora realizava diversas atividades diretamente relacionadas com esta área, tal como, contar histórias, lengalengas, rimas, diálogos individuais e em grupo. É importante frisar a importância das comunicações e das reuniões de conselho, pois eram muito benéficas para as crianças desenvolverem o domínio da linguagem, e além disso expunham a sua atitude crítica, dando a sua opinião sobre o trabalho dos outros. A M. P. (5:6) no início do meu estágio não conseguia falar muito nas comunicações, mas no final da minha prática pedagógica foi notória uma evolução incrível, pois mesmo com alguma timidez já se expressava muito bem e pedia para comunicar.

A respeito à abordagem da escrita, o interesse das crianças era constante, pois mesmo sem planejarmos atividades relacionadas com esta área, as crianças voluntariamente iam para a oficina da escrita e faziam reprodução de escrita no caderno de linhas (copiavam palavras que tínhamos na área), pediam para os adultos escreverem palavras que queriam para eles copiarem, e por vezes apercebíamos-nos que estavam a copiar o que estávamos a escrever ((Semana de 5 a 7 de Dezembro de 2017- Nota de campo do dia 7 de Dezembro) “. Enquanto cada um desenhava o coração e depois escrevia o nome, a M. B. (5:3) estava ao lado com uma folha e copiou a frase que eu escrevi”).

Em relação à área das expressões, baseando-me na expressão motora, plástica, musical e dramática, ao longo da minha prática, verifiquei que as crianças se interessavam muito por esta área, pois gostavam de participar em atividades relacionadas com estes domínios. Por exemplo, na semana de 13 a 17 de Novembro de 2017 (Nota de campo do dia 17 de Novembro) fomos até ao Jardim Público fazer jogos tradicionais e foi um dos momentos que observei a expressão motora presente (como o conhecimento do mundo). De 15 em 15 dias tinham dança com uma professora de dança que era intercalada com a expressão motora que era dinamizada pela educadora e mais tarde comecei eu a planear e a intervir. No recreio também pude verificar que os meninos desta sala gostavam muito de jogar à bola e eram bastante competitivos. A expressão musical estava presente no dia-a-dia, porque por vezes, cantávamos canções ou lengalengas antes do almoço. No que se refere à expressão plástica, as crianças desta sala eram muito participativas, mas realço algumas, tais como, o A. B., o X. C., a M. P., a C. D., a M. C., a M. do C. Couti. e a M. L. S.. Inclusive, havia algumas destas crianças que expressavam o seu envolvimento pela sua expressão facial e pude registar isso no V. Z. (semana de 11 a 15 de Dezembro de 2017- Nota de campo do dia 11 de Dezembro) “(...) enquanto o V. Z. (5:1) observava a obra do céu estrelado colocou o dedo indicador da mão direita no canto da boca e fazia um ar pensativo (...)”. Em relação à expressão dramática as crianças inventavam muitas histórias e representavam através de fantoches feitos por eles. Pude observar isso em dois momentos, um na semana de 9 a 13 de Outubro de 2017-Nota de campo do dia 12 de Outubro um pequeno grupo construiu-o fantoches com formas geométricas.

Ao longo da minha PES observei que na sala desta educadora cada criança era tratada como tendo um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem (Silva, Marques, Marta & Rosa, 2016), ou seja, era um sujeito e não um objeto. Estando numa sala do

pré-escolar e essas crianças estarem quase a entrar no ensino básico, penso que era crucial recorrer às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, algo que me ajudou nas minhas planificações e reflexões.

4.2.2. Fundamentos da ação educativa

Os princípios da orientação da ação educativa na sala onde fiz a minha prática pedagógica eram baseados no modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna. Segundo o projeto pedagógico da sala dos 5 anos A existiam três finalidades formativas: “A iniciativa de práticas democráticas; a reinstituição dos valores e das significações sociais; e a reconstrução coope-rada da cultura” (Folque, 2014 cit. no projeto pedagógico da sala dos 5 anos A).

Tal como refere o projeto pedagógico de sala, a primeira finalidade baseia-se no desenvol-vimento da cooperação e da solidariedade numa comunidade que se vai reconstruindo demo-craticamente, a segunda destaca a necessidade de uma reflexão permanente para clarificar os valores e significados, de modo a permitir que o educador e as crianças tenham o poder de tomar decisões e de criar as regras do grupo através de um método de cooperação e de per-manente reinstituição o que inclui o envolvimento ativo do grupo em problemas sociais e va-lores políticos (Gonzalez, 2002). Por fim, pretende alcançar a aprendizagem como um processo sociocultural e participativo em que os grupos não só têm acesso aos conhecimentos sociocul-turais da sociedade, como também os reconstroem num processo dialógico de construção de sentido (Folque, 2014). A livre expressão era bastante presente num dos princípios, pois ava-liava as opiniões, conhecimentos e vivências das crianças, que fazia com que desenvolvessem as competências de comunicação e aprendizagem.

Este modelo pedagógico que assenta numa prática democrática da gestão das atividades, dos materiais, do tempo e do espaço e que pretende, através da ação, proporcionar uma vi-vência democrática e um desenvolvimento pessoal e social das crianças, garantindo a sua par-ticipação na gestão da vida da sala. Esta gestão era apoiada por instrumentos de pilotagem, registos e avaliação, como: mapa de presenças, mapa do tempo, mapa de tarefas, diário do grupo, regras de sala, comunicações em grande grupo em que existia uma partilha de vivências e experiências, realização de projetos que proviam de interesses, dúvidas ou vivências das cri-anças. A educadora implementou algumas rotinas organizativas do modelo pedagógico do MEM, mas não o utilizou em plenitude, pois não usavam o mapa de atividades, os inventários das áreas e o instrumento do plano semanal. Ainda falámos as duas em implementar alguns

desses instrumentos em falta, mas acabou por surgirem coisas novas para fazermos com as crianças, pois eram muito curiosas, e optámos por adiar. Mas esses instrumentos iriam ser cruciais, pois através do mapa de atividades poderia ter proporcionado um processo de autor-reflexão sobre a ação, em que as crianças aprendiam gradualmente a antecipar as atividades, a autorregular o seu trabalho e a realizar planos. Relativamente aos inventários das áreas iria ser importante, dado que ajudaria a recordarem e a verem as diferentes possibilidades de atividades em cada área (Folque, 2014). Em relação ao plano semanal possibilitaria a oportunidade de negociar com as crianças onde colocaríamos as atividades no plano semanal, ou seja, organizaríamos a semana em conjunto.

O espaço educativo estava organizado por áreas (área da expressão e comunicação, área do conhecimento do mundo e área da formação pessoal e social) que acabavam por se subdividirem em domínios, de forma a permitir que as crianças realizassem atividade (Projeto pedagógico Sala 5 anos A-2017/18).

Tal como refere no projeto pedagógico da sala dos 5 anos A, dão bastante importância ao papel da comunicação, porque consideravam que permite às crianças desenvolverem um processo reflexivo que as fazem compreender a estruturar o que querem comunicar. A comunicação tinha uma função social de partilhar e divulgar a informação em benefício do grupo e da comunicação. Ajudava as crianças a aceitarem outros pontos de vista dos seus e para compreenderem que outras opiniões também eram válidas. Deste modo, as comunicações possibilitavam que a criança organizasse mentalmente as suas aprendizagens, de forma a preparar o seu discurso oral e comunicar em grande grupo.

Ao longo do dia a organização do grupo variava, pois podiam estar em atividades de grande grupo, a debaterem temas, contar histórias ou canções, entre outros. Em pequeno poderiam estar a trabalhar em projetos e a brincar nas áreas curriculares. E individualmente estavam em trabalhos pessoais ou a serem acompanhados por um adulto nas suas necessidades específicas.

De um modo geral, nesta sala existia momentos de reunião entre adultos e crianças, em que se planeava o trabalho a ser realizado, em que se partilhava saberes, em que avaliávamos trabalhos e atividades, tarefas e atitudes, em que comunicavam descobertas e aprendizagens.

Tal como refere o projeto pedagógico da sala dos 5 anos A, têm como objetivo principal educar as crianças de uma forma feliz.

Baseando-me na minha formação académica que tenho vindo a ter ao longo da licenciatura, do mestrado e dos estágios que tive oportunidade de ter, comecei a identificar-me com práticas educativas, modelos e a criar a minha postura e ação como futura profissional educativa. E depois de passar por uma sala com crianças com cinco anos onde o modelo pedagógico implementado era o MEM, dei seguimento ao trabalho da educadora, onde comecei a definir a minha ação educativa.

O objetivo central é proporcionar ambientes educativos que estejam profundamente integrados no meio cultural da sociedade que servem, em vez de construir nichos culturais alheados da realidade da vida social (Niza, 1995), o que torna mais eficazes as relações entre a família e a escola (Folque, 2014, p. 54).

Relativamente à minha conceção da ação educativa fui-me baseando em diversos documentos tais como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, na Carta de Princípios para uma Ética Profissional, no Perfil Geral de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico e em artigos fornecidos/procurados ao longo da minha vida académica. Sempre mantive uma postura honesta e humilde, pois estava naquela sala para aprender. Aprendi e evolui muito através de diversas conversas, observações e críticas construtivas da educadora cooperante, sem esquecer da auxiliar, que ao longo da minha PES também me transmitiu imensos conhecimentos e conselhos. Através dos registos que fui fazendo (O que estive a fazer) e das minhas notas de campo, pude conhecer melhor cada criança e aprender como lidar com as famílias. Mais importante foi ter aprendido com cada criança, pois com eles podemos aprender todos os dias.

Enquanto futura educadora tentei ao máximo aproveitar o que a criança já era conhecedora e utilizá-lo para aumentar o seu conhecimento apoiando a criança a construir novos conhecimentos a partir dos seus.

Considero essencial frisar os objetivos gerais do projeto educativo/pedagógico da sala que apoiaram muito a minha ação educativa na sala, tais como: “Incentivar e promover o gosto pelo conhecimento do mundo, de modo que as aprendizagens das diferentes ciências naturais

e humanas possam permitir à criança compreender, interpretar, orientar-se e integrar-se no mundo que a rodeia; Promover e incentivar as expressões motora, dramática, plástica e musical na compreensão das artes no contexto e na apropriação da linguagem musical, da dança e no desenvolvimento da criatividade; Proporcionar o contacto com tecnologias de informação e comunicação de modo a clarificar situações de aprendizagens que assegurem condições para abordar com sucesso competência em TIC; Promover o bom ambiente entre o grupo fomentando sempre a “Comunicação” em vários contextos, formas e projetos”.

Deste modo, durante a minha prática pedagógica tentei diversificar as minhas planificações, tendo sempre em consideração os interesses e necessidades das crianças e sem esquecer as áreas de conteúdo.

Mas para que existisse uma educação de sucesso era necessária uma relação privilegiada com as famílias, escola e comunidade, onde todos contribuem para o bem-estar das crianças. Ao longo da minha prática pedagógica consegui criar uma relação de confiança com as famílias, que se baseou muito na comunicação, na interajuda, nos registos colocados à porta “O que estive a fazer” (no capítulo cinco abordo melhor este instrumento) e com o suporte tecnológico (tablet) colocado à porta todos os dias com fotografias que foram tiradas. Sem esquecer, todos os registos colocados nos placards e nas paredes adjacentes à sala, com planificações semanais e diárias à porta da sala e dos registos feitos pelas crianças sobre o que está a ser desenvolvido na sala (projetos, brincadeiras, registos de saídas, aprendizagens, entre outras).

Tal como afirma o projeto pedagógico da sala dos 5 anos A, consideram importante a continuação de uma relação de parceria individual e coletiva com as famílias de modo a transportar para o ambiente escolar situações importantes de vivências em família. Tal como ter a colaboração da família no enriquecimento dos projetos de sala.

4.2.3. Caraterização do cenário educativo

Para que haja um bom funcionamento é necessário que exista uma boa organização do espaço e dos materiais, porque é um apoio às aprendizagens, ao desenvolvimento e ao bem-estar das crianças (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

A sala onde fiz a minha prática pedagógica em jardim de infância estava situada no 2º andar da instituição, era um espaço amplo, adequado e bem conservado. Tinha bastante luminosidade devido às três janelas, permitindo a entrada de luz natural. Mas devido à própria

estrutura de construção, as janelas não tinham acesso por parte das crianças. Também existiam duas janelas que davam para o corredor de acesso à sala.

Sendo uma sala que era inspirada pelo MEM, o espaço educativo estava dividido em diversas áreas, todas estas distribuídas à volta de uma área central polivalente onde era realizado o trabalho em grupo.

Na figura 19 é possível observar o Atelier de Expressão Dramática, mas normalmente, as crianças treinavam os seus teatros no corredor e só depois é que traziam o fantocheiro ou outro suporte necessário e os utensílios (se fossem necessários) para este espaço para iniciarem a sua apresentação. Neste atelier também aconteciam as comunicações, as crianças marcavam a sua presença a (está afixado na parede), marcavam o tempo, estava o mapa de tarefas, o plano do dia e o registo das comunicações.

Figura 19: Atelier Expressão Dramática



Como ilustra a figura 20 esta é a Área da Biblioteca/Reproduções, neste espaço as crianças podiam ver os livros, estavam expostas as novidades realizadas todas as semanas com o apoio da educadora (era habitual os pais entrarem e irem ler o que o seu filho tinha dito e desenhado). Existia o limite de estarem 3 crianças nesta área.

Figura 20: Área da Biblioteca/Reprodução



Como apresento na figura 21 é possível observar a Oficina da Escrita e Reprodução, onde era possível as crianças fazerem tentativas de escrita e escrita inventada. Nesta área existia um caderno de linhas individual (identificado com o nome de cada criança), várias letras impressas (em minúsculas e maiúsculas), números, vários cartões com palavras escritas, palavras estas que as crianças pediam aos adultos para escreverem. Entre esses cartões, também existia palavras impressas ou colagens (por exemplo, o panfleto da exposição Van Gogh alive- The Experience Lisboa). Existia um computador e uma impressora, mas ainda não estão a funcionar. Mesmo assim as crianças não deixavam de pesquisar ou usar as novas tecnologias, pois usavam o computador da educadora ou o meu. Alguns trabalhos realizados neste local eram expostos no placard e posteriormente guardados no portefólio que cada um tinha. Esta área era bastante utilizada pelas crianças, pude verificar isso ao longo da minha PES, pois mostravam interesse em aprender a escrever, a identificar as letras e as palavras. Mesmo fora desta área gostavam muito de identificar as letras dos nomes dos amigos da sala, ou seja, o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita estava muito presente em todas as crianças. Existia um dicionário, jogos com letras, formas geométricas em madeira, um ábaco para fazerem contas, um flanelógrafo (onde colavam letras e números, podiam construir palavras- figura 23), entre outros. Semanalmente eram feitas as novidades no espaço polivalente ou nesta área, com o apoio de um adulto diziam o que tinham feito no fim-de-semana e o adulto escrevia, posteriormente, a criança passava o que estava escrito e fazia um desenho referente ao que tinha dito. Nesta área podiam estar duas crianças, mas como era muito concorrida colocámos mais uma mesa (mesa branca que está na figura 21) e cadeiras. Neste local tudo estava devidamente identificado, ou seja, cada caixa e objeto estava identificado (escrito pelas crianças), como é possível verificar na figura 22.

Figura 21: Oficina da Escrita e Reprodução



Figura 22: Objetos devidamente identificados pelas crianças



O flanelógrafo (figura 23) era um dos objetos que era muito utilizado por parte das crianças, e exemplo disso foi uma comunicação do R. C., da M. B. e da M. V., “No momento das comunicações o R. C. (5:10) e a M. V. (5:7) inscreveram-se para partilhar o que tinham feito. Partilharam connosco que tinham colocado os meses do ano e os dias da semana no quadro que temos na área da escrita. A M. B. (5:3) quis participar, mas acabei por perceber que ela não tinha feito com eles, logo sugeri que se sentasse e podia participar ao colocar questões” (Nota de campo- Semana de 27 a 30 de Novembro de 2017).

Figura 23: Flanelógrafo



Na Área das Ciências/Laboratório da Matemática (figura 24) era possível estarem duas crianças e mais duas na caixa de areia (está ao lado desta área). A área das ciências estava associada ao laboratório da matemática visto estarem ambas bastante relacionadas. Os materiais desta área eram essencialmente lupas, um telescópio, peixes no aquário, várias plantações feitas pelas crianças, materiais utilizados nas experiências, mapas, globo, vários geoplanos (muito utilizados pelas crianças, onde construíam desenhos com formas geométricas), livros sobre o corpo humano, sobre os dinossauros, algumas revistas e livros sobre plantas, existia uma pele de cobra, conchas e mais materiais que iam sendo acrescentados, por exemplo, quando fomos todos a casa da C. D. trouxemos alguns frutos e plantas do monte da mesma e deixámo-los nesta área durante algum tempo para que as crianças pudessem explorar. Também era possível encontrar nesta área uma caixa de luz, este objeto não foi muito utilizado ao longo da minha PES, mais ainda consegui planificar uma atividade para contrariar a falta de

utilização (Fizeram um desenho e depois passaram-no para o papel vegetal, mas passaram ao mesmo tempo que faziam pontinhos: Semana de 20 a 24 de Novembro de 2017). Nas paredes próximas desta área estavam, normalmente, registos das experiências que fazíamos, o que as crianças especulavam que ia acontecer, como fizemos a experiência e o resultado.

Figura 25: Área Faz-de-Conta



Relativamente à Área do Faz-de-Conta inicialmente era como está apresentado na figura 25, mas como era um espaço que raramente era usado, ou mesmo nunca, a educadora decidiu que tínhamos de intervir, de modo, a fazer com que aquela área voltasse a suscitar interesse naquele grupo. Foi falado em conjunto com as crianças e decidimos que queríamos construir um estúdio de comunicação, onde iríamos colocar televisões, microfones, construir uma rádio, ou seja, teria coisas relacionadas com a comunicação. Neste momento ainda estávamos a recolher objetos com a ajuda das famílias e inclusive iríamos começar um projeto com o apoio do pai de uma das crianças, pois o mesmo trabalha numa estação de rádio. Esta área quando existia era utilizada, no máximo, por cinco crianças e tinha objetos que remetiam a uma casa real (cama para um bebé, fogão, frigorífico, aspirador, roupas, uma mesa, cadeiras, utensílios de cozinha, um ferro, uma tábua de passar a ferro, entre outros. Fora desta área estavam alguns instrumentos musicais, onde podiam estar só duas crianças. Ao longo da minha prática nunca vi nenhuma criança a utilizar. Agora que relato este acontecimento faço uma reflexão, pois poderia ter planificado alguma atividade para este espaço ou podia ter conversado com as crianças para perceber o porquê de não usarem este local.

Em relação ao Atelier de Artes Plásticas (figura 26) existiam utensílios para a pintura, modelagem, tecidos, rolos de papel higiênico, entre outros. Existia uma torneira que era usada para diversas coisas e um cavalete onde as crianças colocavam as folhas para pintar (podiam pintar duas crianças ao mesmo tempo, cada uma num lado do cavalete). Perto desta área existia uma mesa onde podiam estar três crianças a fazer modelagem. Em relação aos utensílios de desenho estavam perto da área polivalente (mesas no meio da sala) onde cada criança tinha a sua lata com lápis de cera à disposição, lápis de carvão, colas, tesouras, jornais, revistas, cortiça, tampas de garrafas, etc. Esta área era das áreas mais utilizadas pelas crianças, tanto meninas como meninos, onde costumam fazer desenhos, colagens e pinturas (nas últimas semanas desenharam e pintaram, voluntariamente, obras do Van Gogh- Projeto que desenvolvi).

Figura 26: Atelier de Artes Plásticas



Nesta área (Jogos) era possível encontrar todos os jogos (figura 27) que existiam na sala, desde de jogos de tabuleiro para jogar individualmente ou a pares/grupo, puzzles, legos, objetos de plástico que era possível fazerem construções, cartas, entre outros. A maioria dos meninos gostava muito de estar a brincar neste local, principalmente o A. R. e o G. R.. Mas as meninas, também costumavam ir brincar para esta área, onde faziam construções ou puzzles, por exemplo, a M. M. e a M. do C. C..

Figura 27: Jogos



Na Área das Construções/Garagem era possível encontrar também um fantocheiro, fantoches elaborados pelas crianças (figura 28) e posteriormente foi introduzido um tear vertical para as crianças coserem em grupo. Ao lado (figura 29) as crianças tinham um espaço com brinquedos de meios de transporte de vários tamanhos e animais de plástico e alguns utensílios de um construtor. Assisti, por diversas vezes, as crianças a fazerem construções ou empilharem vários objetos (criam muros, torres, entre outros).

Figura 28: Área das Construções/Garagem- onde está o fantocheiro



Figura 29: Área das Construções/Garagem



O espaço polivalente era situado na área central da sala e servia de apoio a quase todas as áreas. Neste espaço eram feitas as reuniões de grande grupo, o planeamento e o preenchimento dos vários instrumentos de pilotagem.

Ao longo da sala era possível observar diversos instrumentos de pilotagem, que representavam uma conceção de documentação da vida do grupo, apoiando o grupo (educador/a e as crianças) a se regularem na sala através da planificação e da avaliação (Folque, 2014). Estavam presentes nesta sala o mapa de presenças, o diário de grupo, o mapa das regras e o mapa de tarefas.

É importante mencionar que as paredes da sala e da zona exterior à sala eram o reflexo do quotidiano das crianças, pois eram expostas pinturas, desenhos, registos (por exemplo, “o que estive a fazer” - implementado por mim), fotografias no tablet que foi colocado por mim, desigs dos projetos que estavam a ser desenvolvidos na sala, entre outros. De um modo geral, era

possível dizer que as paredes desta sala falavam com as famílias, com a comunidade e toda a equipa da instituição.

4.2.4. Caraterização da rotina

No que diz respeito à organização do tempo, considero que é muito importante, pois apoia as aprendizagens das crianças no dia-a-dia na instituição, regulando os vários momentos ao longo do dia.

Através das vivências do tempo diário a criança vai se apropriando gradualmente das referências temporais que são cruciais para a mesma compreender o tempo (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

O dia estava organizado em diversos momentos, tais como: momentos de grande grupo, de pequenos grupos (e a pares) e individuais. Os momentos de grande grupo eram essencialmente mais curtos, por exemplo, nos momentos de acolhimento, reuniões de conselho, as comunicações, o almoço e o lanche, o recreio, e os tempos de animação (leitura de histórias, canções, dramatização, visita de um convidado, nas saídas ao exterior, nos momentos de expressão-motora, na dança, música e na moral). Nestes momentos tinha, essencialmente, uma ação mediadora de questionar, apoiar as crianças, promover o debate e a partilha de ideias.

Relativamente aos momentos em pequenos grupos acontecem durante o dia todo, nas diferentes áreas da sala, onde as crianças interagem entre si, brincam em conjunto, criam construções, trabalham em projetos, cosem no tear, fazem registos, entre outras.

Acerca dos momentos individuais, aconteciam principalmente na Oficina da escrita e reprodução, quando as crianças estavam a escrever nos cadernos de linhas, como na área da Biblioteca, onde viam livros ou no espaço polivalente, onde faziam desenhos. Estes momentos existiam, mas ao mesmo tempo existia uma constante interação, pois pediam sugestões aos amigos, por exemplo, quando estavam a fazer um desenho pediam ajuda ou partilhavam o que estavam a fazer com quem estava na mesa.

No que diz respeito à rotina diária esta sala estava organizada da seguinte forma:

Acolhimento (7h45/9h): Este momento era feito no salão com todas as crianças do pré-escolar. Mas por vezes, também era feito na biblioteca onde as crianças podiam ver alguns desenhos

animados. Nesta hora a educadora cooperante e eu recebíamos as crianças e sempre que fosse necessário transmitir alguma informação era neste momento que fazíamos.

Marcar presenças/Marcas data/Marcar tempo/Reunião de grupo (9h20): À medida que as crianças iam chegando do salão marcavam a sua presença e sentavam-se à volta das mesas (colocávamos duas mesas juntas com a ajuda das crianças). A criança responsável (tarefa) pelo tempo e a data registava os dois elementos nos respetivos sítios. Após todas as crianças se sentarem à volta das mesas iniciávamos a reunião de grande grupo e organizávamos o nosso dia através do preenchimento do plano do dia. Neste momento as crianças também, podiam partilhar com o resto do grupo algumas novidades ou objetos que tinham trazido de casa “Contar, mostrar e escrever”.

Atividades livres e/ou planificadas dentro ou fora da sala (10h): Neste momento as crianças estavam organizadas pelas diversas áreas da sala e pelas atividades planificadas, por exemplo, pesquisar sobre as obras do Van Gogh, ou fazer um presépio com barro. Também podiam acontecer saídas, previamente programadas e planeadas. Neste momento era fundamental, também para conhecer melhor cada criança.

Comunicações (11:40h): Nesta hora as crianças que se tinham inscrito no quadro das comunicações expunham as suas aprendizagens, descobertas, pesquisas que fizeram em pequeno grupo ou individualmente. Ao longo da minha PES tentei sempre ter um papel de mediadora neste momento, mas de modo a incentivar as crianças a fazerem essas comunicações de forma clara e explícita, a se questionarem e a refletirem em conjunto.

Higiene (11:50h): Este momento acontece na casa de banho ao lado da sala, onde as crianças faziam as suas necessidades e lavavam as mãos. Raramente eram apoiados, pois já eram bastante autónomos.

Almoço (12h): O almoço acontecia no refeitório, onde cada criança tinha o seu lugar (identificado com o seu nome), existiam duas crianças que ajudavam a por e a tirar as mesas.

Higiene (13h)

Recreio (13:15h): Este momento era principalmente no quintal da instituição, mas por vezes o tempo não estava a favor e era feito no salão ou na biblioteca. A auxiliar era quem apoiava este momento, pois a hora de almoço da educadora cooperante e a minha era neste momento.

Atividades livres e/ou planejadas dentro ou fora da sala (14h)

Lanche/higiene (16h)

(16h30 até às 18h30) : Os pais vinham buscar as crianças, mas as crianças continuavam o que estavam a fazer antes do lanche.

Importante realçar que todas as sextas à tarde aconteciam as reuniões de conselho onde era feita uma avaliação geral da semana e programávamos a próxima.

5 - A documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias

Relativamente a este capítulo irei abordar a minha intervenção educativa, sobre a documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias, que desenvolvi nos dois contextos (creche e jardim de infância). Ao longo deste ponto, irei apresentar as diferentes propostas que coloquei em prática para aumentar a comunicação com as famílias nos dois contextos. Nesse sentido, irei explicitar como aconteceu a intervenção direcionada para as famílias e de que modo dei cumprimento aos objetivos do estudo.

5.1. A comunicação com a família em creche

No contexto de creche implementei diversas estratégias relacionadas com a minha temática, mas para que isso fosse possível tive sempre em atenção a observação, porque através do mesmo consegui partilhar com as famílias algumas das aprendizagens e momentos do quotidiano dos seus filhos. Após observar registava nas notas de campo os momentos mais significativos, por exemplo, os diálogos que pude observar ou estabelecer, as brincadeiras, as descobertas, as aprendizagens e todos os momentos relevantes da vida de cada criança.

Ao longo da minha PES em creche coloquei um registo à porta (figura 30), quase todas as semanas, relacionado com algumas atividades que as crianças tinham realizado. Esta estratégia foi crucial, porque bastavam alguns segundos ganhos pelos familiares a lerem ou a verem as imagens e ficavam a saber as reações do seu bebé nesses momentos.

Figura 30: Registo sobre a exploração do papel celofane



Exemplo de um comentário de uma mãe em relação ao registo sobre a exploração do papel celofane:

(27 de Abril de 2017)

“Já tinha visto o registo à porta. Tudo o que seja barulho, muito barulho, ela delira literalmente...” - Mãe da R.

A mãe da R. partilhou este comentário comigo através dos registos enviados por correio eletrónico. Porque nesse registo descrevi a reação que a R. tinha tido no momento da exploração do papel celofane. Na minha opinião, os registos colocados na porta e os registos enviados por correio eletrónico completavam-se, porque falavam do mesmo, mas o registo individual (enviado) descrevia de uma forma mais detalhada as reações.

A mesma mãe, quando respondeu ao questionário que distribuí no final do meu estágio para saber a opinião das famílias em relação à comunicação através da documentação, disse: “Gostei muito, serviram como complemento dos enviados por email e também do que íamos conversando”. Ou seja, cada instrumento que fui utilizando (registos enviados, registos na porta e a comunicação pessoal) foram fundamentais para que existisse partilha e ao mesmo

tempo troca de informações importantes, para desta forma, ser mais fácil ir de encontro com os interesses e necessidades de cada bebé.

De um modo geral as famílias consideraram que os registos despertaram a curiosidade dos mesmos e que a tarefa rotineira de levar e trazer os filhos se tornou diferente e que precisam “(...) dos cuidadores dos nossos filhos para nos fazerem perceber que é preciso abrandar de vez em quando, ouvir, ver e desfrutar tudo o que eles andam a fazer, tudo o que cresceram!” (resposta ao questionário-mãe da C.)

Tal como já referi recorri à tecnologia para partilhar com as famílias alguns registos de cada criança, ou seja, através das minhas notas de campo criei um registo, que era enviado por e-mail todos os fins de semana, a cada família com um ou dois momentos que captei do seu filho. Este suporte foi bastante importante, porque através dele consegui que todas as famílias daquela sala pudessem “viver” alguns momentos do seu bebé. Estes registos eram enviados com uma ou duas fotografias e a descrição desse momento (Apêndices A: Registos enviados aos pais em creche). No decorrer deste processo consegui criar uma ponte de comunicação fundamental, porque além de ter sido bem aceite pelas famílias, consegui que existisse partilha das duas partes, dado que, alguns familiares responderam aos registos. Todos os diálogos que pude estabelecer pessoalmente, como via e-mail foram essenciais para conseguir ganhar a confiança das famílias e, desta forma, foi possível que as famílias estivessem a par do que se passava na sala e na vida dos seus bebés.

Segundo Benzoni (Benzoni, (2001) cit. por Cardoso (2014)), as famílias tornam-se interlocutores ativos e comunicativos, e pude verificar isso em todas as respostas que obtive dos familiares aos registos enviados por e-mail, ou em todos os diálogos estabelecidos de manhã. Mais à frente, nos apêndices A, é possível verificar algumas das trocas de informação que existiram entre mim e as famílias.

Não foi possível ter o feedback de todos os pais através do correio eletrónico ao longo da minha PES, mas davam pessoalmente, pois procuravam-me para dizerem que tinham visto o registo que eu enviei e expressavam-me qual era a sua opinião em relação ao mesmo.

O caso da mãe da C. foi exemplo que no início da minha intervenção não respondeu por e-mail, mas foi partilhando que estava a gostar muito e acabou por começar a responder a

meio da minha PES. De seguida apresento um registo com troca de informação entre mim e a mãe da C., onde fiquei a conhecer um pouco mais sobre aquele bebé, sobre como ela era no contexto familiar.

Resposta ao registo apresentado de seguida:

A C. delira com a imagem dela ao espelho! Se a deixarmos fica imenso tempo a brincar frente ao espelho...ri, dá beijinhos, dança...!! E se nós participarmos na brincadeira, melhor ainda!

Quanto aos animais...ela adora!! Imagens, peluches, bonecos, sons!! Os Avós maternos da C., os meus pais, tem um gato! É o animal com que tem mais contacto e delira! Faz lhe festa, mete-lhe o dedo nos olhos, tenta andar (connosco) atrás dele!! Já nos aconteceu irmos a passear e encontrarmos cães, tenta chama-los, bate palmas! Ao final da tarde no nosso quintal conseguimos ver andorinhas, aponta e ri à gargalhada! Por vezes quando saímos do colégio vamos ver os patos ao Jardim ou os pombos à praça e ri muito e chama os com a mão!

11 de Maio de 2017

Figura 31: A C. a olhar-se ao espelho



Hoje estivemos a brincar com chapéus e a C. (1:2) enquanto tinha uma boina na cabeça olhou-se ao espelho muito concentrada, mas depois retirou. Ela gosta muito é de ficar em frente ao espelho ao mesmo tempo que se segura na barra!

Figura 32: A C. a brincar com as imagens dos animais



No mesmo dia a C. (1:2) foi brincar com as fotografias dos animais. Por volta das 15:15h vi a C. (1:2) bastante envolvida com as imagens dos animais porque retirava uma a uma e depois dava-me para a mão.

Eu: Esta é a tartaruga, tem uma grande carapaça. Vamos voltar a pôr? (dei-lhe para a mão, mas ela devolveu-me).

Depois retirou o pássaro e deu-me.

Eu: Obrigada, este é um pássaro "piu-piu"!

Voltei a colocar as imagens no registo e ela foi lá outra vez retirar. Repetiu isto várias vezes. Percebi que a C. (1:2) gostou bastante de tirar as imagens do velcro porque ficou envolvida naquele momento muito tempo e pedia-me que participasse porque me dava as imagens para a mão.

Além de todos os registos que coloquei na porta, também tive a oportunidade de enriquecer a sala com a implementação de registos com fotografias da família de cada criança nas paredes, mas ao nível dos bebés, para desta forma, puderem observar e tocar. Estes registos só foram possíveis de realizar, porque todas as famílias disponibilizaram diversas fotografias.

Figura 33: A R. a observar a sua família.



Figura 34: A R. a apontar para uma das fotografias da sua família.



Estes registos suscitaram bastante interesse por parte dos bebés, porque foram várias vezes para perto das fotografias da sua família, ou as dos outros bebés. Pude registar o mesmo em diversas notas de campo, como por exemplo, na semana de 18 a 21 de Abril de 2017 descrevi a reação da B. (1:2) ao registo e a minha educadora cooperante fez um comentário a elogiar “Achei bastante interessantes colocar as fotografias da família na sala pois as crianças gostam muito de as ver, tanto as delas como as dos amigos e de identificar quem está nas mesmas”. Por intermédio dos comentários às minhas notas de campo, reflexões e conversas informais, ao longo da minha PES em creche, foi possível perceber que estava a evoluir cada vez mais enquanto futura educadora.

Nesta sala já existia documentação pedagógica e a educadora tinha um portal na internet onde colocava algumas fotografias e a descrição desses momentos, mas era feito de uma forma mais geral e não tão detalhada. Penso que a minha presença e as estratégias de

comunicação que implementei tornaram a comunicação mais rica entre berçário/família. E prova disso foram todas as trocas que existiram entre mim e as famílias, tanto pessoalmente, como por correio eletrônico. Inclusive a educadora cooperante elogiou a comunicação que estava a ser estabelecida e que a sala tinha ficado mais rica depois de ter implementado novos registos para as famílias (registos à porta e enviados por e-mail, para as crianças (registos com fotografias das famílias), os materiais/objetos que deixei na sala para combater os brinquedos estereotipados e construí um novo “cantinho” naquela sala (“cantinho da tenda”).

5.2. A comunicação com a família em jardim de infância

Tal como fiz em creche, a observação participante foi um dos instrumentos crucial para captar os interesses, necessidades de cada criança e do grupo, perceber a metodologia de trabalho da educadora, como era a comunicação entre a educadora e as famílias e para ir estabelecendo algumas relações de confiança com as famílias.

A partir das minhas observações construí as notas de campo que foram uma ponte fundamental para dar a conhecer às famílias as vivências das suas crianças. Ou seja, criei um registo semanal que tinha como nome “O que estive a fazer” e que tinha como objetivo partilhar com as famílias um momento de cada criança da sala. É possível observar nos apêndices B todos os registos que foram colocados no corredor perto da porta da sala.

Figura 35: O registo “O que estive a fazer”.



As fotografias que fui captando, também foram importantes para poder estabelecer alguns diálogos com as crianças e que acabaram por servir para colocar nos registos “O que estive a fazer”, pois enquanto as crianças olhavam para a fotografia eu ia fazendo algumas perguntas e as mesmas avaliavam a sua ação.

Por exemplo, (Nota de campo- Semana de 18 a 21 de Dezembro de 2017):

Eu: B., fiquei interessada nesta tua construção.

B.: Deixa ver.

(Mostrei a fotografia)

B.: Ah, eu fiz um senhor em cima de uma pedra e tinha duas cabeças.

Eu: Como fizeste?

B.: Primeiro pus uma peça, depois outra, depois outra e depois outra.

Eu: Fizeste sozinho?

B.: Sim, foi fácil.

Eu: E fizeste onde?

B.: Nos jogos.

Eu: E tem nome a tua construção?

B.: Não, mas posso inventar. Cabeçudo de duas cabeças. Sabes porquê?

Eu: Porquê?

B.: Porque ele tem uma cara para um lado e depois tem outra cara para outro lado.

Eu: Que espetáculo. Adoro a tua construção!

Ao longo da minha PES em jardim de infância registei em fotografia inúmeros momentos e que possibilitaram partilhar com as famílias, crianças, funcionários e a comunidade. Mas esta partilha foi feita de uma forma diferente, pois recorri às novas tecnologias. Sugeri à educadora e às crianças colocarmos o meu tablet à porta da sala e combinei que iria colocar algumas fotografias que eram tiradas ao longo da semana, para desta forma, quem passasse pela nossa sala poderia estar a par do que era vivido dentro e fora da mesma. Ou seja, era possível verem as fotografias da semana anterior.

Por exemplo, (Semana de 20 a 24 de Novembro – dia 22 de Novembro de 2017) aqui é possível ver um dos momentos em que uma mãe foi ver as fotografias juntamente com o seu filho:

Por volta das 10h o T. F. (5:10) chegou com a sua mãe e eu disse:

Eu: Bom dia! T. vai mostrar à mãe as fotografias do que andaste a fazer na semana passada.

Foi direto ao tablet e ficaram os dois ali a apreciar as fotografias.

Mãe do T. F.: Olha o meu gordinho, está aqui!

Neste momento não quis intervir, deixei os dois desfrutarem. Mas acho relevante mostrar este exemplo, porque foi um dos momentos que tive oportunidade de assistir completamente, pois nem sempre podia estar à porta. Mas mesmo estando dentro da sala pude observar diversas vezes os pais a passarem pelo tablet e paravam alguns minutos para verem as fotografias. Também assisti diversas vezes elementos da instituição a observarem as fotografias, por exemplo (Semana de 5 a 7 de Dezembro- dia 7 de Dezembro de 2017):

Enquanto estava a despir o bibe (13h) para ir almoçar observei a auxiliar da outra sala dos 5 anos a passar pelo tablet e parou e disse:

Auxiliar: Olha ainda não tínhamos visto as fotos da apanha da azeitona meninos. Venham cá ver!

Neste momento a auxiliar estava a passar pelo tablet e percebeu que estavam a passar algumas fotografias da apanha da azeitona, o que lhe suscitou interesse, porque as crianças da sua sala também tinham participado na apanha da azeitona.

Este suporte possibilitou que as crianças da sala onde fiz a minha PES e as restantes das outras salas, pudessem falar das suas vivências, como também das vivências dos colegas. Inúmeras vezes pude observar as crianças a questionarem o que tinha acontecido em determinadas fotografias, outras a explicarem o que tinha acontecido, ou a identificarem quem estava nesse momento onde a fotografia foi tirada. Desde do primeiro momento que coloquei este suporte à porta da sala, as crianças mostraram interesse em querer ver as fotografias e perguntavam sempre quando ia colocar fotografias novas das coisas que fazíamos na nossa sala. Com este género de comentários pude perceber que as crianças entenderam o intuito do tablet estar ali. O facto de as tecnologias terem uma forte influência sobre as crianças e desempenharem um papel muito importante na sua vida diária (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), fez com que aceitassem, muito facilmente, este novo suporte na sala, inclusive chamavam a atenção dos colegas e familiares para verem o que tínhamos feito nas fotografias.

Figura 36: As crianças a verem as imagens que eu tinha colocado da semana anterior.



Por exemplo, (Semana de 20 a 24 de Novembro- 21 de Novembro de 2017):

“Após ter colocado o tablet observei que as crianças foram logo ver as suas fotografias e pude ouvir alguns comentários:

M. P.: Espera, aqui era a ginástica.

F. F.: Ah ya.

C. R.: Deixa ver”.

Para o registo “O que estive a fazer” recorri a duas formas de recolher informação, ou seja, no momento em que captava a fotografia interagiu com a criança em questão, de modo, a perceber o que estava a fazer. A outra forma consistia em mostrar a fotografia à criança, mas passado alguns dias e, desta forma, a criança relembra o que tinha feito.

Estes registos da porta sofreram uma grande evolução, isto é, a minha postura enquanto futura educadora foi-se alterando e que acabou por influenciar a minha prática, porque percebi que não fazia perguntas pertinentes ou então não desenvolvia muito o diálogo que estabelecia com a criança. Essa evolução é possível ser verificada nos apêndices B, onde os registos estão colocados por ordem cronológica.

O suporte tecnológico (tablet) e os registos “O que estive a fazer” fazem parte da diversidade de documentação pedagógica que existiu ao longo da minha PES, mas estes foram cruciais, porque fui eu que os implementei nesta sala. Esta implementação “mexeu” com as famílias, com as crianças e toda a instituição, dado que ficaram curiosos com estas modalidades de comunicação e estiveram sempre atentos se existia registos “O que estive a fazer” novos ou fotografias que ainda não tinham visto no tablet.

Ao longo da minha PES em jardim de infância aprendi a fazer diversos registos, como por exemplo, construir um texto juntamente com as crianças. Este registo consistia em construir um texto com um pequeno grupo de crianças e depois as crianças escolhiam o que queriam escrever (passar o que eu já tinha escrito). Também com a possibilidade de desenharem alguns elementos para colarem no registo. Por exemplo, na semana de 9 a 13 de Outubro- no dia 11 de Outubro de 2017 construímos um registo sobre uma saída até à Praça do Giraldo que tinha como intuito procurarmos padrões. Na figura 37 é possível observar o R. C. a colar um dos desenhos que fez no registo.

Figura 37: O Rodrigo a colar no registo o desenho que tinha feito sobre a saída.



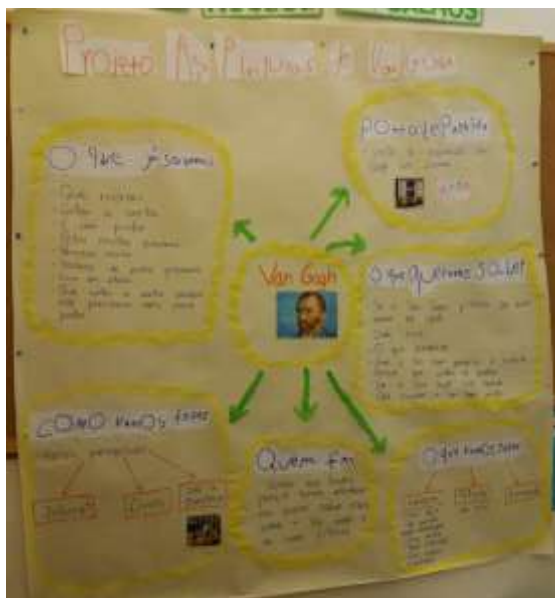
Na minha intervenção tive a oportunidade de desenvolver um trabalho de projeto com toda a sala, pois as crianças demonstraram interesse em quererem saber mais sobre o pintor Van Gogh, isto depois de termos ido à exposição “Van Gogh Alive- The Experience Lisboa”. Como percebi que as crianças andavam a pintar obras do pintor sugeri em uma das reuniões de conselho desenvolvermos esse projeto: (semana de 23 a 27 de Outubro de 2017- Nota de campo do dia 27 de Outubro, tentei puxar pelas crianças, de modo, a captar o que achavam o que era um pintor, o que era um esboço, um quadro e através disso perguntei se gostavam de pintar também em quadros. Através deste diálogo as crianças começaram a dizer que podíamos mostrar às outras salas as pinturas. Posto isto, sugeri se queriam desenvolver um projeto e qual não foi o meu espanto, que todas as crianças quisessem).

Este processo demorou algum tempo, pois fomos à Biblioteca Pública de Évora pesquisar livros que falassem do Van Gogh e as suas obras, de seguida fizemos o design do projeto e colocámos no corredor para podermos partilhar (O que já sabemos, o que queremos saber, o que vamos fazer, quem faz e como vamos fazer- figura 39), registamos o que pesquisámos (figura 38) e um grupo de crianças selecionou quatro obras do Van Gogh que posteriormente foram partilhadas no momento das comunicações e todo o grupo concordou que seriam essas que iríamos pintar. Após essa escolha falámos, em conjunto com as crianças, que para pintarmos nas telas era necessário treinarmos e para isso decidimos que iriam fazer três esboços (Esboço- carvão; esboço- pintar numa folha de manteiga; esboço- pintar numa cartolina branca) antes de pintarem na tela. Em conjunto, também cada criança disse que obra gostaria de pintar e foi desta forma de distribuámos as pinturas por cada criança.

Figura 38: As crianças a fazerem o registo sobre o que descobrimos



Figura 39: Design do projeto



As pinturas dos esboços foram expostas no placard, para desta forma, as famílias irem acompanhando o que estava a ser feito e a evolução dos esboços. Tal como é possível verificar na figura 40 existiu uma evolução muito grande do esboço em carvão, para o esboço em papel de manteiga e por fim na cartolina branca. Este placard foi identificado, ou seja, colocámos uma folha A4 a explicar o que estava exposto “A evolução dos nossos esboços das obras de Van Gogh”.

Figura 40: Registo “Evolução dos esboços”



A pintura das telas foi o mais esperado pelas crianças, pois muitas delas nunca tinham experimentado e como já se tinham apropriado das suas obras tinham muita vontade de poderem pintar numa tela como um verdadeiro pintor. Enquanto as crianças iam pintando as suas obras na tela pude perceber que falavam muito comigo sobre o que estavam a fazer e o que sentiam enquanto estavam a pintar por isso decidi, em conjunto com a educadora, registar os pensamentos das crianças enquanto iam pintando.

A divulgação do trabalho de projeto foi uma exposição que aconteceu na Biblioteca Pública de Évora. Mas para a divulgarmos fizemos um convite que foi posteriormente distribuído às famílias (figuras 41 e 42). Também fizemos um follow up que era para colocar à porta da exposição e cada criança tinha um cartão com a sua identificação.

Figura 41: Parte da frente do convite

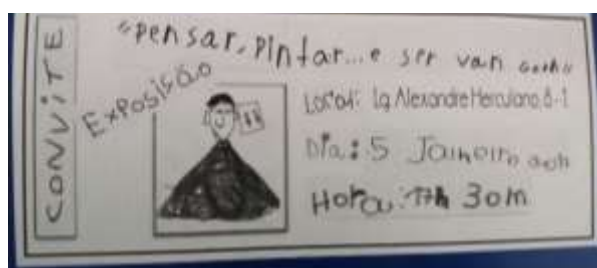
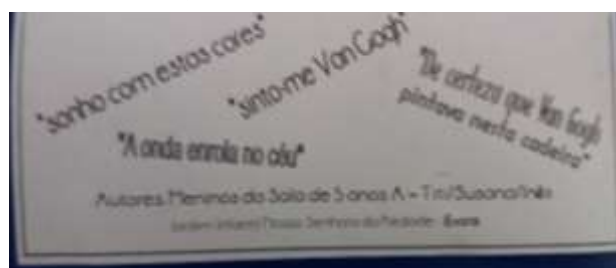


Figura 42: Parte de trás do convite



A exposição não foi realizada no dia que está no convite, porque aconteceram alguns contratempos, mas foi realizado no dia 22 de Janeiro de 2018. Foi planejada preciosamente, pois tivemos uma apresentação com um PowerPoint, onde cada criança participou, os esboços estiveram expostos por ordem, os pensamentos estavam afixados em cima ou em baixo dos esboços da criança em questão, as telas também estavam penduradas, no final da apresentação deixamos algumas imagens de todo o processo que este projeto exigiu a passarem no projetor, tínhamos alguns puffs para tornar o ambiente acolhedor, o design estava exposto e o registro do que descobrimos também. Como é possível verificar nas figuras 43 e 44 todos os familiares vieram ver a exposição e ficaram muito orgulhosos do trabalho dos seus filhos. Exemplo disso é que a classificação dos inquéritos que distribuí no final da exposição, no geral, era de 5 numa escala de 1 a 5. E alguns dos comentários que fizeram questão de deixar, como por exemplo: “A M. assimilou muito bem a vida e as obras do artista. Foi muito bem apresentado”; “A educação pelas e com as artes é uma das formas mais sublimes de aprender e ver o mundo. Muito obrigada por isso”; “A exposição está magnífica, é mágico ver a evolução deles com os desenhos.”.

Figura 43: As famílias a verem as obras



Figura 44: As reações das famílias às obras dos seus filhos



Posso fazer um balanço bastante positivo deste projeto, porque englobou diversas aprendizagens, as famílias ficaram empolgadas, porque as crianças iam para casa falar do que tinham descoberto sobre o pintor, o que tinham pintado e sempre que partilhávamos um pouco do projeto nos nossos placards despertava a curiosidade das famílias das crianças da sala onde fiz a minha intervenção, como das outras salas e mesmo dos funcionários do colégio.

Tanto no colégio, como na sala onde fiz a minha PES, já existia bastante comunicação com as famílias. Pois o colégio em si e a educadora já fomentavam essa ponte de comunicação com algumas estratégias, tal como reuniões de pais, conversas informais que aconteciam de manhã, e através do WhatsApp transmitiam aos pais algumas informações importantes ou partilhavam momentos do dia-a-dia. O WhatsApp é uma aplicação que quando é instalada no telemóvel e com internet, é possível comunicar com outras pessoas, como também formar grupos com várias pessoas.

5.3. Perspetivas dos pais em relação à documentação pedagógica

Relativamente a este subponto tenho como principal objetivo refletir sobre os questionários que foram distribuídos às famílias de cada criança e que tiveram o intuito de recolher o feedback de cada família em relação a todo o trabalho que eu desenvolvi sobre o meu tema em PES.

No finalizar do meu estágio em creche distribuí um questionário a cada família que continha perguntas abertas e que possibilitava recolher respostas diversificadas, e, que transmitiam o que realmente as famílias pensavam em relação ao meu trabalho. Optei por colocar cinco questões, para desta forma, não se tornar muito cansativo para quem estava a responder. Essas questões apresento no subponto “o que as mães disseram sobre a comunicação através da documentação”.

Em relação à minha PES em jardim de infância elaborei outras questões, mas com o mesmo intuito. Mas como implementei outro género de estratégias para estabelecer uma comunicação com as famílias e que as mesmas pudessem estar dentro das aprendizagens e vivências dos seus filhos, tive de reformular as questões.

5.3.1. Análise dos questionários

Tal como já referi, no final de cada estágio distribuí um questionário aos pais das crianças da sala onde estava. Pretendia com este questionário recolher as opiniões das famílias sobre a documentação pedagógica, ou seja, se as estratégias que implementei ajudaram a fortalecer a comunicação entre o colégio e a família, se tiveram impacto no conhecimento que tinham

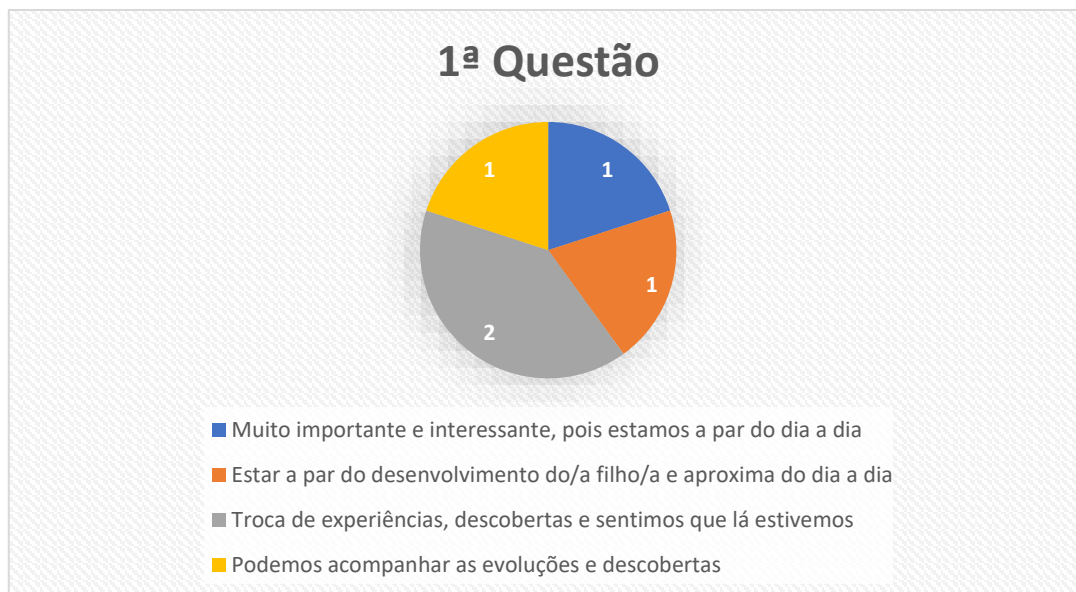
sobre as aprendizagens e desenvolvimento do seu filho, se consideram importante a comunicação das vivências do seu filho enquanto está no colégio e se tinham alguma sugestão para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do colégio. O formulário do questionário consta nos apêndices, como também três exemplos, de cada contexto, dos inquiridos por questionário que foram respondidos.

5.3.1.1. O que as mães disseram sobre a comunicação através da documentação em creche

Na sala de berçário existiam 8 bebés ao 5 questionários com uma diversidade de opiniões, mas que no final da minha análise permitiu-me perceber que o feedback em relação aos registos implementados por mim era bastante positivo.

Questão 1: Que importância atribui aos registos documentados com fotografia e comentários que vos enviei semanalmente por e-mail? Porquê?

Figura 45: Respostas à 1ª questão

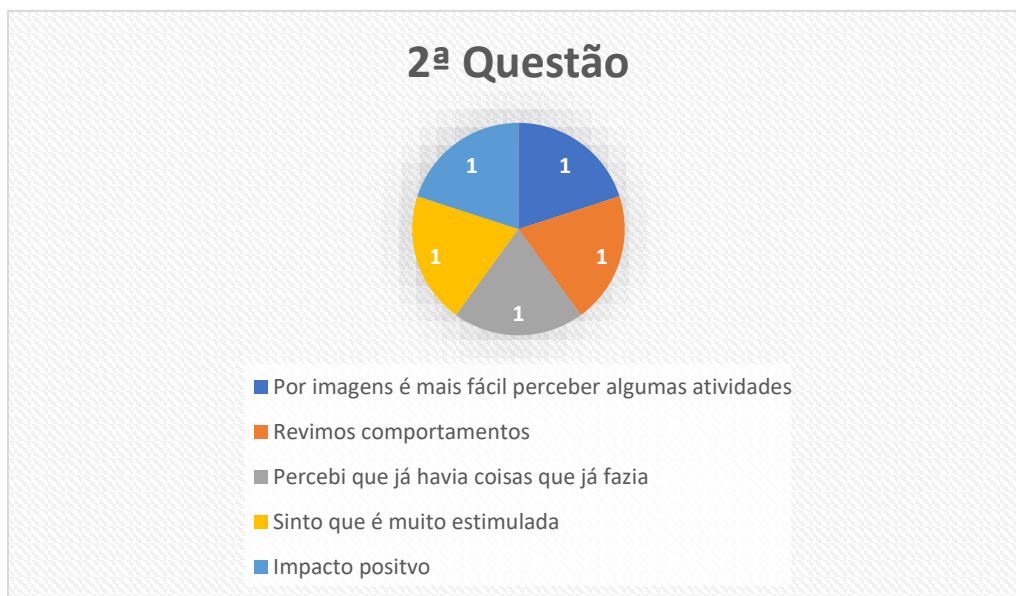


Relativamente às respostas à primeira questão pude captar que duas mães consideraram que os registos documentados possibilitaram que existisse uma troca de experiências, descobertas e sentiram que também lá estavam presentes. Um familiar respondeu que foi muito importante e interessante, pois estavam a par do dia a dia dos seus filhos, outro familiar disse que através dos registos podiam estar a par do desenvolvimento do seu filho e que os

aproximou do quotidiano, por fim, os restantes (uma mãe), considerou que podia acompanhar as evoluções e descobertas com esta implementação.

Questão 2: Que impacto tiveram no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (a)?

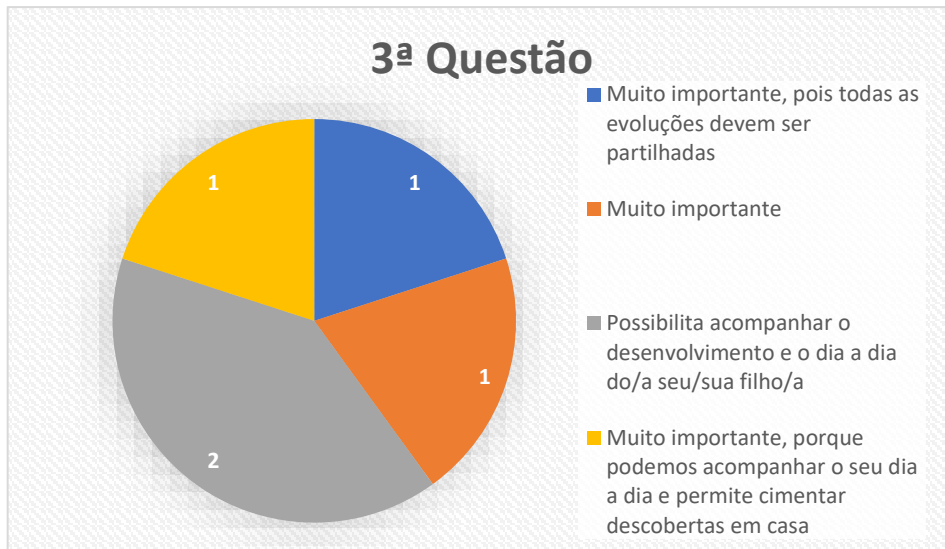
Figura 46: Respostas à 2ª questão



Nesta questão cada família teve a sua opinião, ou seja, obtive cinco respostas diferentes. Houve quem respondesse que através das imagens dos registos foi mais fácil perceber algumas atividades que eram realizadas, outros reviram muitas vezes alguns comportamentos do seu filho, também responderam que através dos registos aperceberam-se que o/a seu/sua filho/a já sabia fazer determinadas coisas, outros sentiram que o seu filho era bastante estimulado/a, e os últimos disseram que teve um impacto positivo.

Questão 3: Considera importante a comunicação sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa na creche? Porquê?

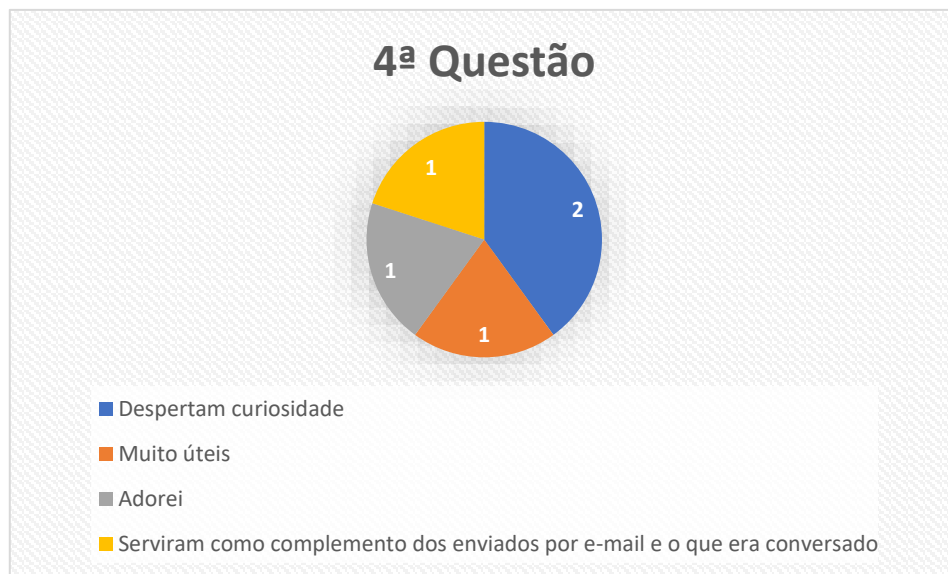
Figura 47: Respostas à 3ª questão



De acordo com o gráfico pode-se afirmar que a maioria de pessoas (duas) considerava que era importante a comunicação das vivências, porque possibilitava acompanhar o desenvolvimento e o dia a dia dos seus filhos. No que se refere às restantes famílias, uma respondeu que era muito importante, porque todas as evoluções devem ser partilhadas, outra mãe partilhou que acharam importante e também registei que num dos questionários disseram que através desta comunicação era possível acompanhar o dia a dia do seu filho e que permitiu cimentar descobertas em casa.

Questão 4: Qual a sua opinião sobre os registos que coloquei à porta da sala?

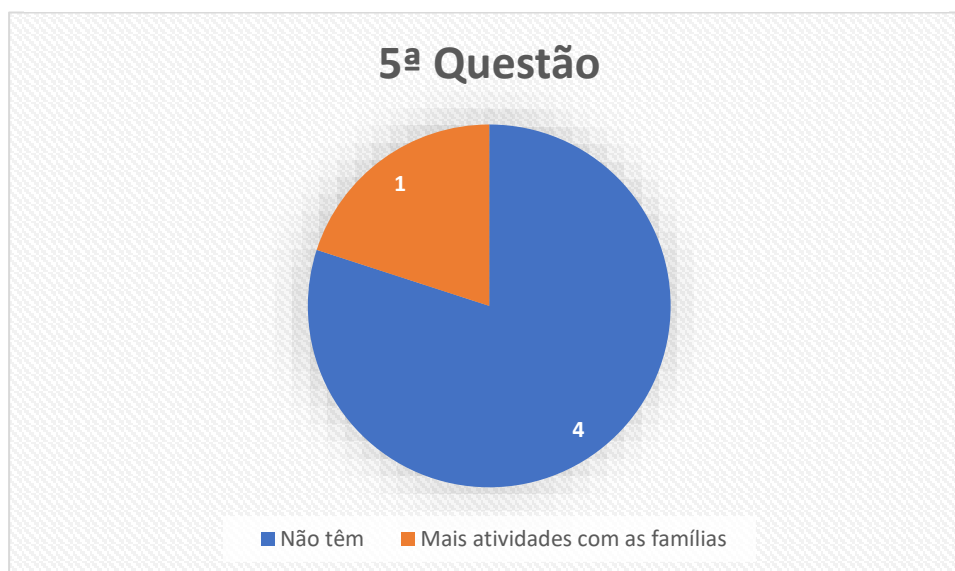
Figura 48: Respostas à 4ª questão



Em relação à 4ª questão, duas mães disseram que os registos colocados à porta da sala lhes despertavam muita curiosidade, um familiar também respondeu que os achou muito úteis, outra mãe partilhou que tinha adorado e que iam sentir falta, os restantes 1 acharam que serviam como complemento dos registos enviados por correio eletrónico e o que era conversado ao longo da minha PES.

Questão 5: Se tem sugestões a fazer para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do berçário, gostaria que expressasse a sua opinião.

Figura 49: Respostas à 5ª questão



De acordo com o gráfico que apresento na figura 49, é possível verificar que quatro das famílias não têm sugestões a fazer para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do berçário, sendo que os restantes (1), partilharam que gostariam que existisse mais atividades com as famílias, ou só com a mãe, ou só com o pai, ou mesmo em família.

Em conclusão, é possível afirmar que a minha intervenção e as estratégias implementadas por mim no berçário trouxeram bastantes pontos positivos para as famílias. Dado que as famílias foram elogiando ao longo da minha PES e com a análise dos questionários pude verificar que o meu objetivo geral foi alcançado, ou seja, existir comunicação com as famílias através da documentação pedagógica. Tanto os registos enviados por correio eletrónico, como todos os registos colocados à porta da sala foram valorizados pelas famílias e na maioria consideram que a comunicação entre colégio e famílias é crucial. Através dos registos semanais, ou mesmo as conversas informais, foi possível estabelecer uma partilha de experiências entre o colégio e o contexto familiar. O facto de ter captado muitas fotografias com momentos importantes das crianças, fez suscitar interesse e curiosidade por parte das famílias, pois podiam ver que tipo de reação teve o seu bebé e tinham a oportunidade de assistir às aprendizagens e descobertas novas que os seus educandos iam tendo.

5.3.1.2. O que as mães disseram sobre a comunicação através da documentação em jardim de infância

Na sala de jardim de infância existiam 25 crianças, ao qual pude recolher 14 questionários. As respostas ao mesmo ajudaram-me muito enquanto futura educadora, porque pude perceber que a minha intervenção fez a diferença, mesmo já existindo muita comunicação entre o colégio e as famílias.

Questão 1: Que importância atribui aos registos documentados com fotografias e diálogos que coloquei no placard “O que estive a fazer...”? Porquê?

Figura 50: Respostas à 1ª questão

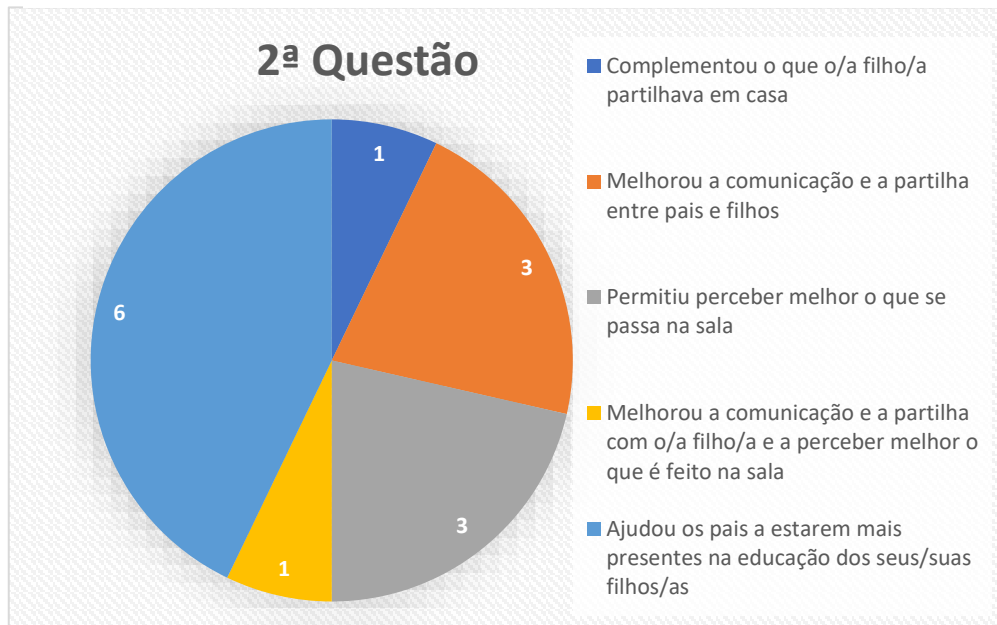


Relativamente à primeira questão que coloquei no questionário para a minha PES em jardim de infância é possível observar que existe uma diversidade de respostas. Mas a maioria dos familiares, ou seja, 4 responderam que os registos documentados com fotografias e o placard “O que estive a fazer...” foram muito importantes para visualizar as atividades que foram feitas; uma mãe respondeu que através dos mesmos documenta as atividades e permite a consulta dos pais; em relação a duas respostas recolhi que acharam importante e uma mais valia; 3 famílias disseram que permitiu aproximá-los da rotina diária do/a seu/sua filho/a; outra mãe considerou-os muito importantes, pois desta forma existiu visualização dos registos em conjunto com o seu filho; outros (uma mãe) disseram que permitiu acompanhar as principais

conquistas e os restantes responderam que foi muito importante, porque puderam acompanhar o que era feito e o porquê.

Questão 2: Que impacto tiveram, estes registos, no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (a)?

Figura 51: Respostas à 2ª questão



Na segunda questão pode-se afirmar que existe uma concordância entre quatro famílias em que responderam que os registos os ajudaram a estarem mais presentes na educação dos seus filhos; três mães das consideraram que os registos fizeram melhorar a comunicação e a partilha entre pais e filhos, porque as crianças explicavam o que estava exposto; relativamente às outras três mães responderam que lhes permitiu perceber melhor o que era feito na sala; uma mãe considerou que foi um complemento, pois o seu filho já partilhava em casa, mas desta forma já estava dentro do assunto e era mais fácil compreender certo tipo de aprendizagens; uma família disse que através dos registos a comunicação foi melhorada entre pais-filho e perceberam melhor o que era feito na sala.

Questão 3: Considera importantes os registos sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa no jardim de infância? Porquê?

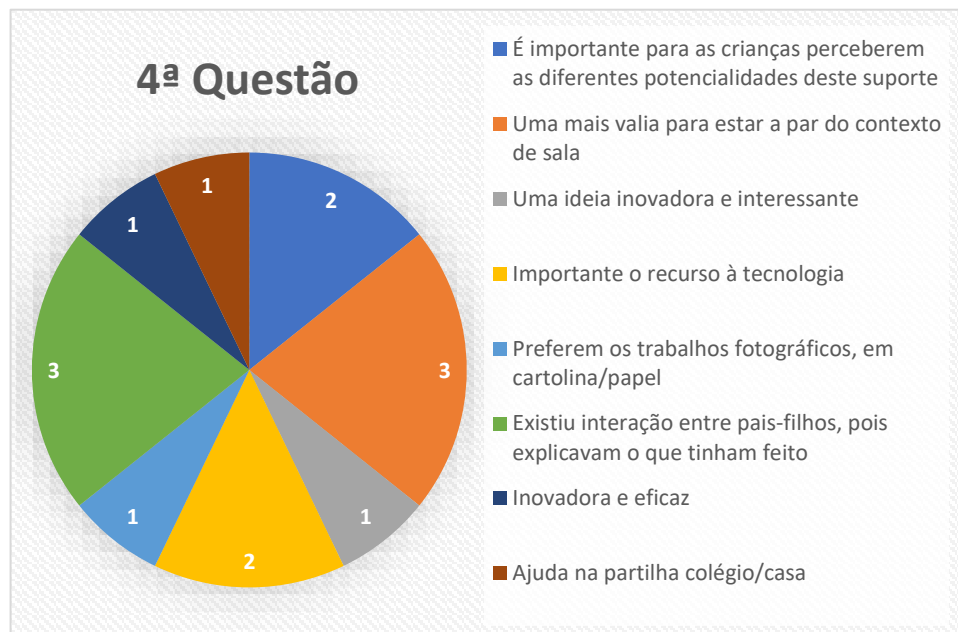
Figura 52: Respostas à 3ª questão



De acordo com o gráfico que apresento na figura 52 é possível observar que existiu uma diversidade de respostas relativamente à questão. Mas todos consideraram que era importante. A maioria (3 mães) dos respondentes considerou importante, pois desta forma perceberam o que era aprendido na sala; os outras duas pessoas disseram que reforçava o diálogo entre pais-filhos e tinham acesso às atividades desenvolvidas; duas famílias disseram que possibilitou acompanharem as vivências dos seus filhos; outras duas responderam que permitiu acompanharem melhor o desenvolvimento do seu educando; uma mãe considerou que permitiu acompanhar, partilhar e recordar as vivências do seu filho; também outra mãe afirmou que reforçou o diálogo entre pais e filhos; uma família afirmou que foi importante, porque os primeiros anos de aprendizagem são cruciais; uma mãe disse que serviu para recordar e avaliar; e a última família manifestou que foi importante, porque é onde o seu filho passa mais tempo.

Questão 4: Qual a sua opinião sobre o suporte tecnológico (tablet) com fotografias que coloquei à porta da sala?

Figura 53: Respostas à 4ª questão



Em relação à figura 53 pode analisar que três mães responderam que o suporte tecnológico (tablet) foi uma mais valia para estarem a par do contexto de sala; outras três disseram que possibilitou uma interação entre pais-filhos, pois explicavam o que tinham feito; duas famílias responderam que este recurso foi importante, porque as crianças devem perceber as diferentes potencialidades que a tecnologia tem; outras duas afirmaram que é importante que as crianças tenham acesso à tecnologia; uma dos respondentes partilhou que achou que foi uma ideia muito inovadora e interessante; outra mãe disse que preferia os trabalhos fotográficos, ou em cartolina/papel; outra mãe respondeu que foi uma ideia inovadora e eficaz; e os restantes (um mãe) considerou que através deste suporte a partilha entre o colégio/casa foi fortificado.

Questão 5: Tem sugestões para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do jardim de infância? Quais?

Figura 54: Respostas à 5ª questão



No que se refere ao gráfico que apresento na figura 54 pedi aos familiares para darem sugestões para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do jardim de infância, mas nove respondeu que não tinha sugestões, dado que a comunicação que era feita correspondia às suas expectativas, porque estavam a par das aprendizagens das crianças; duas sugeriu que existisse mais registos fotográficos do que era feito com as crianças; uma respondeu que gostaria que houvesse um sítio para colocar perguntas e respostas; outra mãe disse que podíamos aproveitar mais as experiências e conhecimentos das famílias; e uma mãe sugeriu que existisse mais partilha através das novas tecnologias.

Em suma, depois de fazer a análise dos questionários que distribuí às famílias do contexto de jardim de infância onde fiz a minha prática pedagógica, posso concluir que as respostas que obtive foram variadas. Mas na sua maioria, os familiares realçaram que a implementação dos registos “O que estive a fazer” e o tablet à porta da sala foram muito importantes, porque podiam estar dentro das vivências dos seus filhos e os mesmos tinham a capacidade de falar sobre as suas próprias vivências. Inclusive, houve famílias que partilharam que os seus filhos começaram a falar mais sobre o que era feito no seu quotidiano depois de eu ter implementado os documentos pedagógicos já referidos.

Considerações finais

Ao longo da minha Prática de Ensino Supervisionada, no decorrer de todo o processo investigativo e reflexivo foram várias as aprendizagens e evoluções que efetuei que vão servir para o meu futuro profissional. Este relatório é também um reflexo da minha aprendizagem profissional pois coloquei em prática muitos dos conhecimentos adquiridos ao longo destes anos em Licenciatura e Mestrado.

Os dois estágios de mestrado, permitiram-me ter uma visão mais concreta do meu papel como educadora, dado que aprendi a não ter receio de questionar sempre que tinha dúvidas. Pude aprender e investigar com o objetivo de ir de encontro com as necessidades e interesses das crianças. Mas sem a ajuda das minhas professoras e as educadoras cooperantes não era possível ter evoluído tanto enquanto futura profissional de educação, pois sempre me alertaram para melhorar a forma como planificava e ajudaram-me a perceber como encontrar as soluções para problemas que ia encontrando. A minha postura como observadora atenta dos contextos, das crianças e das famílias permitiu-me todos os pormenores para depois agir de uma forma correta, o que fez toda a diferença, uma vez que fui ganhando a confiança de cada criança, e das famílias.

Importa acrescentar que a observação feita em paralelo com as notas de campo, permitiu-me fazer várias reflexões sobre a forma como iria organizar as propostas. Ou seja, favoreceu a intencionalidade educativa através de um planeamento com mais significado e promoveu reflexão crítica do que fui realizando.

Relativamente aos objetivos inicialmente delineados considero que consegui alcançá-los ao longo de ambos os contextos. Visto que aprendi a produzir registos, ou seja, documentação pedagógica diferenciada e com variadas finalidades. Exemplos disso tenho os registos diários que enviei (creche) aos pais ou que foram colocados no placard (jardim de infância), os registos colocados à porta, o tablet colocado à porta da sala no contexto de jardim de infância, os registos colocados na sala (creche) com fotografias das famílias das crianças, como todos os registos elaborados com as crianças em PES de jardim de infância. E através dos registos elaborados e aprendidos consegui estabelecer uma ponte de comunicação com as famílias, e desta forma conquistei a confiança de cada família para conhecer melhor as crianças e haver oportunidade de partilha de informação. Por meio da documentação pedagógica

intencionalizei a minha ação educativa, pois através da documentação pedagógica planeei a minha postura enquanto profissional, programei a minha ação, como também avaliei e fui melhorando a minha ação. Com a documentação pedagógica percebi que através do mesmo é possível interpretar e refletir, visto que é possível observar evoluções, aprendizagens, conquistas das crianças e aprender como melhorar a minha ação (através das minhas planificações, notas de campo e reflexões). Fui compreendendo e atribui significados aos registos e documentos recolhidos, uma vez que através deles conheci cada grupo e cada criança e desta forma fui de encontro com as necessidades e interesses das crianças.

No decorrer da minha investigação-ação e enquanto investigadora pude perceber melhor a minha ação educativa e conseguir ultrapassar possíveis problemas que iam surgindo. A concretização da referida investigação revelou-se determinante para mim, porque implicou um processo com várias etapas e uma procura constante. Foi possível averiguar e diferenciar o tipo de ação educativa que cada contexto implica, como a intervenção do próprio educador, as rotinas e propostas desenvolvidas em grande grupo, pequeno grupo ou individualmente. Tanto em creche, como em jardim de infância foi possível diferenciar o nível de desenvolvimento, as suas capacidades e necessidades. A recolha de dados que realizei ao longo das duas PES foi determinante. Mas o recurso à metodologia da investigação-ação, com o objetivo de estabelecer comunicação com as famílias através da documentação pedagógica, onde aprendi a planear, a avaliar o processo educativo; bem como de registar e documentar sobre cada criança ou do grupo em geral; onde pude ter oportunidade de promover a comunicação e a relação com as famílias, e desta forma, fornecer informações que lhes possibilitaram conhecer as vivências das suas crianças; assim como existiu uma análise e construção com as crianças, e mesmo com os outros profissionais e famílias; e permitiu às crianças construírem as suas experiências/vivências, pois apropriaram-se do seu próprio processo de aprendizagem, foi crucial para evoluir enquanto futura educadora.

Porém, passei por muitos momentos de insegurança e de medo de falhar, em especial na PES I, porque como nunca tinha contacto muito com bebés em berçário, estava com receio de não ir de encontro às expectativas. Mas a verdade é que este estágio foi bastante desafiante, pois ao contrário do que muitas pessoas pensam, no berçário acontece muita coisa todos os dias, todas as horas, todos os minutos, pode-se fazer tanta coisa, porque os bebés estão constantemente a evoluir, a crescer. Estão numa idade em que absorvem todas as

aprendizagens e estão a adquirir as competências mais básicas, como por exemplo, aprender a andar, a sentar, a comer sozinho, a dizer as primeiras palavras e nós, educadores, como referências temos de os ajudar a crescer, mas tendo sempre atenção aos interesses e necessidades de cada um.

Em relação à PES jardim de infância, como é natural, fui com alguns receios, mas com o tempo fui os ultrapassando com a ajuda da educadora cooperante e as crianças, pois as mesmas começaram-me a respeitar e a ser mais participativas quando consegui conquistar a confiança deles.

Independentemente do que senti em cada estágio, faço um balanço bastante positivo de ambos, pois tanto em creche, como em jardim de infância, fiquei mais desperta para determinados assuntos que antes nunca tinha dado tanta importância, tive a oportunidade de desenvolver um projeto muito interessante, no qual aprendi muito, pude colocar em prática o que tinha aprendido nas aulas, como também aprendi muito sobre o tema em si com as crianças e como estas aprendem e se revelam ser seres muito curiosos e capazes.

Mas sem dúvida que tenho aspetos a melhorar enquanto futura educadora, tais como uma observação mais ampla das situações, captar mais profundamente os interesses e necessidades do grupo ou de cada criança, de ganhar mais confiança em mim própria e nas minhas capacidades, mas aprenderei pela vida em frente com todos os meus erros, de modo, a não os voltar a repetir

Outro dos benefícios deste relatório, tem haver com o facto de ter analisado, mais detalhadamente, um modelo curricular- Movimento Escola Moderna. Este modelo era usado tanto em berçário, como em jardim de infância. Foi muito importante para mim esta pesquisa, dado que para conseguir ir ao encontro com este modelo tive de fazer uma procura mais intensa. Esta procura trouxe-me muitas vantagens, porque comecei a compreender as suas especificidades, os seus princípios e, conseqüentemente, aprendi mais acerca das bases teóricas que os suportam e de como estes encaram os processos de aprendizagem e avaliação, mas também como compreendem o processo de desenvolvimento das crianças.

Em suma, considero que, apesar de o presente relatório se concentrar especialmente na documentação pedagógica como estratégia de comunicação com as famílias, existem muitos outros pontos que foram abordados, que se revelaram necessários para a compreensão da

temática em estudo, como é o caso da metodologia da investigação-ação, a metodologia do trabalho de projeto, o caderno de formação, as planificações, que farão parte da minha prática futura. Um educador, considero, que está em constante aprendizagem e atualização ao longo da sua profissão, ou melhor, é um eterno curioso.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. (2001). *Professor-investigador. Que sentido? Que formação? Cadernos de Formação de Professores – Colóquio sobre Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*, 1, pp. 21-30.
- Artur, A. & Magalhães, C. (2017). Documentar a aprendizagem para avaliar e comunicar IN In S. A. Costa & S.A. Mello (Orgs), *Teoria Histórico-Cultural na Educação de Infância: conversando com professoras e professores* (pp. 231-242). Curitiba: CRV.
- Azevedo, A. (2009). *Revelando as aprendizagens das crianças: a documentação pedagógica* (Tese de Mestrado). Universidade do Minho.
- Cardoso, J. (2014). *A Documentação Pedagógica e o Trabalho com Bebés: estudo de caso em uma creche universitária*. Universidade de São Paulo.
- Carvalho, I. (2016/17) *Projeto Pedagógico da sala berçário* (Documento de apoio). Documento não publicado, Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade, Évora.
- Chaer, G., Diniz, R. & Ribeiro, E. (2011). A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, v. 7, n. 7, p. 251-266.
- Chaveiro, V. (2017/18) *Projeto Pedagógico da sala dos 5 anos* (Documento de apoio). Documento não publicado, Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade, Évora.
- Coutinho, P. C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, J. M. & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 13, 2, pp-455- 479.
- Dahlberg, G., Moss, P. & Pence, A. (2003). *Qualidade na Educação da Primeira Infância: Perspetivas pós-modernas*. Brasil: Artmed Editora.
- Folque, M. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: O modelo pedagógico do movimento da escola moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Formosinho, J., Oliveira-Formosinho, J., Araújo, B. S., Lino, D., Folque, A. M., Bettencourt, M., Santos, L. M., Fochi, S. P., Machado, I. & Sousa, J. (2018). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche*. Porto: Porto Editora.

- Gontijo, F. (2011). *Documentação pedagógica como instrumento de reflexão e produção docente na educação infantil*. Paidéia, Revista do curso de pedagogia da universidade FUMEC, n.10, pp. 119-134.
- González, F. P. (2002). O Movimento da Escola Moderna: um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar. Revista Lusófona de Educação, n.9. Porto: Porto Editora.
- Horn, I. C. & Fabris, H. T. E. (2018). Documentação Pedagógica na Educação Infantil: Tecnologia de Governo da Infância Contemporânea. Educação Temática Digital, 20, 2, pp. 539- 554.
- Jardim Infantil Nossa Senhora da Piedade (2017/18). Projeto Educativo (Documento de apoio). Documento não publicado, Évora.
- Lemos, A. (2015). *Documentar e divulgar os saberes construídos no jardim-de-infância*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Malavasi, L. & Zoccatelli, B. (2013). Documentar os projetos nos serviços educativos. Lisboa: APEI- Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Marques, A. (2010). A construção de Práticas de Registos e Documentação no Cotidiano do Trabalho Pedagógico da Educação Infantil (Tese: Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo: Faculdade de Educação.
- Marques, A. & Almeida, M. (2011). *A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades*. Universidade de São Paulo.
- Máximo-Esteves, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-ação. Porto: Porto Editora.
- Mendonça, C. (2009). A documentação pedagógica como processo de investigação e reflexão na educação infantil (Tese de Pós-graduação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo.
- Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), Reflectir e investigar sobre a prática profissional (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- Post, J., Hohmann, M., Bahia, S. & Figueira, C. C. M. (2011). *Educação de bebés em infantários: Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Ritchter, S. & Barbosa, M. (2010). Os bebés interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. Educação (UFSM), Universidade Federal de Santa Maria.
- Sarmiento, T. (2005). (Re)pensar a interacção escola-família. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho, v.18, pp.53-75.
- Silva, B. & Craveiro, C. (2014). O portefólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância: considerações sobre a sua prática. Revista Zero-a-seis, v.29, pp. 33-53.
- Silva, I., Rosa, M. & Mata, L. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor.
- UNICEF. (1989) *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Consultada a 8 de Janeiro de 2018, em: http://www.parlamento.pt/const_leg/crp_port/index.html

Apêndices

Apêndices A: Registos feitos em creche

(Apresento um exemplo de registo de cada criança. Os registos foram enviados com os nomes e as caras das crianças visíveis)

26 de Abril de 2017



Estava um livro de pano perto da C. (1:1) e ela largou a parede, onde estava apoiada, e alcançou o livro. Sentou-se e começou a ver os animais que estavam no livro, como percebi que estava muito interessada disse:

Eu: Olha uma vaca, muuuu. (Ela olhou para mim, sorriu e depois virou a página e apontou para o galo)

Eu: É o galo, cocorocó!

A C. (1:1) gosta muito de livros e de histórias, principalmente a sessão da Bru Junça. Fica sempre muito empolgada e envolvida nestes momentos.

27 de Abril de 2017



Hoje estiveram a explorar o papel celofane e a C. (1:1) ficou um pouco reticente no início, mas quando lhe dei o papel para a mão teve logo o instinto de o abanar porque fazia barulho. Enquanto abanava fazia uma cara de admiração porque o papel fazia muito barulho.

Resposta da mãe da C.:

Este segundo registo vai de encontro ao primeiro! A C. fica sempre muito curiosa com as imagens dos livros. Se as imagens tiverem animais melhor ainda! Adora que nós façamos a imitação dos sons dos animais, e alguns já ela tenta reproduzir, como o cão ("faz um ououou semelhante ao ãoãõãõ) ou o porco (franze o nariz e inspira com força na tentativa de imitar o oiuiuoiu)!

Quanto ao papel de celofane, ela fica sempre muito reticente as coisas que não conhece...é curiosa mas numa primeira impressão faz uma expressão séria...depois de perceber o que faz ou como funciona explora já sem medos!

26 de Abril de 2017



Hoje a R. (1:5) foi buscar o livro de pano e deitou-se no colchão a vê-lo. Como eu estava ao lado dela percebi que estava bastante envolvida porque apontava para as imagens e falava ao mesmo tempo.

Eu: Que animal é este Rita? (Ela pontou para o galo)

Eu: É o cão," ão-ã-ão".

Ao mesmo tempo que eu dizia "ã-ã-ã" ela abria a boca dela a imitar os gestos que eu fazia com a minha boca.

Tenho observado que a R. (1:5) adora ver as imagens dos livros e principalmente ouvir histórias. Ela vai buscalos por iniciativa própria muitas das vezes.

A R. (1:5) demonstra muito interesse em querer imitar as palavras que dizemos, pois tenta repetir através de sons e pelos gestos com a boca.

27 de Abril de 2017



Neste dia a R. (1:5) explorou o papel celofane. Ela adorou porque abanava várias vezes o papel para fazer barulho, colocou na cabeça e andava pela sala enquanto sorria. Quando colocou em frente à vista abanava as mãos e sorria porque via tudo de outra cor.

Foi muito divertido este momento, todas as crianças adoraram este novo material. Coloquei um registo à porta da sala com algumas fotografias, espero que goste.

Resposta da mãe da R.:

A R. cá em casa também gosta de brincar com os livros dos manos, mas gosta mesmo é de rasgar folhas. Mas se paramos e lhe mostramos as imagens e as vamos descrevendo também fica bastante atenta. Os sons já vai tentando imitar sim, mas só os que lhe interessa.. e quando lhe apetece...

Já tinha visto o registo á porta. Tudo o que seja barulho muito barulho, ela delira literalmente...

9 de Maio de 2017



Hoje fomos até ao salão e a L. (0:10) foi por iniciativa própria para o túnel e uma das vezes até levou a bola lá para dentro.

Foi um momento muito divertido e a L. (0:10) adorou porque brincou com as bolas e o túnel foi o elemento que mais lhe suscitou interesse.

11 de Maio de 2017



Neste dia a L. (0:10) foi para perto do registo dos animais domésticos, colocou-se de joelhos, esticou o braço direito e retirou a imagem da tartaruga. Ao mesmo tempo que puxava a imagem palreava.

Foi neste dia que levei o registo dos animais e percebi que a L. (0:10) gostou muito das imagens e o facto de poder retirar e colocar também lhe provocou interesse.

Resposta da mãe da L.:

Muito obrigada Ines!! É muito bom ter os registos da L. porque assim sentimos que também fazemos parte desses momentos e descobertas que ela vive no colégio!

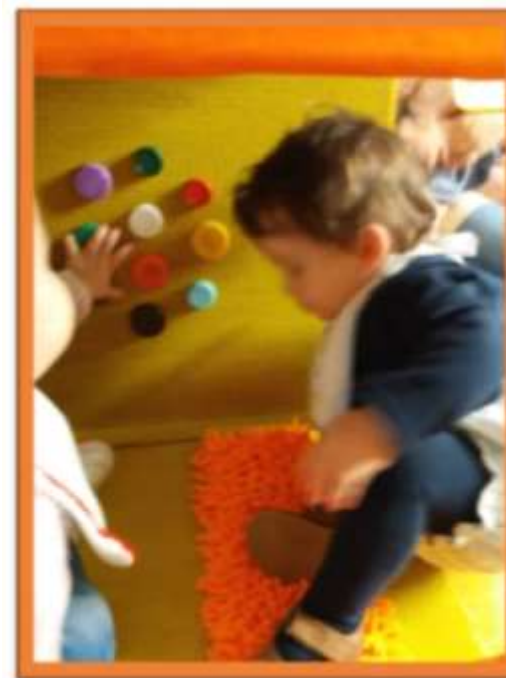
Muito obrigada!

2 de Maio de 2017



Hoje fomos até o nosso quintal brincar um bocadinho. A L. P. (1:3) adorou porque mal chegamos foi das crianças que começou logo a andar muito rápido de um lado para o outro, queria mexer em tudo, tem demonstrado ser uma criança muito curiosa. Ah e muito aventureira porque queria ir para a rampa que temos na entrada do quintal.

4 de Maio de 2017



Hoje levei uma caixa para a nossa sala e a L. P. (1:3) gostou muito porque foi várias vezes lá para dentro, entrava por um lado e saía pelo outro, espreitava pela janela e por vezes abanava a caixa quando estava cá fora.

Resposta da mãe da L.P.:

Olá Inês, obrigada pela partilha é sempre bom saber como é vivido o dia a dia da Luisi. no colégio.

A Luisi. é muito curiosa, muito observadora e interessada em tudo o que a rodeia. Também é muito independente! É amorosa, meiguinha, muito querida, enfim é a minha filha!! 😊

Pelo que tenho observado, a Inês tem proporcionado o contacto com novos materiais e atividades variadas muito interessantes. Da minha parte agradeço também toda a disponibilidade que tem demonstrado e o carinho que sinto que tem pela minha Luisi..

Continue o bom trabalho,

Beijinhos.

5 de Maio de 2017



Esta semana levei uma caixa para a nossa sala e suscitou muito interesse por parte da maioria das crianças. A L. M. (1:2) preferiu ficar cá fora mas a espreitar pela janela o que os amigos estavam a fazer lá dentro.

5 de Maio de 2017



A L. M. (1:2) estava em frente ao espelho a brincar com duas bolas, isto é, estava com uma bola em cada mão e batia uma na outra. Enquanto isso estava bastante concentrada, mas ao mesmo tempo soltava alguns sorrisos, nem reparou na minha presença.

Reposta da mãe da L.M.:

Muito obrigada pelos registo!! Gostei imenso de ver!!

São sempre bons e importantes para mim porque vou vendo a luisi. ...

pois é na creche que ela tem as grandes evoluções e assim ao enviar me consigo estar a par do desenvolvimento dela.

28 de Abril de 2017



Hoje tivemos na nossa sala a Bru Junça com as suas histórias, lengalengas e canções. Foi muito divertido e a B. (1:1) esteve sempre muito atenta a tudo. Por vezes sorria quando a Bru cantava e no final da sessão bateu palmas.

No final a Bru deixou que eles tocassem nos livros e a B. (1:1) esticou-se logo para poder alcançar um.

Resposta da mãe da B.:

Boa noite Inês.

Antes de mais agradeço os registos enviados. Desconheço as metodologias pelas quais será avaliada e enquanto pais, apenas lhe posso dizer que ficamos maravilhados e delirantes por podermos espreitar o dia-a-dia da nossa filhota. É que tem mesmo um gostinho especial ver imagens, mesmo que já nos possam ter sido relatados comportamentos.

Desejo que tudo corra bem e concerteza dará uma ótima profissional, pois já começa muito bem, com grande cuidado e preocupação.

Se pudermos ajudar em alguma coisa, disponha.

8 de Maio de 2017



Hoje contei a história “Bolas de sabão” e levei também bolas de sabão para a nossa sala. Foi um momento muito divertido porque o G. (1:4) queria era pegar nas bolas, como sempre foi muito expressivo enquanto via as bolas a caírem dizia “uhuh”.

9 de Maio de 2017



Neste dia fomos até ao nosso salão e o G. (1:4) foi várias vezes para dentro do túnel, percorria-o muito rápido e sem medo algum. Brincou muito com as bolas, eu chutava e depois ele ia atrás da bola para chutar também. Ele gosta muito de bolas, sempre que brincamos com bolas ele é muito participativo. Ainda rebolou no colchão com a ajuda da educadora Isabel.

Foi um momento de muito movimento e o que lhe agradou bastante porque podia andar à vontade pois o espaço é grande.

8 de Maio de 2017



Hoje levei o livro “Bolas de sabão” para ler e também levei bolas de sabão para a nossa sala. Foi muito divertido porque sempre que sobrava o J. M. (1:4) ia atrás para tentar apanhar as bolas. Repetiu isto diversas vezes, era visível que estava a gostar porque não parava de querer apanhar.

11 de Maio de 2017



Hoje estivemos a brincar com chapéus e o J. M. (1:4) adorou porque durante a manhã toda não tirou o chapéu (fotografia) da cabeça e ia várias vezes para perto do espelho para se ver.

Apêndices B: Registos feitos em jardim de infância- “O que estive a fazer...”.
(Os registos foram colocados no placard com os nomes e as caras das crianças visíveis)

X. C.

15-11-2017



Eu: X. diz-me uma coisa, o que estavas a fazer aqui?

X. C.: A desenhar debaixo da mesa.

Eu: Estavas a desenhar o quê?

X. C.: Estava a desenhar a mesa de jantar de uma sala.

Eu: Fomos ver essa sala onde?

X. C.: Foi quando fomos ter com o João Pedro ver um Palácio.

Eu: Ah ok, mas aqui tens desenhado uns meninos.

X. C.: Isso é do teto. No teto havia desenhos de meninos. Ah e estava ao lado do T. F. a fazer o desenho, olha aqui (apontou para a fotografia).

Este momento surgiu depois de termos ido visitar o Palácio dos Condes de Basto, porque o guia (João Pedro) lançou-lhes o desafio de desenharem deitados. Onde tinham de se lembrar dos desenhos que estavam em muitos dos tetos ao longo do Palácio e desenhavam deitados com a folha colada por baixo da mesa. Foi um momento muito divertido para todos!

M. P.

16-11-2017



Eu: Mariana lembraste o que estavas a fazer aqui?

M. P.: Um quantos queres.

Eu: E como o fizeste?

M. P.: Primeiro tirei uma folha, depois dobrei um bocadinho e depois dobrei mais um bocadinho. Depois pus uma parte da folha para a frente, outro para a frente, depois outro e outro. Depois fiz bolinhas e escrevi o número 3, 4, 2 e dois meninos dentro do quantos queres.

Eu: Deve ter dado muito trabalho, não?

M. P.: Não, não.

Eu: Gostaste?

M. P.: Sim, foi giro.

A M. P. é bastante participativa nas atividades que são propostas. Nesta manhã, depois de ter feito o quantos queres, andou pela sala a perguntar aos amigos quantos queriam.

M. do C. Couti.

22-11-2017



Eu: O que estavas a fazer nestas fotografias Carminho?

M. do C. Couti.: Estava a dizer que era para fazerem levezinho e depois apareciam os risquinhos das folhas.

Eu: Esses risquinhos são o quê?

M. do C. Couti.: Ah já sei, é o padrão da folha.

Neste dia a M. do C. Couti. esteve a explicar aos amigos da sala como se fazia o decalque das folhas do Outono. Este momento surgiu, porque a M. do C. Couti. trouxe para a sala um livro que tinha muitas atividades que podiam fazer com as folhas, e uma delas é o decalque das folhas do Outono.

M. P.

22- 11-2017



Eu: Lembraste o que estavas a fazer aqui?

M. P.: Estava a procurar o Van Gogh com o penso. Só que não encontrámos, mas depois encontrámos.

Eu: O Van Gogh tinha o penso onde?

M. P.: Na Orelha.

Para poderem pintar as obras do Van Gogh tiveram de fazer uma seleção de algumas obras e a M. quis ajudar os amigos a procurar a obra do autorretrato do Van Gogh com o penso na orelha.

M. B.

22-11-2017



Eu: M., o que estavas a fazer nestas fotografias?

M. B.: Estava a ver se estavam a fazer bem. E depois tive de explicar ao Gui como se colava, porque o Gui não estava a perceber e tive de fazer para ele ver.

Este momento surgiu, porque a M. B. trouxe de casa uns binóculos feitos com rolos de cozinha e quis ensinar aos amigos como tinha feito. Criamos um atelier “Eu projetei” e, desta forma, todas as crianças podem ensinar o que fizeram em casa. Todos adoraram esta atividade!

A. R.

23-11-2017



Eu: A., o que estavas a fazer aqui? Lembraste?

A. R.: Sim, construí um “perodátil”.

Eu: Um “perodátil” é o quê?

A. R.: É um dinossauro.

Eu: Ah, tenho que pesquisar. Eu não conheço os nomes dos dinossauros. E estavas com quem?

A. R.: Estava com o G..

Eu: Estou a ver aqui nas fotografias e a tua construção foi bastante elaborada, como construístes?

A. R.: Pus esta peça vermelha, depois a cabeça, as asas, depois a peça verde e a rosa.

Eu: Essas peças verdes e rosas eram o quê?

A. R.: Eram lasers.

Eu: Uau, obrigada por me explicares como era o teu dinossauro.

Mais tarde fui pesquisar o dinossauro que o A. me estava a dizer e é o Pterodáctilo. Estou todos os dias a aprender coisas novas com eles. O A. adora estar na área dos jogos para poder fazer as suas construções muito originais.

M. L. S.

23-11-2017



Eu: L., lembraste o que estavas a fazer aqui?

M. L. S.: Estava a fazer uma coisa.

Eu: Que coisa?

M. L. S.: Estava a fazer uma boneca com pontinhos.

Eu: Fizeste onde?

M. L. S.: Por cima da luz.

Eu: Da caixa de luz. Estavas a gostar?

M. L. S.: Sim, fiz muitos pontinhos no cabelo.

A L. adorou este momento, ficou bastante tempo a fazer os pontinhos por cima da caixa da luz, pois queria desfrutar à sua maneira daquela atividade.

R. C.

05-12-2017



Eu: R., estás a fazer o quê aqui?

R. S.: Fiz um controlo remoto.

Eu: Serve para quê?

R. S.: Para controlar, ele não se consegue controlar sozinho.

Eu: O que é que não se consegue controlar sozinho?

R. S.: O robô.

Eu: Como é que construístes?

R. S.: Com duas peças grandes, uma peça azul, muitas peças grandes. Olha e dá para ficar assim.

Eu: Assim como?

R. S.: Quase pessoa, em pé, também roda e fica deitado.

O R. gosta muito de comunicar o que faz, pois, além de chamar várias vezes os adultos para verem o que fez, também se inscreve diversas vezes nas comunicações para partilhar com os amigos.

M. M.

05-12-2017



Eu: Guigui o que fizeste aqui?

M. M.: Então fiz uns óculos que tinha uma parte que estava desmontada e que fazia música.

Eu: A sério? Uns óculos com música? Uau, que espetáculo!

M. M.: Sim, mas essa parte caiu.

Eu: E como construístes os teus óculos?

M. M.: Pus estas partes juntas e depois estas do lado.

Eu: E fizeste onde?

M. M.: Nos jogos.

Eu: Escolheste estas cores por algum motivo?

M. M.: Sim, era para ser colorido.

Eu: E foi difícil?

M. M.: Não, porque só pus 4 peças (contou antes de dizer).

No dia em que a M. construiu os óculos foi-me mostrar e pediu para tirar uma fotografia. Nessa manhã andou pelas áreas com os óculos que tinha feito.

G. R.

05-12-2017



Eu: G. lembraste do que estavas a fazer aqui?

G. R.: Sim, fiz um robô que voa e tem espadas e roda.

Eu: Fizeste onde?

G. R.: Nos jogos.

Eu: Gostas muito de estar na área dos jogos?

G. R.: Gosto, o A. é que nunca quer sair.

Eu: É com ele que costumavas brincar na área dos jogos?

G. R.: Sim. Olha está ali uma peça azul e brilhante (apontou para a peça que está atrás do braço dele).

Eu: Ah, pois está! Estás atento. Então e como fizeste o teu robô?

(começou a contar as peças)

G. R.: Pus seis peças e fiz o robô.

A área dos jogos é a mais utilizada pelo G.. Adora fazer as suas construções muito originais e depois utilizá-las nas suas brincadeiras com os amigos.

F. F.

05-12-2017



Eu: O que estás a fazer F.?

F. F.: A experiência dos ovos.

Eu: Uau, como vais fazer essa experiência?

F. F.: Vou por água aqui (cuvete de cubos de gelo) e os ovos. Vou deixar durante duas noites para ver se seca.

Eu: Estás a fazer sozinho?

F. F.: Não, estou a fazer com o B., ele é o meu ajudante.

Eu: Estou a reparar que também estão a ouvir música.

F. F.: Sim, a música acalma-nos e trabalhamos melhor.

Neste momento captei o desenvolvimento da experiência do F., em que me suscitou interesse, porque estava a levar aquilo muito a sério. E o facto de se sentir mais concentrado com a música era verdade, porque sempre que a música parava ele voltava a pôr a tocar.

T. F.

12-12-2017



Eu: Estás a ver estas fotografias? Lembraste o que fizeste aqui?

T. F.: Sim, fiz uma experiência com bicarbonato.

Eu: E colocaste esse bicarbonato onde?

T. F.: Aqui nestes dois copos (apontou para a fotografia).

Eu: Quantas colheres colocaste?

T. F.: Um, dois, três, quatro, cinco e seis.

Eu: Em cada copo?

T. F.: Não, três colheres em cada copo.

Eu: Ah ok. E depois?

T. F.: Depois pus um bocadinho de vinagre em cada copo e mexi, mexi e mexi.

Eu: E aconteceu alguma coisa?

T. F.: Fez barulho, acho que era porque eu mexi muito. E no final gostei muito quando todos estavam a bater uma salva de palmas.

O T. F. quis fazer a experiência com os amigos que tinha trazido de casa. No momento “Eu projetei” o T. explicou muito bem o que estava a fazer e as quantidades necessárias de bicarbonato de sódio e vinagre. Gostámos tanto que no final mereceu muitas palmas!

T. M.

13-12-2017



Eu: T. o que fizeste aqui?

T. M.: Desenhei um jogo de futebol. Que era o Real Madrid contra o Atlético.

Eu: Eu lembro-me que quando me mostrar-te o desenho tinhas dito o porquê de teres desenhado. Era o quê?

T. M.: Eu desenhei, porque o meu pai é espanhol e gosta do Real Madrid e o pai do meu pai gosta do Atlético.

Eu: Desenhaste como?

T. M.: Desenhei com canetas e desenhei as balizas, os bancos que eram os bancos para os jogadores se sentarem. E este é o arbitro, está aqui o apito (apontou).

Eu: Aqui eles já estavam a jogar?

T. M.: Não, estavam a cantar o hino. Nos jogos cantam o hino primeiro.

O T. quando terminou o desenho foi logo ter comigo para eu poder ver o que tinha feito. Este momento foi muito bom para mim, porque conheci mais um pouco sobre o Tomás e percebi que é um perito em futebol.

S. N.

13-12-2017



Eu: S. lembraste o que estavas a fazer aqui?

S. N.: Estava a fazer o céu estrelado. Estava a pintar por dentro do castelo.

Eu: De que cor?

S. N.: Preto.

Eu: E como fizeste?

S. N.: Só tive a ver aqui (imagem da “Noite Estrelada”) e depois vou vendo para pintar.

Eu: Fizeste a tua pintura onde?

S. N.: Na minha sala. Mas havia mais meninos que estavam a pintar ao pé de mim. Dava para muitos meninos.

O S. quando está bastante envolvido é um menino que transmite isso através de expressões. Como por exemplo, morder um bocadinho da língua. Achei esse pormenor encantador e achei interessante partilhar convosco.

M. V.

13-12-2017



Eu: M., o que estavas a fazer aqui?

M. V.: Estava a coser.

Eu: A coser o quê?

M. V.: Estávamos a fazer o fogo e a lava e a seguir fizemos riscas. As riscas não sei o que era, porque eles não me disseram.

Eu: Ah, então fizeste com mais alguém?

M. V.: Sim, com o S., o T. M., o T. F. e o B..

Eu: Aprendeste a coser com alguém?

M. V.: Sim, em casa da minha avó em malha. Quando estiver em casa da minha avó vou fazer uma malha. Primeiro a agulha não pica e depois é outras fases.

Eu: Então já sabes coser bem. Estiveste a ensinar os amigos?

M. V.: Sim, com a M. D. também, mas ela não está aqui (fotografia).

Captei este momento e achei delicioso partilhar convosco o grande envolvimento da M. e a interajuda que existiu entre todos.

M. D.

13-12-2017



Eu: M., lembraste deste dia? O que estavas a fazer?

M. D.: Estava a fazer o autorretrato do Van Gogh.

Eu: Fizeste como?

M. D.: Fiz com tintas e fiz aqui branco que era o penso. E depois fiz o chapéu.

Eu: Pintaste onde?

M. D.: Na sala de reuniões que era ao lado da sala da Fernanda.

Eu: O que mais gostaste desse momento?

M. D.: Gostei, porque estava quentinha e tinha música.

A M. D. enquanto pintava ia falando com os amigos, mas não deixava de fazer o seu esboço da obra do autorretrato do Van Gogh. A melhor parte foi quando pintou na tela, mas isso será surpresa!

G. C.

13-12-2017



Eu: Lembraste o que estavas a fazer aqui?

G. C.: Claro, estava a tratar dele com a colher das ciências, a concha e a estrela.

Eu: Fizeste o quê com a colher, a concha e a estrela?

G. C.: A estrela era quando era de noite e quando o bichinho estava na concha era de dia. Ah, eu estava também com a M., porque ela também tinha um bichinho.

Eu: Trouxeram de casa?

G. C.: Não! Encontramos no quintal e trouxemos para a sala.

Eu: Ah, e que bicho era esse?

G. C.: Não sei como é que se chama o bichinho, era meio castanho, tinha patas e tinha asas.

Este momento foi muito engraçado, porque o G. esteve muito tempo na área das ciências a cuidar do seu bichinho e no final até o colocou num recipiente para poder estar sempre com ele.

M. Duar.

19-12-2017



Eu: Mariana lembraste o que estavas a fazer aqui?

M. Duar.: Estava a coser uma casa.

Eu: E como fizeste essa casa?

M. Duar: Então primeiro cosemos assim (fez uma linha reta com a mão), depois virámos. Fizemos um quadrado. Depois uma risca meio torta e fizemos um bico que é do telhado.

Eu: As janelas eram de que forma?

M. Duar: Eram quadrados.

Eu: Foi difícil?

M. Duar.: As janelas eram difíceis, porque eram pequeninas e era difícil.

Eu: Fizeste sozinha?

M. Duar.: Não, fiz com a C. D. e o V. estava a fazer com a M. C..

A M. Duar. nesta fotografia estava, juntamente com o resto do grupo, a comunicar aos amigos como tinham feito a casa e quem tinha feito o quê. Mal terminaram de coser, quem me veio pedir para comunicar foi a M. Duar. e não foi a primeira vez, pois a mesma adora comunicar as suas descobertas, conquistas e criações.

C. D.

19-12-2017



Eu: O que estavas a fazer aqui?

C. D.: Uma casa.

Eu: Como fizeste a casa?

C. D.: Fiz um quadrado, depois fiz um telhado, depois era fazer um jeitinho e fazer a janelas... ah e no final a porta.

Eu: Bem, deve ter sido difícil?

C. D.: Não, foi fácil.

Eu: Fizeste sozinha?

C. D.: Não, fiz com a M. Duar..

Eu: Estou a ver aqui na fotografia que as janelas não estão fechadas.

C. D.: Pois, é mesmo assim. É para ser engraçado. Amanhã vou fazer um lago, depois mostro. Vai ser todo azul.

Eu: Então fica combinado!

Neste dia a C. D. comunicou ao resto da sala o que tinha feito com a M. Duar.. Foi muito interessante, porque o resto das crianças repararam que a casa não estava no chão e fez com que refletissem todos em conjunto e chegaram à conclusão que podiam fazer um prédio.

M. C. R.

19-12-2017



Eu: Carolina lembraste o que estavas a fazer aqui?

M. C. R.: Sim, estava a costurar.

Eu: E estavas a costurar o quê?

M. C. R.: Tava a tentar fazer uma janela para a casa.

Eu: Fizeste sozinha?

M. C. R.: Não, a Carolina Dordio estava-me a ajudar. Ah e a M. Duar. também. E também queria ensinar os outros meninos, mas quase toda a gente já sabia.

Eu: E a casa só tinha as janelas?

M. C. R.: Não, tinha janelas e telhado.

Eu: Não fizeram uma porta?

M. C. R.: Não, os outros amigos é que fizeram a porta. Acho que foi o R..

A M. C. R. é uma menina que gosta muito de brincar com os amigos e esta semana foi várias vezes para o tear vertical para coser em grupo. Neste momento coseram, em conjunto, uma casa.

B. J.

19-12-2017



Eu: B., fiquei interessada nesta tua construção.

B. J.: Deixa ver (mostrei a fotografia).

B. J.: Ah, eu fiz um senhor em cima de uma pedra e tinha duas cabeças.

Eu: Como fizeste?

B. J.: Primeiro pus uma peça, depois outra, depois outra e depois outra.

Eu: Fizeste sozinho?

B. J.: Sim, foi fácil.

Eu: E fizeste onde?

B. J.: Nos jogos.

Eu: E tem nome a tua construção.

B. J.: Não, mas posso inventar. Cabeçudo de duas cabeças. Sabes porquê?

Eu: Porquê?

B. J.: Porque ele tem uma cara para um lado e depois tem a outra cara para outro lado.

Eu: Que espetáculo. Adoro a tua construção!

O B. J. adora estar na área dos jogos a construir inúmeras coisas, tanto sozinho como com os amigos.

L. S.

20-12-2017



Eu: L. diz-me uma coisa, lembraste do que fizeste nesta fotografia?

L. S.: Foi uma exposição do Van Gogh.

Eu: Uau! Então como fizeste?

L. S.: Na minha mão está o Van Gogh pequenino. Depois fiz a cama do Van Gogh. Fizemos os girassóis e uma mesa e a última coisa foi... já não me lembro.

Eu: Ah, então fizeste com mais alguém?

L. S.: Sim, fiz com o A., o R. e o X..

Eu: Está incrível a vossa exposição. Eu lembro-me que neste dia até me chamaram para ver. E lembraste onde fizeram essa construção?

L. S.: Foi nos jogos.

Esta construção chamou-me logo a atenção e quando me vieram chamar para ver fiquei fascinada, porque no momento explicaram cada pormenor e depois brincaram os três com as suas construções.

A. B.

20-12-2017



Eu: A. diz-me uma coisa, lembraste o que estavas a fazer aqui?

A. B.: O Van Gogh.

Eu: E como fizeste o Van Gogh?

A. B.: Primeiro fiz a cara com os olhos, o nariz e a boca.

Eu: E aqui é o quê (apontei para a orelha).

A. B.: É a orelha. Fiz só uma, porque aqui ele só tinha uma.

Eu: Fizeste sozinho?

A. B.: Não, fiz com o X.. Nós depois íamos fazer o corpo, mas não deu. Ah, aqui em cima é o cabelo (apontou).

O tear vertical para coser em grupo tem sido muito cobiçado pela maioria das crianças e neste dia o A. quis coser com o X. o Van Gogh. Não se esqueceram de nenhum pormenor da cara do pintor e quando terminaram chamaram-me para ver o que tinham feito. Pessoalmente achei incrível o envolvimento do António, porque não tirava os olhos do tear enquanto estava a coser.

M. do C. C.

03-01-2018



Eu: Estás a fazer o quê?

M. do C. C.: Estou a meter os copos aqui para com estas coisas fazer assim. Olha estou a imaginar que estou a pôr água.

Eu: Estás a fazer uma experiência?

M. do C. C.: Sim.

Eu: A Leonor está-te a ajudar?

M. do C. C.: Não, ela está-me a fazer companhia.

A M. do C. C. estava na área das Ciências com a L. e chamou-me a atenção o facto de estar a imaginar que estava a colocar coisas dentro dos copos. Não é só a área do Faz-de-conta que os faz imaginar, sonhar e brincar ao faz de conta e este momento com a M. do C. C. é exemplo disso.

V. Z.

03-01-2018



Eu: Uau, que desenho tão bonito V.. O que desenhaste?

V. Z.: Fiz uma baliza, fiz uma seta (apontou) para verem que a bola vai para dentro da baliza.

Eu: E este és tu?

V. Z.: Não, esta é a professora do Batista e este é um jogador.

Eu: Ah, agora estou-me a lembrar que jogas futebol não é?

V. Z.: Sim, sou do Juventude. Jogamos todos lá!

Eu: Gostas muito de estar lá?

V. Z.: Sim, o Juventude é o melhor!

O V. fala várias vezes do grande gosto que tem em jogar futebol e sobretudo no Juventude. Inclusive, neste dia, pediu-me para lhe mostrar como era o estádio do Benfica por dentro e por fora (mostrei algumas fotografias que pesquisámos no meu telemóvel).

Apêndices C: Respostas aos questionários feitos em creche

(Apresento três exemplos de respostas aos inquéritos por questionário. Foram enviados e recebidos por correio eletrónico)

Caras mães e pais

Estou a terminar o meu estágio na sala de berçário e gostei imenso de conhecer os vossos bebés. Aprendi muito com todos (as).

Gostava agora que me pudessem dar feedback sobre os registos de momentos vividos na sala de berçário com as/os vossas/os bebés. Para isso preciso que respondam às perguntas que se seguem para que possa compreender o impacto que este meu trabalho teve na comunicação entre nós.

Que importância atribui aos registos documentados com fotografia e comentários que vos envie semanalmente por e-mail? Porquê?

Muito importante. Muito interessante, foi novidade para nós, permitindo-nos espreitar o dia-a-dia da nossa bebe que ainda não fala...

Que impacto tiveram no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (filha)? As imagens podem valer por vezes mais que as palavras. Muitas vezes é-nos explicada uma atividade que não conseguimos conceber no nosso pensamento mas que por imagens, sobretudo de participação ativa (como foi o caso da Beatriz), se tornam muito claras.

Considera importante a comunicação sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa na creche? Porquê?

Consideramos MUITO importante mas entendemos que também é MUITO difícil para os Educadores conseguirem manter este tipo de trabalho regularmente, atendendo às inúmeras peripécias e rodopio que pode ser um dia de atividades e cuidados com as crianças.

Qual a sua opinião sobre os registos que coloquei à porta da sala?

Chamam sem dúvida à atenção e despertam curiosidade. Levar e trazer os filhos da escola é muitas vezes uma tarefa rotineira e à pressa, não nos permitindo desfrutar destas preciosas informações que poderão ter para nos transmitir, preciosas sobretudo neste tão importantíssimo primeiro ano de vida, em que os nossos filhotes estão a perceber que são pessoas e que podem fazer coisas sozinhos... é um ano tão rico! Precisamos dos cuidadores dos nossos filhos para nos fazerem perceber que é preciso abrandar de vez em quando, ouvir, ver e desfrutar tudo o que eles andam a fazer, tudo o que cresceram!

Se tem sugestões a fazer para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do berçário, gostaria que expressasse a sua opinião.

Suspeitíssima a dizer isto mas... mais atividades com pais!!! Queremos mais atividades com pais, ou so com mãe, ou só com pais, em família...

Obrigada por ter ajudado a cuidar da nossa filha. Desejamos as maiores felicidades pessoais e profissionais.

Muito obrigada pelo tempo dispensado! Inês Ferreira

Caras mães e pais

Estou a terminar o meu estágio na sala de berçário e gostei imenso de conhecer os vossos bebés. Aprendi muito com todos (as).

Gostava agora que me pudessem dar feedback sobre os registos de momentos vividos na sala de berçário com as/os vossas/os bebés. Para isso preciso que respondam às perguntas que se seguem para que possa compreender o impacto que este meu trabalho teve na comunicação entre nós.

Que importância atribui aos registos documentados com fotografia e comentários que vos envie semanalmente por e-mail? Porquê?

Infelizmente para nós, a nossa filhota passa mais tempo no colégio do aquele que gostaríamos. Se fosse possível, gostaríamos de estar com ela a tempo inteiro para podermos presenciar todas as suas descobertas e aprendizagens. Como não nós é permitido isso, porque temos deveres profissionais, é muito importante para nós acompanharmos o seu desenvolvimento diário no colégio, perceber como se comporta na nossa ausência, o que descobriu, como reagiu. Foi muito interessante termos acesso a estes registos, foi uma forma de nós aproximarmos do dia-a-dia da nossa filha no colégio. Foi uma forma de estarmos lá, sem termos estafo fisicamente!

Que impacto tiveram no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (filha)?

Estes registos foram muito interessantes para nós porque nalguns revimos comportamentos que a nossa filha tem em casa, connosco, e outros mostraram nos novas descobertas (o mexer na terra, p.ex.) e conquistas (o dar passinhos sozinhas, p.ex.!) Enquanto pais é muito bom ter acesso a este tipo de informação e partilha, aproxima-nos do dia-adia da nossa filha que não presenciamos! Aproxima-nos do colégio, e das educadoras /auxiliares!

Considera importante a comunicação sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa na creche? Porquê?

Considero fundamental! Para nós enquanto pais, é muito importante acompanhar o desenvolvimento da nossa filha, e a melhor forma de o fazer, uma vez que não estamos presentes a tempo inteiro, é através da comunicação com quem cuida, mima, educa na nossa ausência – as educadoras/auxiliares! Tentamos perceber como foi o dia da Catarina, como esteve, como interage, como se comporta. Por norma não chegamos a perguntar, porque temos o feedback das educadoras/auxiliares (que são excepcionais). O termos tido acesso a estes registo foi um complemento muito positivo!

Qual a sua opinião sobre os registos que coloquei à porta da sala?

Os registos que estavam à porta da sala, a nós despertavam nos para as actividades que a Catarina tinha realizado, aguçando nos a curiosidade sobre a sua reação, sobre a forma como reagiu. Foram uma forma de nos “informar” do que tinha acontecido no colectivo com os bebés para que pudéssemos individualizar o desenvolvimento da Catarina!

Se tem sugestões a fazer para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do berçário, gostaria que expressasse a sua opinião.

Não tenho sugestões a fazer. Esta nossa experiência tem sido muito positiva. Sentimos plena confiança na Isabel, na Sónia, na Quinita, e mais tarde, da Inês e da Inês! Sentimos uma enorme abertura e

disponibilidade da parte da equipa para connosco. É notório o envolvimento da equipa com os bebés, e essa relação de confiança é a base da comunicação.

Muito obrigada pelo tempo dispensado!

Inês Ferreira

Caras mães e pais

Estou a terminar o meu estágio na sala de berçário e gostei imenso de conhecer os vossos bebés. Aprendi muito com todos (as).

Gostava agora que me pudessem dar feedback sobre os registos de momentos vividos na sala de berçário com as/os vossas/os bebés. Para isso preciso que respondam às perguntas que se seguem para que possa compreender o impacto que este meu trabalho teve na comunicação entre nós.

Que importância atribui aos registos documentados com fotografia e comentários que vos envie semanalmente por e-mail? Porquê?

Esses registos são para nos de grande importância pois permite-nos partilhar um pouco das descobertas que os nossos filhos fazem na creche, que nesta idade ocorrem quase diariamente. As fotografias fazem-nos sentir que também estivemos lá!

Que impacto tiveram no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (filha)?

Fizeram-nos ver que há muita coisa que já sabem fazer, palavras que entendem, conhecimentos que adquiriram na creche e que nós desconhecíamos, como por exemplo a capacidade de identificar os membros do agregado familiar em fotografias!

Considera importante a comunicação sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa na creche? Porquê?

Sim sim muito importante, através dessa comunicação conseguimos saber como passou o dia, se esteve bem disposta, se esteve rabugenta, podemos associar com alguma coisa que tenha acontecido nessa noite ou no dia anterior que possa ter influenciado o seu estado de espírito, permite-nos também conduzir as brincadeiras com ela em casa no sentido de cimentar descobertas que esteja a fazer durante os períodos em que esta na creche!

Qual a sua opinião sobre os registos que coloquei à porta da sala?

Os registos ficaram muito giro e sentimos que são muito úteis, só temos a agradecer a Inês todo o tempo, dedicação e carinho que deu a nossa filha! Muito obrigada!!

Se tem sugestões a fazer para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do berçário, gostaria que expressasse a sua opinião.

Acho que já funciona muito bem, seja através de e-mail, telefone ou contacto presencial, sentimo-nos muito incluídos no dia-a-dia da nossa filha.

Muito obrigada pelo tempo dispensado!

Inês Ferreira

Apêndices D: Repostas aos questionários feitos em jardim de infância
(Apresento três exemplos de repostas aos inquéritos por questionário)

Caras mães e pais

Estou a terminar o meu estágio na sala de 5 anos e gostei imenso de conhecer as vossas crianças. Aprendi muito com todos (as).

Gostava agora que me pudessem dar feedback sobre os registos de momentos vividos na sala de 5 anos com as/os vossas/os crianças. Para isso preciso que respondam às perguntas que se seguem para que possa compreender o impacto que este meu trabalho teve na comunicação entre nós.

Que importância atribui aos registos documentados com fotografia e diálogos que coloquei no placard "O que estive a fazer..."? Porquê?

Achei uma ideia muito interessante!
É bom estar a par e acompanhar as actividades diárias dos nossos filhos, no colégio.

Que impacto tiveram, estes registos, no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (filha)?

No meu caso, teve um grande impacto. A minha filha gosta de partilhar connigo todas as experiências do colégio e, os registos ajudaram-nos a completar toda a informação, já partilhada entre nós.

Considera importantes os registos sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa no jardim de infância? Porquê?

Considero muito importante!
Com os registos, torna-se mais fácil continuar ou completar algum "trabalho" e "aprendizagem" iniciada no colégio.
Ajuda-nos a compreender algumas perguntas, curiosidades ou conversas que trazem para casa.

Qual a sua opinião sobre o suporte tecnológico (tablet) com fotografias que coloquei à porta da sala?

Achei uma boa ideia!
Ajuda na partilha entre colégio/casa.



Tem sugestões para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do jardim de infância? Quais?

Nos 1^{os} anos da minha filha no colégio, tínhamos um "Caderno de portifolios" que, andava entre o colégio e casa. Durante a semana, estava no colégio e a educadora escrevia algumas novidades/actividades realizadas. Ao fim de semana, esse mesmo caderno, ia para casa e os pais escreviam no caderno actividades do ~~dia~~ fim de semana.

Muito obrigada pelo tempo dispensado!

Inês Ferreira

Na altura, a minha filha era pequena e não participava no preenchimento do caderno nós, com o passar dos anos, foi participar, certamente. Mas talvez, também seja uma boa ideia!

Caras mães e pais

Estou a terminar o meu estágio na sala de 5 anos e gostei imenso de conhecer as vossas crianças. Aprendi muito com todos (as).

Gostava agora que me pudessem dar feedback sobre os registos de momentos vividos na sala de 5 anos com as/os vossas/os crianças. Para isso preciso que respondam às perguntas que se seguem para que possa compreender o impacto que este meu trabalho teve na comunicação entre nós.

Que importância atribui aos registos documentados com fotografia e diálogos que coloquei no placard "O que estive a fazer..."? Porquê?

Acho bastante importante, pois ele gosta de expressar a actividade e de falar sobre ela.

Em conjunto com a fotografia onde se identifica fica feliz porque participou.

Que impacto tiveram, estes registos, no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (filha)?

O Afonso em casa diz que já consegue e que sabe fazer actividades diferentes e faz questão de mostrar aos pais e batermos palmas.

Considera importantes os registos sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa no jardim de infância? Porquê?

Muito importante. O Afonso era uma criança tímida, reservado, envergonhado e com o trabalho do jardim de infância e de todos os que envolvem o dia-a-dia dele, medou. Na primeira reunião que tive com a Vanda, ela perguntou-me o que eu gostava que mudasse no Afonso, eu respondi que gostava de ter o Afonso que é em casa: extrovertido, brincalhão, falador, feliz. E sinto-me realizada. ♥

Qual a sua opinião sobre o suporte tecnológico (tablet) com fotografias que coloquei à porta da sala?

O Afonso no Natal recebeu um tablet e chamou-me a atenção porque a Inês colocou fotos no tablet e mostrou-me as fotografias. Bastante interessante.



Tem sugestões para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do jardim de infância? Quais?

Eu estou muito feliz e orgulhosa pelo trabalho feito na escola.
O Afonso, por ser prematuro, andou a ser acompanhado pela
intervenção precoce e sempre me falavam no jardim n'esse Sra.
da Piedade:

Adiei: O Afonso teve um ano para entrar mas só entrou com

Muito obrigada pelo tempo dispensado!

Inês Ferreira

3 anos, teve medo, muito medo.
Mas o medo e a insegurança depressa
passaram porque tem pessoas amigas,
funcionárias impecáveis que me
transmitiram segurança e que
todos os dias me surpreendem com
o trabalho feito com os meninos.

Caras mães e pais

Estou a terminar o meu estágio na sala de 5 anos e gostei imenso de conhecer as vossas crianças. Aprendi muito com todos (as).

Gostava agora que me pudessem dar feedback sobre os registos de momentos vividos na sala de 5 anos com as/os vossas/os crianças. Para isso preciso que respondam às perguntas que se seguem para que possa compreender o impacto que este meu trabalho teve na comunicação entre nós.

Que importância atribui aos registos documentados com fotografia e diálogos que coloquei no placard "O que estive a fazer..."? Porquê?

É interessante pois ficamos com uma ideia mais concreta do que os nossos filhos fazem diariamente.

Que impacto tiveram, estes registos, no conhecimento que tem sobre as aprendizagens e desenvolvimento do (a) seu (sua) filho (filha)?

Muitos vezes não fazemos ideia que os nossos filhos já sabem determinadas coisas e através desses registos ficamos a saber.

Considera importantes os registos sobre as vivências do (a) seu (sua) filho (a) durante o período que passa no jardim de infância? Porquê?

Claro que sim. Aprendem muitas coisas que é sempre bom nós os pais estarmos a par do que eles aprendem.

Qual a sua opinião sobre o suporte tecnológico (tablet) com fotografias que coloquei à porta da sala?

Achei muito giro. É uma maneira de interagirem com os nossos filhos pois eles vêm os foto e explicam o que se passou.



Tem sugestões para aumentar a comunicação entre o contexto familiar e o contexto do jardim de infância? Quais?

Penso que o que já fazem é suficiente, vocês
melhor do que ninguém sabem quais os melhores
meios e maneiras de comunicar entre as famílias e
o colégio.

Muito obrigada pelo tempo dispensado!

Inês Ferreira